



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA



Se Deus é por nós, quem será contra nós?
Um estudo etnográfico do Grupo de Oração e Ação Social Frei
Jerônimo (GOASFJ)

Claudia Maria da Silva Cruz

Recife – PE

Claudia Maria da Silva Cruz

Título

Se Deus é por nós, quem será contra nós?

Um estudo etnográfico do Grupo de Oração e Ação Social Frei

Jerônimo (GOASFJ)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Roberta Bivar Carneiro Campos, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

Cruz, Claudia Maria da Silva

Se Deus é por nós, quem será contra nós? : um estudo etnográfico do grupo de oração e ação social Frei Jerônimo(GOASFJ). - Recife: O Autor, 2009.

130 folhas : il., fig., Tab.

Dissertação - (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia, 2009.

Inclui bibliografia e anexos.

1. Antropologia. 2. Catolicismo. 3. católicos – Associações, etc. 4. Comunidades cristãs – Emoções. 5. Religião – Pluralismo. I. Título.

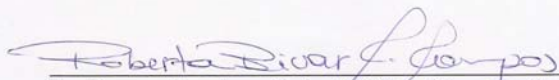
**39
390**

**CDU (2.
ed.)
CDD (22. ed.)**

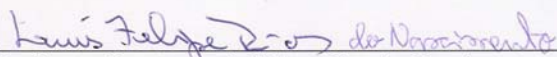
**UFPE
BCFCH2009/39**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

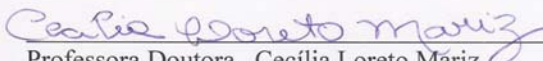
BANCA EXAMINADORA:



Professora Doutora Roberta Bivar Carneiro Campos
Pós-Graduação em Antropologia - UFPE



Professor Doutor Luís Felipe Rios do Nascimento
Pós-Graduação em Antropologia - UFPE



Professora Doutora Cecília Loreto Mariz
Pós-Graduação em Ciências Sociais - UERJ

Data da Defesa: 11/MARÇO/2009

RECIFE - 2009

Agradecimentos

A Deus, por me conduzir entre dificuldades e me deixar chegar até o fim.

À minha mãe, Magali da Silva Marinho, e ao meu esposo, Mauro Cezar da Silva Cruz, pela compreensão e estímulo que nunca faltaram ao longo dessa caminhada.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Roberta Bivar Carneiro Campos, por acreditar no meu trabalho, apoiando-me incondicionalmente, o que para mim representou muito. Por se tratar de uma antropóloga ética e responsável, sinto orgulho por ter tido a oportunidade de também ser orientanda de uma das grandes e profícuas pensadoras do campo religioso brasileiro.

Ao Prof. Dr. Luis Felipe Rios do Nascimento, pelo incentivo nos momentos difíceis, pela amizade, carinho e atenção com que sempre me brindou.

Aos meus colegas de mestrado: Alfredo Júnior, Ana Flávia, Bárbara Luna, Glauco Machado, Hosana Celi, Lígia Gama, Marcos Silva, Priscilla Carla, Priscilla Barbosa, Raimundo Nonato, Tiago Cantalice e Wagner Lira, pelos intensos momentos vividos de aprendizado. Ao meu grande amigo João Marcelo Silva, pelas horas de estudo compartilhadas e pelo companheirismo, que resultou em produtiva parceria em publicações conjuntas.

Aos meus amigos do doutorado: Cristiany Moraes, Eliane Anselmo, Greilson Lima, Miguel Vergara, Sandra Simone, pelas boas e valiosas conversas. Às amigas Carmen Lúcia e Socorro Figueiredo, pelo apoio e disponibilidade em me ajudar nos momentos de dúvidas e incertezas. Aos amigos Janecléia Rogério, Silvana Matos e Erisvelton Sávio pelo carinho e apoio.

Aos funcionários do PPGA/UFPE, em especial a Regina Sales, pelo carinho, atenção e cuidado com que sempre me tratou durante todo o período do curso de mestrado.

A Capes por ter possibilitado este trabalho, concedendo-me uma bolsa de estudos.

Ao PPGA/UFPE por ter me acolhido e me proporcionado a aventura de descortinar novos horizontes acadêmicos, em meio à aquisição e o treinamento de outros olhares e sensibilidades antropológicas.

Um agradecimento especial a Frei Jerônimo e a todos que fazem parte do seu Grupo de Oração e Ação Social, incluindo os voluntários, as “velhinhas do frei”, os fiéis e os frequentadores que, de um jeito ou de outro, sempre estiveram generosamente dispostos a me ajudar – com seu tempo, paciência e atenção - no que fosse preciso, para o bom desempenho desta pesquisa.

O presente trabalho apresenta um relato etnográfico do Grupo de Oração e Ação Social Frei Jerônimo (GOASFJ), surgido na década de 1990, nas cidades de Olinda e Recife, Estado de Pernambuco, após o afastamento do frade Jerônimo Gomes de Sousa, da Ordem dos Frades Menores (OFM) e das suas funções sacerdotais dentro da Igreja Católica, sob a acusação de praticar uma “antiliturgia” e “curandeirismo”. Por se tratar de um grupo constituído em torno do carisma do referido frei, a descrição empreendida privilegia a sua trajetória e ação, revelando como se dão as rupturas, continuidades e disputas entre ele e a hierarquia da Igreja Católica local. Para entendimento do fenômeno estudado, ofereço uma explanação da composição e das atividades desenvolvidas pelo GOASFJ, evidenciando o modo como tal grupo configura sua identidade nos moldes do Catolicismo, apesar de não estar formalmente inserido na Igreja Católica. Esta descrição ajuda no entendimento das modificações que ocorrem no cenário religioso atual, principalmente no que concerne ao Catolicismo, mostrando o crescente avanço do pluralismo institucional, decorrente da desinstitucionalização e desregulação religiosa.

Palavras-chaves: Catolicismo – taumaturgia - carisma – pluralismo religioso – comunidades emocionais - desinstitucionalização e desregulação religiosa

Abstract

This paper presents an ethnographic report of the Group of Prayer and Social Action Friar Jerônimo (GOASFJ), emerged in the 1990s, in the cities of Olinda and Recife, State of Pernambuco, after the removal of friar Jerônimo Gomes de Sousa, of the Order of Friars Minor (OFM) and their priestly functions within the Catholic Church on charges of practicing "antiliturgy" and being a "faith healer." It is a group formed around the charisma of the friar, the description taken favors its trajectory and action, revealing how to make the ruptures, continuities and differences between the Group and the hierarchy of the local Catholic Church. To understand the phenomenon studied, it is offered an explanation of the composition and activities developed by the GOASFJ, showing how it sets its group identity in the form of Catholicism, although not formally included in the Catholic Church. This description helps in the understanding of the changes occurring in the present religious scenario, especially with regards to Catholicism, showing the increasing pluralism of institutional advancement, from the religious non-institutionalization and deregulation.

Keywords: Catholicism - thaumaturgy - Charisma - religious pluralism - emotional communities - religious institutionalization and deregulation

Sumário

<i>Introdução.....</i>	<i>1</i>
<i>Capítulo I – O percurso teórico-metodológico.....</i>	<i>6</i>
1.1 - A trajetória da pesquisa	9
1.2 - O <i>locus</i> e os sujeitos da pesquisa.....	13
1.3 - Delimitação teórica da investigação	21
<i>Capítulo II – Frei Jerônimo: o narrador e sua trajetória.....</i>	<i>32</i>
2.1 - A descoberta da vocação e o pertencimento a Igreja.....	34
2.2 – Conflito e ruptura com a Igreja.....	43
2.3 – A desinstitucionalização de um líder religioso	51
<i>Capítulo III - O Grupo de Oração e Ação Social Frei Jerônimo - GOASFJ.....</i>	<i>54</i>
3.1 – Oração e ação	54
3.2 – Festas.....	63
3.3 – Louvor, cura e ação social	72
3.4 – Considerando as mediações externas exercidas pelo GOASFJ	86
<i>Capítulo IV - A Lei e o Profeta</i>	<i>91</i>
4.1 - Igreja, hierarquia e poder	91
4.2 - Mito, ritual e autonomia religiosa.....	93
4.3 – Carisma, dom e aliança	97
4.4 - Desregulamentação e dessecularização religiosas.....	108
<i>Considerações finais.....</i>	<i>111</i>
<i>Referências Bibliográficas.....</i>	<i>116</i>
<i>Anexos.....</i>	<i>121</i>

Lista de siglas e abreviaturas

CEBs. - Comunidades Eclesiais de Base

CELAM - Conselho Episcopal Latino-Americano

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CPT - Comissão Pastoral da Terra

F+J – Frei Jerônimo

FOCCA – Faculdade Olindense de Ciências Contábeis e Administrativas

FUNESO - Fundação de Ensino Superior de Olinda

GOASFJ – Grupo de Oração e Ação Social Frei Jerônimo

ITER – Instituto de Teologia do Recife

IURD - Igreja Universal do Reino de Deus

JUC – Juventude Universitária Católica

OFM - Ordem dos Frades Menores

PPGA - Programa de Pós-Graduação em Antropologia

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

RCC - Renovação Carismática Católica

SERENE - Seminário Regional Nordeste II

UCAM - Universidade Cândido Mendes

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UNEC – Unión Nacional de Estudiantes Católicos do Peru

Lista de figuras e tabelas

Figura 1: Frei Jerônimo proferindo uma oração de cura

Figura 2: Frei Jerônimo proferindo uma oração de cura.

Figura 3: Celebração de Louvor em Olinda (PE).

Figuras 4, 5, 6, e 7: Frente e verso da cartela do bingo beneficente.

Tabela 1: Seleção e Classificação dos 19 informantes desta pesquisa.

Figura 8: Voluntárias do GOASFJ.

Figura 9: Frei Jerônimo e a voluntária Dona Ruth Hazin em frente ao altar no Louvor, em Olinda.

Figura 10: Louvor em Olinda.

Figura 11: Altar da Celebração de Louvor, no bairro do Carmo, em Olinda.

Figura 12: Louvor em Boa Viagem, em Recife.

Figura 13: Celebração de Louvor em Olinda.

Tabela 2: Evolução estatística dos católicos e evangélicos no Brasil.

Figura 14: Frei Jerônimo e seu irmão, Frei Jonaldo, na celebração dos 42 anos de sacerdócio deste último.

Figura 15: Dona Jupira.

Figura 16: Membros do GOASFJ.

Figura 17: Presença da Prefeita de Olinda, Luciana Santos, na Celebração de Louvor no Clube Atlântico.

Figura 18: Frei Jerônimo realizando atendimento individual.

Tabela 3: Organograma do GOASFJ.

Tabela 4: Estrutura do GOASFJ no bairro de Boa Viagem, em Recife.

Tabela 5: Estrutura do GOASFJ no bairro do Carmo, em Olinda.

Tabela 6: Organograma resumo da estrutura geral do GOASFJ.

Figura 19: Distribuição do café da manhã na casa de Frei Jerônimo.

Figura 20: Distribuição de presentes na Festa do Dia das Mães.

Figuras 21 e 22: Bingo realizado pelo GOASFJ.

Figura 23: Coleta das ofertas do Louvor de Olinda.

Figura 24: Fac-símile do envelope para contribuições em dinheiro.

Figura 25: Fotos e carteiras colocados sobre o altar na Celebração de Louvor.

Tabela 7: Estrutura da Celebração de Louvor.

Figura 26: Frei Jerônimo e voluntárias distribuindo sopa.

Figuras 27, 28 e 29: Distribuição de sopa e pão.

Figura 30: Atendimento médico realizado por Dr. Carlos Nascimento no ambulatório do GOASFJ.

Figura 31: Louvor na quadra do colégio ELO, em Boa Viagem.

Figura 32: Convite para o jantar de adesão da candidatura a vereador de Frei Jerônimo.

Figura 33: Santinho da campanha a vereador.

Figuras 33, 34, 35 e 36: Propaganda eleitoral da campanha a vereador de Frei Jerônimo em 2008.

Introdução

No campo da Antropologia da Religião o Catolicismo é um assunto recorrente. As inúmeras investigações empreendidas vêm possibilitando a constituição de um acervo significativo para a Antropologia. Esta dissertação vem integrar tal produção, representando mais uma oportunidade de análise das dinâmicas presentes no Catolicismo contemporâneo. Em síntese, a análise empreendida aqui aborda conceitos e questões tais como: pluralismo religioso, desregulação institucional da religião, comunidades emocionais, portadores de carisma e transformações no Catolicismo brasileiro hodierno, sem ignorar as discussões sobre secularização e dessecularização da religião na modernidade.

Essa reflexão foi viabilizada através do estudo do Grupo de Oração e Ação Social Frei Jerônimo (doravante, GOASFJ), que surgiu na década de 1990, na cidade de Olinda e respectivamente em Recife, após o afastamento do Frei Jerônimo Gomes de Souza da Ordem dos Frades Menores (OFM) e de suas funções sacerdotais, sob a acusação de praticar uma “antiliturgia” e “curandeirismo”¹ na Igreja Católica. A decisão do Arcebispo da Arquidiocese de Olinda e Recife,² Dom José Cardoso Sobrinho, o impossibilitou de continuar exercendo seu ofício religioso nas paróquias de São Pedro Mártir, Nosso Senhor do Bonfim e São José dos Pescadores, todas situadas na histórica cidade de Olinda, Patrimônio Cultural da Humanidade.

Revoltados com esse posicionamento da hierarquia da Igreja local, um grupo de voluntários e de seguidores resolveu acolher e apoiar o sacerdote demissionário, passando desde então a custear sua manutenção pessoal, assumindo despesas tais como: moradia, alimentação e medicamentos. Firmando-se na qualidade de seus fiéis, eles passaram a participar e organizar louvores³ nas casas de pessoas amigas, que se solidarizaram com a

1. Os termos “antiliturgia” e “curandeirismo”, usados para qualificar as práticas religiosas de Frei Jerônimo, surgiram, pela primeira vez, em declarações dadas pelo frade franciscano, publicadas numa reportagem do Jornal do Commercio de 7 de junho de 1997, relatando seu afastamento pela Arquidiocese do clero secular.

2. A Arquidiocese de Olinda e Recife abrange ainda o Arquipélago de Fernando de Noronha e os Municípios de Abreu e Lima, Amaraji, Araçoiaba, Cabo de Santo Agostinho, Camaragibe, Escada, Igarassu, Ipojuca, Itamaracá, Itapissuma, Jaboatão dos Guararapes, Moreno, Olinda, Paulista, Pombos, Primavera, Recife, São Lourenço da Mata e Vitória de Santo Antão.

3. Os louvores do Frei Jerônimo serão tratados mais detalhadamente – em termos de sua estrutura e funcionamento - no Capítulo III, desta dissertação.

causa do frade. O conflito com a autoridade local da Igreja, em vez de neutralizar a ação desse religioso, acabou por impulsionar mais o seu carisma, fazendo com que ele ficasse ainda mais conhecido, tornando-o uma celebridade na cidade de Olinda.

A ação do religioso, juntamente com a adesão dos fiéis, a qual se realiza autonomamente fora da regulação institucional da Igreja Católica, resultou na criação do GOASFJ. Essa comunidade, desde então, vem se firmando como uma ativa coletividade de leigos, paralela à ação da Igreja. Contado com 11 anos de existência, atualmente o grupo abriga 70 voluntários e 200 idosas cadastradas (conhecidas como as “velhinhas do Frei”), seguidos por uma multidão de aproximadamente 800 fiéis. Agregados através da ação carismática desse líder espiritual, fiéis, voluntários e assistidos procuram entrar em sintonia com Deus através da celebração do louvor, que é interpretado pelos devotos como uma fonte da ação do Espírito Santo, energia e cura.

Motivada pela perspectiva de entender os conflitos, continuidades e rupturas entre o GOASFJ e a hierarquia da Igreja Católica local, procurei compreender algumas das relações de reciprocidade, de liderança, de organização e de estruturação estabelecidas internamente entre os integrantes do grupo; e entre este e a sociedade mais ampla. Assim, as descrições aqui realizadas revelam também as mediações do grupo com outras instituições externas, como por exemplo, prefeituras, partidos políticos, empresas, a mídia, etc. Para tanto, utilizei o método etnográfico, considerado por muitos como pedra angular da Antropologia, que me permitiu abordar essas relações do grupo em estudo, num constante diálogo entre as experiências de campo e a teoria.

A pesquisa realizada, contemplando a descrição e análise dos dados coletados, está organizada em quatro capítulos. No primeiro, ***O Percurso teórico-metodológico***, procurei traçar a linha da pesquisa, ressaltando seu *locus* e os sujeitos que a constituem, bem como as influências teóricas que me possibilitaram avaliar a realidade na qual estava inserida, como pesquisadora. Nessa seção, deixo patente o caráter e a conjuntura peculiar de um empreendimento metodológico, o qual se debruça sobre uma realidade que, sob certos aspectos, também é a minha realidade - seja pela constituição dos sujeitos, seja pela construção do objeto desta pesquisa -; dado que a história do GOASFJ, em alguns momentos, se conecta com a minha história pessoal num nível familiar, como veremos adiante.

Em relação ao encontro no horizonte etnográfico do campo, busquei reconhecer, afirmar e considerar metodologicamente as valiosas relações - os “frágeis fios de Ariadne” - que perpassam os sujeitos, no contexto de uma pesquisa de campo, e que se interpuseram entre mim e meus informantes, propiciadas pela experiência da pesquisa antropológica, sem desconsiderar o rigor e a vigilância epistemológicos, necessários a uma investigação qualitativa de cunho sócio-cultural.

Por sua vez, visando situar-me conceitualmente nesta produção, é também no Capítulo I que apresento a delimitação teórica do problema investigado, evidenciando as obras e autores que nortearam esse trabalho, sobretudo a contribuição de estudiosos da religião, referências em seus respectivos campos, tais como: Max Weber, Peter Berger, Danièle Hervieu-Léger, Marcelo Camurça e Cecília Mariz. A problemática que tento delimitar aqui, em relação ao estudo do GOASFJ e sua realidade sócio-cultural, está ligada a discussão sobre o processo da dessecularização religiosa, em face da racionalização trazida pela modernidade, que se liga, por um lado, aos fenômenos da desinstitucionalização e desregulação do campo religioso, inclusive no catolicismo brasileiro; e, por outro lado, à emergência das comunidades emocionais, com suas ênfases na ação carismática de seus líderes, movimento que gera conflitos com as hierarquias religiosas tradicionais e amplia a autonomia da ação dos leigos, em torno de tais lideranças.

No segundo capítulo, *Frei Jerônimo: o narrador e a sua trajetória*, abordo aspectos da vida desse religioso, tomados da perspectiva benjaminiana do narrador, como artífice e produtor de sua própria história. Nessa parte, apresento a trajetória de vida do frade, através de uma narrativa assumidamente construída com suas memórias pessoais, sem estritas preocupações biográficas ou historiográficas. Tal perspectiva de interpretação baseia-se na figura alternativa do “narrador”, inspirado em idéias do pensador Walter Benjamin (1994) sobre a prática historiográfica de caráter e sentido aberto, sempre sujeita a releituras e reinterpretações livres e posicionadas, efetuadas pelo leitor.

Nesse capítulo, desempenhando o papel do “narrador”, identifico a personalidade carismática de um frei insubmisso que, longe de necessitar de impor uma única interpretação aos seus seguidores, dos acontecimentos relacionados ao conflito com o arcebispado, busca dotar de algum sentido o resgate de suas reminiscências, sob a forma da construção narrativa de um “mito de criação” para afirmar e delinear a memória comum do grupo que ele lidera

num “tempo de agora”, vivo e pulsante, cheio de significações, fugindo ao “tempo vazio e homogêneo”, preenchido e representado por um passado eternizado de verdades inelutáveis.

Por essas memórias perpassam temas tais como: a descoberta de sua vocação, o seu pertencimento à Igreja e por fim o conflito e a ruptura com a instituição. Assim, inspirada em métodos da história de vida, reconstruo como se deu o processo de desinstitucionalização desse líder espiritual, possibilitando também ao leitor compreender – do ponto de vista posicionado do narrador e de forma mais aproximada com a ideologia do grupo estudado - os fatos imediatos que resultaram na criação do GOASF, os quais funcionam como verdadeiro mito de origem.

No terceiro capítulo, o *Grupo de Oração e Ação Social Frei Jerônimo (GOASFJ)* ponho sob foco a constituição, estrutura e organização dessa comunidade de fiéis. Evidencio em particular as ações sociais internas e as mediações externas desenvolvidas por eles através da abordagem de aspectos tais como: oração e voluntariado, as festas, louvor, cura e ação social. Por ser o capítulo mais etnográfico desta dissertação, detenho-me em descrições e detalhes que considere significativos para a compreensão do poder de atuação e mobilização dessa comunidade de leigos. Destaco algumas histórias e testemunhos que sublinham a recepção, pelo grupo, dos embates travados pelo frade, para afirmar sua liderança e conformar a face identitária que emerge do GOASFJ, a qual se traduz, principalmente, pelas celebrações dos louvores, festas e pelas ações assistencialistas desempenhadas pelos voluntários do grupo.

No quarto capítulo, *A Lei e o Profeta*, discuto a inserção de frei Jerônimo líder religioso no campo da política partidária, analisando as relações que marcaram essa arriscada aventura. Esse capítulo surgiu a partir de observações colhidas no calor da hora de uma campanha política que atravessou minha pesquisa de forma inesperada. Tentado entender as razões para a ausência de alguns importantes voluntários nos louvores, fiz alguns questionamentos e verifiquei divergências quanto ao anúncio e disposição do frei em ingressar na política partidária, por meio de uma improvisada campanha para vereador na cidade de Olinda. Por motivos que serão detalhados nesse capítulo, vi que o grupo ficou dividido, com alguns fiéis apoiando seu líder, e outros criticando sua decisão, já que, em sua opinião, política e religião não deveriam se misturar. Abordo nessa seção os seguintes temas: *Igreja, hierarquia e poder; Mito, ritual e autonomia religiosa; Carisma, dom e aliança; Desregulamentação e dessecularização religiosas*, a partir de análise desses fatos, abordo a complexidade que sempre envolve a relação entre religião e política.

Como já explicitiei, esta dissertação tem por mote analisar como se dão as rupturas, continuidades e disputas entre o Grupo de Oração e Ação Social Frei Jerônimo e Arquidiocese de Olinda e Recife. Acredito que, ao fim e ao cabo desse trabalho, possa eu contribuir para os estudos que objetivam compreender o momento atual do campo católico brasileiro, especificamente em relação ao tratamento que é dado ao papel dos leigos e à efervescência religiosa efetuada pela ação de líderes carismáticos, fazedores de milagres e curas.

Nessa perspectiva sustento que tal estudo contribui para o entendimento de grupos, surgidos e constituídos com grande autonomia ou até a revelia da liderança hierárquica católica, paralelos à ação direta da Igreja. A análise empreendida aqui traz elementos que ajudam no entendimento das relações estabelecidas entre uma comunidade do tipo emocional e a hierarquia da Igreja Católica local. O fato de não existir nenhuma pesquisa sobre o grupo estudado, reforça a importância do trabalho realizado.

Capítulo I – O percurso teórico-metodológico

Quando ainda era o prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé (Ex-Tribunal do Santo Ofício), o cardeal Joseph Ratzinger arriscou um prognóstico sobre o futuro da Igreja, em face da modernidade e da crescente sangria de fiéis, que pode ser detectada pelas pesquisas, tanto na Europa contemporânea, com suas igrejas cada vez mais vazias, como também no Brasil, maior país católico do mundo. No livro *Sal da Terra*, que resultou de uma série de entrevistas suas, o prelado afirmou que:

A Igreja diminuirá de tamanho. Mas dessa provação sairá uma Igreja que terá extraído uma grande força do processo de simplificação que atravessou, da capacidade renovada de olhar para dentro de si. Porque os habitantes de um mundo rigorosamente planejado se sentirão indizivelmente sós. Descobrirão, então, a pequena comunidade de fiéis como algo completamente novo. Como uma esperança que lhes cabe, como uma resposta que sempre procuraram secretamente (SEEWALD; RATZINGER: 2005, 76).

Eleito papa, o agora Bento XVI tem se caracterizado, em seu pontificado, por empreender um claro e crescente movimento de inflexão para o interior e para o passado da Igreja. Tal postura se exemplifica bem nas polêmicas que tem surgido em torno de suas declarações, atos de governo e também pelos documentos voltados para um resgate das tradições, ao reafirmar o magistério ancestral e incentivar um compromisso mais claro do católico com a liturgia da missa em seu simbolismo sacrificial.⁴

Como exemplo dessa guinada conservadora, podemos citar a Exortação *Sacramentum Caritatis*, a qual, segundo um vaticanista espanhol:

(...) se ajusta ao espírito programático do pontificado. O Papa considera que décadas de relaxamento católico permitiram a promulgação de leis "socialmente corrosivas", e exige um cerrar fileiras. Quer ele que a Igreja não se defina pelo número de fiéis mais ou menos teóricos, mas pela qualidade, conscientização e ativismo dos

4. Refiro-me ao *Motu Proprio Summorum Pontificum* que recentemente (07/07/2007) reabilitou a missa tridentina de São Pio V, rezada em latim. Refiro-me também à citada Exortação Apostólica Pos-Sinodal *Sacramentum Caritatis*, que trouxe propostas sugeridas pelos Bispos reunidos no Sínodo de 2005, mas publicada somente, em Roma, em novembro de 2007. Os documentos causaram polêmica entre os progressistas, especialmente o último, por, entre outras coisas, reafirmar a obrigação do celibato sacerdotal na Igreja latina, reiterar a não ordenação de mulheres, manter a exclusão da comunhão para divorciados recasados e sugerir a readoção do latim e do canto gregoriano nas missas, o que foi interpretado pelos críticos como uma revisão dos avanços inspirados pelo Concílio Vaticano II.

mesmos. Para ele (Bento XVI), o Catolicismo deve refletir-se da mesma forma no silêncio da reflexão prévia à eucaristia e no fragor dos debates públicos. O termo "inegociável", aplicado a questões como o aborto, a eutanásia, o divórcio, as uniões homossexuais ou o ensino católico, resulta significativo. O cerrar fileiras vem junto com um certo retorno a valores pré conciliares, como a missa em latim e o canto gregoriano, preferíveis, segundo a *Exortação*, às missas em língua local e aos acompanhamentos musicais mais ou menos modernos. A lembrança de que os católicos divorciados e casados de novo não podem receber a comunhão, e que devem esforçar-se para compensar sua situação irregular com "penitências e obras de caridade", complementa um quadro ao mesmo tempo retrógrado e, em um sentido político, "revolucionário". (GONZALEZ, Enric. *El País*, Madrid, 14/03/2007).

Por sua vez, os críticos de Bento XVI, a exemplo do teólogo progressista alemão Hans Küng, não cessam de alertar os católicos para o perigo que uma política conservadora pode trazer de consequências para o fechamento da Igreja, sob a influência dogmática de um “ex-inquisidor” papal, o qual estaria deliberadamente ignorando as grandes questões que hoje contribuem, em sua opinião, para um descompasso entre o que pensa o Catolicismo romano e o que demandam os seus fiéis contemporâneos, a exemplo de temas como: o celibato sacerdotal, a ordenação de mulheres, a união civil entre pessoas do mesmo sexo, o aborto e o planejamento familiar.

Recentemente, Küng fez publicar nos jornais um libelo contra Bento XVI, comparando-o negativamente ao recém eleito presidente norte-americano Barack Obama, o qual, segundo afirma:

(...) conseguiu, em um curto período de tempo, retirar os Estados Unidos de um clima de desânimo e contra-reformas, apresentando uma visão de esperança e introduzindo uma mudança estratégica na política interna e externa desse grande país. Na Igreja Católica as coisas são diferentes. O ambiente é opressivo, a pilha de reformas é paralisante. Após quase quatro anos no cargo, muitas pessoas vêem o Papa Bento XVI como outro George W. Bush. (...) Tanto Bush quanto Ratzinger não conseguem aprender nada em matérias de controle de natalidade e aborto, não são propensos a implementar quaisquer reformas sérias, são arrogantes e sem transparência na forma como exercem os seus cargos, restringindo liberdades e direitos humanos. (...) esse Papa orienta-se o mais para trás possível, inspirado por um ideal de igreja medieval, céptico sobre a Reforma, ambígua sobre os direitos modernos de liberdade (KÜNG, Hans. *La Repubblica*, Roma, 07/02/2009).

Eis, em algumas pílulas, um pouco da atmosfera conflituosa que o Catolicismo tem enfrentado no mundo atual, no sentido de se adaptar às demandas da contemporaneidade e de enfrentar seus questionamentos. Se há tentativas de se arejar progressivamente velhas posições teológicas, com os ventos das mudanças sócio-culturais e políticas que engendraram a modernidade iluminista, buscando um diálogo com toda a humanidade; há também retornos ao passado, que ignora e mesmo deseja um esvaziamento da Igreja, enxergado pelos tradicionalistas como uma depuração da “barca de Pedro”, a qual preconiza uma “Igreja menor, porém mais autêntica”. Tudo isso dá também uma idéia de quão os católicos estão divididos, da cúpula até a base, quanto às reais soluções que devem ser oferecidas para o enfrentamento dos múltiplos desafios dessa religião velha de dois milênios, mormente aos que se relacionam com o futuro da Igreja Católica e à identidade do ser católico hoje, numa sociedade em franco processo de secularização.

É nesse contexto, cada vez mais esgarçado por divisões e conflitos internos em torno de opiniões e de ações progressivamente contrastadas, que procuro me inserir teórica e metodologicamente, sem ocultar minha condição de observadora posicionada - seja como católica formada, seja como cientista social em formação -, no campo religioso do Catolicismo brasileiro, questionando seus atores, paradigmas, ideais e posturas, que formam um diapasão de aspectos complexos e multifacetados - ora progressistas, ora reacionários; uma vez voltados para a base; outras vezes inclinados para a cúpula da Igreja Católica Apostólica Romana – que desafiam, encantam e inspiram qualquer um que se predispõe a estudá-los.

Neste capítulo, que ora introduzo, busquei descrever e delinear a trajetória desta pesquisa, realizada no Grupo de Oração e Ação Social Frei Jerônimo, a qual está pontuada por refletir, mediante o relato de suas implicações metodológicas e inspirações motivadas pelas minhas opções teóricas, a convergência que se deu entre os contextos aqui considerados: o mais amplo, concernente à Igreja latina e universal, e o local, representado pela liderança de um frade que fez e faz suas escolhas, quanto a responder as questões que têm gerado diversas respostas dos católicos, a saber: “Qual o futuro da Igreja Católica?”; e “O que é ser católico hoje em dia?”.

1.1 - A trajetória da pesquisa

No ano de 1994, travei meu primeiro encontro com Frei Jerônimo, através da avó de meu esposo, Dona Celina, carinhosamente conhecida como “Vó Celina”, na comunidade da Igreja do Bonfim, em Olinda. Muito entusiasmada, ela nos convidou para assistir a uma missa de um frade novo, afirmando enfaticamente que: “ele tem um sermão muito bom, pois o frade é cheio de carisma – uma maravilha!”.⁵

Desde então, “encantados” pela forma alegre como o frade conduzia a missa, diferentemente de outras até então realizadas por outros padres daquela paróquia, passamos a freqüentar as missas dominicais na Igreja do Bonfim. Fomos percebendo que a cada celebração aumentava progressivamente o número de fiéis e que, muitos jovens, ao final das missas, comentavam, por exemplo, que: “o frei fala o que a gente quer ouvir, ele diz o que precisamos escutar”; isso porque o discurso dele sempre se aproximava muito da realidade vivida pelas pessoas.



Figura 1: Frei Jerônimo Gomes de Souza

Naquele tempo, o franciscano e potiguar Frei Jerônimo Gomes de Souza foi designado, pela Arquidiocese de Olinda e Recife, para celebrar missas nas igrejas do Bonfim,

5. Informação fornecida em conversa pessoal.

de São Pedro Mártir e São José dos Pescadores, em Olinda. Nesses locais, tendo em vista o seu caráter acolhedor, entusiasta e simpático, vimos o número de fiéis que dele se agradavam crescer a olhos vistos. Nos discursos ouvidos por mim, explicações encontradas para essa afluência eram creditadas ao carisma e sermões do frade. Admirado por muitos, invejado por outros, Frei Jerônimo passou logo a incomodar alguns sacerdotes mais antigos. Em suas palavras: “os padres mais antigos começaram a reclamar ao Arcebispo, sobre a baixa frequência de fiéis em suas igrejas, o que, no final das contas, representava também pouca renda”.⁶

Em 1996, eu o convidei para officiar o meu casamento. No ano seguinte, embora eu já não tivesse mais contato com ele, fui surpreendida por uma notícia veiculada em dois jornais de grande circulação no estado de Pernambuco, (ver anexos 1, 2, 3 e 4). Tomei conhecimento que o religioso tinha sido afastado da Igreja, acusado de praticar “antiliturgia” e “curandeirismo”. Esse fato provocou choque, dúvidas e muita revolta entre os fiéis, que, inconformados com a decisão do Arcebispo de Olinda e Recife, Dom José Cardoso Sobrinho, resolveram amparar o frei, que naquele momento não tinha para onde ir. Como nos revelou uma das voluntárias do grupo que se formou em torno do religioso: “comprei a causa do frei”,⁷ querendo dizer com isso que, apesar da ferrenha oposição da Arquidiocese, o futuro grupo de voluntários aceitaria sofrer as conseqüências de seguir um padre que se dizia perseguido pela Igreja hierárquica local.

Após esses acontecimentos, comecei de fato a ouvir comentários na comunidade católica de Olinda, a respeito de um possível “dom de cura” que Frei Jerônimo estaria agora apresentando. Esse fato extraordinário me deixou bastante curiosa, principalmente quando escutei de dona Jupira – uma senhora que sempre freqüentou suas missas e que sofria de uma doença conhecida como erisipela,⁸ a qual provocava feridas e dores insuportáveis em suas pernas – ter sido curada pelo frei.

6. Informação fornecida pelo frade em conversa pessoal.

7. Informação dada em contexto de entrevista.

8. A erisipela é descrita, segundo um manual médico, como uma “infecção aguda da pele envolvendo a derme e o subcutâneo, que se caracteriza por febre, anorexia, calafrios, outros sintomas gerais, leucocitose e lesão cutânea em placa eritematosa, edematosa e dolorosa. Dessa placa podem ter origem faixas eritematosas ao longo do trajeto de vasos linfáticos (linfangites). Existe adenite satélite à região comprometida. Vesículas e bolhas podem ser observadas - erisipela bolhosa. As áreas comprometidas são em geral membros inferiores, face ou abdome” (BRASIL; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

Essa e outras curas milagrosas que se seguiram tornaram o frade uma celebridade na cidade de Olinda e foi por consequência do seu “dom”, que ele está afastado da Igreja até hoje. Esse fato desencadeou também um conflito na Ordem dos Frades Menores (OFM), da qual Jerônimo fazia parte. Os atritos com os superiores resultaram na sua demissão pela ordem.



Figura 2: Frei Jerônimo proferindo uma oração de cura

Em 1997, mais uma vez, reencontrei pessoalmente Frei Jerônimo. Vó Celina havia falecido e como ela sempre falava e demonstrava afeição por Frei Jerônimo, meu sogro me pediu para procurar o frade, a fim de que ele rezasse o ofício para encomendação de sua alma. Indagando pelo paradeiro dele, fiquei sabendo que Jerônimo estava morando em uma casa alugada, ao lado da prefeitura de Olinda. Chegando lá, fui recebida pela mãe dele, que logo o chamou e mais uma vez nos encontramos. Falei sobre o motivo da minha visita e ele de imediato se prontificou a me acompanhar até a residência de Vó Celina, onde o corpo estava sendo velado, pois ele disse ter muito carinho por ela.

Depois desse triste episódio, perdi novamente contato com ele e só depois de alguns meses tive novamente notícias suas, quando soube que estava realizando louvores no mercado Eufrásio Barbosa.⁹ Não cheguei a freqüentá-los, pois assim que havia tomado conhecimento

9. Trata-se de um antigo mercado associado ao Sítio Histórico de Olinda, lugar de múltiplas atividades artísticas, políticas e culturais. Foi reformado pela municipalidade e adaptado para funcionar como equipamento cultural multiuso para uma cidade eminentemente histórica e turística. Patrimônio Cultural da Humanidade, Olinda possui muitos prédios com funções focadas em eventos culturais, a exemplo também do Clube Atlântico e da Casa do Carnaval.

do fato, o mercado foi fechado para reformas e, mais uma vez, fiquei sem notícias de Frei Jerônimo. Em 2006, todavia, fui informada por uma amiga que os louvores estavam acontecendo agora em outro lugar: o Clube Atlântico¹⁰ de Olinda. Resolvi ir até lá para assistir e, quando cheguei, fiquei impressionada com a multidão de povo. Não consegui entrar. Logrei apenas ficar na parte de fora do clube, pois lá havia umas mil pessoas aproximadamente.

Notei que, entre os presentes, alguns usavam uma bata de cor vinho, estampadas com a inscrição “F+J”, iniciais de Frei Jerônimo unidas por uma cruz. Na parte de trás das batas havia escrito a palavra “voluntário”. No final do louvor, procurei uma dessas pessoas e perguntei o que poderia fazer para falar com o frade. Fui informada de que eu deveria ir até o palco do clube, onde estava montado uma espécie de altar. Segui a orientação e reencontrei-me com ele, que me reconheceu imediatamente. Pedi uma benção e fui embora. A partir de então, comecei a freqüentar os louvores todas as terças-feiras, no clube que pertence à prefeitura e está localizado na Avenida Sigismundo Gonçalves.



Figura 3: Celebração de Louvor em Olinda (PE).

Nessas idas aos louvores do Frei Jerônimo, fui percebendo que a vida desse líder religioso passou por muitas e radicais mudanças. Esta percepção fez nascer em mim a vontade de compreender melhor as transformações ocorridas, inclusive na criação do Grupo de Oração e Ação Social Frei Jerônimo (GOASFJ), grêmio de leigos que se reuniu em torno do frade.

10. Ver nota 9.

Motivada por esse interesse e agora na condição de aluna do mestrado em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), resolvi procurar o grupo para verificar a possibilidade de realização de uma pesquisa.

Sobre minha trajetória acadêmica, julgo oportuno destacar que sou Pedagoga por formação, com especialização em Psicopedagogia Institucional pela Universidade Cândido Mendes (UCAM), em 2006. Contudo, meu interesse pela Antropologia foi despertado ao longo de minha graduação, na Fundação de Ensino Superior de Olinda (FUNESO), entre 1999 a 2003. Nessa ocasião, tive o prazer de conhecer o professor Glaudstone Lima, antropólogo formado pela Universidade Federal de Pernambuco, que sempre me incentivou a cursar disciplinas, como aluna especial, no Programa de Pós Graduação em Antropologia (PPGA) daquela instituição. Como sempre demonstrei interesse por fenômenos religiosos durante as suas aulas, Lima sugeriu que o estudo da religião, sob a perspectiva sócio-antropológica seria de grande proveito para o meu desenvolvimento acadêmico, incorporando valiosos conhecimentos e reflexões sobre as naturezas social, simbólica e cultural de grupos humanos organizados.

Na pesquisa empreendida após, cujo resultado pode ser lido aqui, busquei, por meio do estudo de caso Frei Jerônimo, estudar as recentes transformações no campo religioso brasileiro, principalmente, no que concerne ao Catolicismo. Contudo, antes de explorar o que isto significa no plano teórico, vejamos os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa.

1.2 - O *locus* e os sujeitos da pesquisa

Orientada pela abordagem teórica proposta, houve no campo um esforço voltado para apreensão da lógica dos envolvidos na pesquisa, em vista de responder as questões formuladas no projeto batizado como “*Se Deus é por nós, quem será contra nós?: continuidades, conflitos e rupturas entre o Grupo de Oração e Ação Social Frei Jerônimo e a Arquidiocese de Olinda e Recife*” – defendido em dezembro de 2007, diante da banca de qualificação de projetos do PPGA da UFPE, cujos primeiros rascunhos foram apresentados em setembro de 2007, em forma de artigo, no 13º Encontro de Ciências Sociais do Norte Nordeste (CISO), em Maceió (AL) (CRUZ e ROGERIO, 2007).

Como é usual, parti para a necessária e obrigatória revisão teórico-bibliográfica sobre o tema e suas correlações, mediante pesquisa e recolhimento de informações sobre o frade, disponíveis em variados acervos: arquivos públicos, hemerotecas, sites na Internet, etc. Empreendi observações nos locais de culto e nas reuniões dos voluntários em torno da discussão de seus problemas internos de organização. Visando a reprodução literal das falas e o registro da sonoridade dos louvores, fiz registros com gravador digital em formato “mp3”, que foram recolhidos mediante o consentimento dos entrevistados. Utilizei máquina fotográfica e filmadora também digitais, resultando na constituição de um amplo acervo audiovisual para a pesquisa, de onde retirei as fotos que podem ser vistas ilustrando esta dissertação. Esses procedimentos foram adotados nos meses de fevereiro a outubro de 2008.

É válido ressaltar que o conhecimento da realidade pesquisada vem sendo acumulado desde o ano de 2006, quando retomei o contato com Frei Jerônimo e a frequência regular a seus louvores. Esse contato, antes mesmo da definição da pesquisa, facilitou minha inserção no campo. Tendo a observação participante como um instrumento privilegiado de coleta e análise dos dados, adotei a atitude de “observadora posicionada” (GEERTZ, 1978), procurando compreender a lógica que está presente nos acontecimentos e nos comportamentos dos envolvidos na pesquisa. Considerando as implicações dessa postura, destaco que

[...] Para descobrir quem as pessoas pensam que são, o que pensam que estão fazendo e com que finalidade pensam que o estão fazendo, é necessário adquirir um familiaridade operacional com os conjuntos de significados em meio aos quais elas levam suas vidas (GEERTZ, 2001:26).

Essa familiaridade foi adquirida e exercitada, majoritariamente, através da participação nas celebrações de louvores, nas missas dominicais na casa do frade e nas festas realizadas pelo grupo. Como já foi explicitado, os louvores tem sido celebrados no Clube Atlântico, na cidade de Olinda, mas também ocorrem no Colégio Elo: instituição privada localizado no bairro de Boa Viagem, em Recife. Considerando as distinções naturais determinadas pela multiplicidade de espaços, procurei identificar as peculiaridades, semelhanças e diferenças que se evidenciaram em ocasiões diversas como, por exemplo, nas festas da Páscoa, do dia das Mães e no Natal. Nesses eventos procurei, observar as estruturas sócio-culturais que os definem: como se organizam os elementos que os compõem, o comportamento dos seus frequentadores e do próprio Frei Jerônimo. Privilegiei o registro e a análise das falas, idéias e comportamentos daqueles que se achavam presentes aos louvores.

Ainda como parte do trabalho de campo, acompanhei algumas das ações sociais do grupo tais como: a distribuição da sopa e do pão, o atendimento médico de algumas idosas (conhecidas como “as velhinhas do Frei”) e os bingos beneficentes. A realização destes últimos tem por finalidade arrecadar fundos para as obras sociais do grupo e para o próprio frade, que vive das doações que lhe são feitas. Durante esses eventos, pude perceber que Frei Jerônimo atraia para si uma grande multidão de pessoas, colocando a prova o seu forte carisma. Havia pessoas de todas as classes sociais, níveis de renda e escolaridade. Isso me fez supor que o fenômeno “Frei Jerônimo” seria bastante rico e complexo para municiar minhas interpretações e reflexões, com as quais quero contribuir para uma melhor compreensão da atualidade mais ampla do campo religioso católico brasileiro.



Figuras 4, 5, 6, e 7: Frente e verso da cartela do bingo beneficente



As impressões e interpretações resultantes de minha inserção nessas atividades foram registradas no tradicional diário de campo. Tais registros possibilitaram a escrita de ensaios preliminares, que trabalhados, posteriormente, integram este relato etnográfico.

No trabalho de campo quero destacar, concordando com Vagner Gonçalves da Silva (2006), que as entrevistas constituíram um momento de diálogo, segundo o qual o conhecimento etnográfico é construído a partir de um enfoque que ressalta os elementos discursivos, ou seja, as circunstâncias e as inter-subjetividades dos envolvidos. Segundo esse autor, além das técnicas adequadas para a pesquisa, a subjetividade dos informantes, no diálogo etnográfico, é um fator relevante. Para tanto, são fundamentais para o pesquisador os sentimentos e emoções que marcam não só o universo da pesquisa, mas a apreensão do pesquisador com relação a esse universo, ou seja, o próprio “experimental o campo” (Ibidem: 2006).

Nesse processo de busca de um diálogo com o campo, é importante a escolha dos nossos interlocutores, quer dizer, das pessoas que são entrevistadas e do tipo de diálogo que foi estabelecido, bem como um cuidado com a pertinência das perguntas que são realizadas, como também uma maior sensibilidade ao tempo pactuado para a realização de entrevistas e observações. Nas entrevistas realizadas, sempre procurei me encaixar nos horários que fossem mais convenientes para as pessoas. Assim, o local e a hora das entrevistas foram determinados pelos informantes.

Selecionei alguns entrevistados de acordo com o lugar ou o *status* que ocupam dentro do campo. Entre esses, deram uma colaboração bastante significativa o próprio Frei Jerônimo (representante-chave do grupo), Frei Aluisio Fragoso (ex-provincial da Ordem dos Franciscanos), Dona Jupira (primeira fiel a dar testemunho de uma cura realizada pelo Frei). Além desses, entrevistei também alguns membros do GOASFJ e pessoas que fazem parte do contexto do campo: a responsável pela agenda do Frei; a responsável pelo louvor em Boa Viagem, a responsável pelo louvor em Olinda, dois dos principais beneméritos do frei e de suas obras, escolhidos mediante a referência dos responsáveis pelas ações sociais do Grupo; duas das senhoras idosas atendidas pela principal obra de ação social do Grupo - “as velhinhas do Frei”; o médico voluntário que atende essas “velhinhas” e frequentadores dos louvores - dois de Olinda e dois de Boa Viagem.

Embora muitas vezes citado nas falas e discursos dos atores que fizeram parte desta pesquisa, o Arcebispo de Olinda e Recife, Dom José Cardoso Sobrinho, não se dispôs a declinar qualquer comentário sobre o caso do Frei Jerônimo, seja de modo formal, pela sua assessoria, seja informalmente, por meio de conversas.

Para uma visualização mais completa da realidade encontrada no campo, evidencio também as características socioeconômicas dos 19 entrevistados, que podem ser vistas detalhadamente no quadro abaixo. Situo a faixa etária das pessoas compreendendo o intervalo de 47 a 93 anos. Por sua vez, a situação econômica foi bastante variada, incluindo pessoas de classe média e média alta, bem como pessoas carentes. Já o nível de escolaridade apresentou-se bem diversificado também, abrangendo desde pessoas graduadas até pessoas analfabetas, conforme resumimos na tabela abaixo:

Tabela 1: Seleção e Classificação dos 20 informantes desta pesquisa.

NU	SX	FE	SE	NE	RE
01	F	D	N	2	K
02	F	D	P	1	K
03	F	C	S	4	K
04	F	C	S	3	K
05	F	D	P	2	K
06	F	D	P	3	K
07	F	D	P	3	K
08	F	D	N	3	K
09	M	D	P	4	K
10	M	C	N	4	K
11	M	D	N	4	K
12	F	D	S	3	K
13	F	C	N	2	K
14	F	C	S	3	K
15	F	C	N	3	K
16	F	C	N	2	K
17	F	D	P	4	K
18	F	D	P	4	K
19	F	C	N	4	K
20	F	D	P	3	K

Legendas

- A = informantes menores de 20 anos
- B = informantes com idade entre 20 e 40 anos
- C = informantes com idade entre 41 e 60 anos
- D = informantes com idade superior a 60 anos
- M = Masculino
- F = Feminino
- S = Assalariado
- N = Não-assalariado
- P = Pensionista, aposentado
- K = Católica
- O = Outras religiões
- 1 = Sem instrução formal
- 2 = Fundamental
- 3 = Médio
- 4 = Graduado
- 5 = Pós-graduado

Abreviações utilizadas: NU = número da gravação, SX = sexo, FE = faixa etária da idade na época da entrevista, SE = situação econômica, NE = nível de escolaridade, RE = religião.

Essas variações, a meu ver, enriqueceram ainda mais os dados, pois contemplaram visões e interesse diversos. Entre os entrevistados havia os que revelaram a necessidade de estar próximo ao frade apenas pelo prazer de sua companhia e, majoritariamente, os que apresentaram necessidades espirituais, amorosas, financeiras e de saúde.

No trabalho de campo, contei com a ajuda do meu colega de mestrado João Marcelo Silva, que com sua disponibilidade e experiência como jornalista, ajudou-me na filmagem de alguns louvores. Analisadas, essas imagens, além de integrar o acervo da pesquisa, permitiram-me contemplar e com mais tranquilidade a integra de tais celebrações. A existência desse material audiovisual tem nos motivado a fazer planos para produção de um vídeo etnográfico acerca do caso estudado.

Ressalto, mais uma vez, que a presente pesquisa contou com o apoio e assentimento do frade e também dos seus fiéis e voluntários. Este trabalho foi recebido como sendo de grande relevância para o grupo. Os discursos evidenciaram que o religioso sentiu-se honrado em ter sido escolhido, com seu grupo, para ser estudado no âmbito da Antropologia, ciência por ele admirada. O fato de ser uma pesquisa vinculada a um programa da Universidade Federal de Pernambuco foi bastante valorizado, pois, segundo o próprio Jerônimo, este trabalho mostraria para Dom José Cardoso Sobrinho, “que não são apenas os pobres e analfabetos que se interessam pelo Frei, mas também os intelectuais”.

Durante um dos louvores em Olinda, fui apresentada publicamente ao grupo, pelo seu líder, na qualidade de pesquisadora. Nessa ocasião, o frade pediu ao microfone que todos voluntários e fiéis colaborassem no que fosse preciso e que participassem dando entrevistas e testemunhos de cura. Incentivando ainda mais as pessoas, ele chegou a afirmar que esse trabalho poderia resultar num livro e que, caso isso acontecesse, tanto o ele, como o grupo, não cairiam no esquecimento. Tal possibilidade o deixou bastante feliz, pois significaria que, mesmo depois da sua morte, sua história ficaria registrada para sempre.

Essas relações delicadas entre mim e meus informantes, propiciadas pela pesquisa antropológica, me fizeram refletir e recordar dos “frágeis fios de Ariadne”, metáfora criada por Vagner Gonçalves da Silva (2006) para expressar os encontros, no campo, entre pesquisador e pesquisados. Lançando mão de uma linguagem poética, Vagner afirma que:

[...] os antropólogos aprendem, no campo, que as anotações no diário, as imagens “congeladas” nas fotografias ou “revividas” nas fitas de videocassete e os registros do que se disse, cantou ou rezou são frágeis fios de Ariadne que precariamente nos ajudam a não nos perdemos nos labirintos da cultura do outro, mas que em si mesmo revelam sobre a extensão das experiências vividas nos caminhos percorridos nesse labirinto (SILVA, 2006: 66).

Na relação com o grupo, ao longo do trabalho de campo, a pesquisa contou com o respeito e admiração dos que dela participaram. Por vezes ficou bem evidenciado o contentamento com esta iniciativa, que gerou a expectativa de que a realização desse trabalho daria um valioso canal de visibilidade para o GOASFJ. A única dificuldade que encontrei foi na realização das entrevistas com as velhinhas assistidas pelo grupo. Elas se revelaram resistentes, tímidas e desconfiadas diante da solicitação de entrevistas. Na superação desta limitação, foi necessário contar com a intervenção de uma ex-voluntária, que reside em Pau Amarelo, município de Paulista (PE). Ela conversou com as velhinhas e conseguiu convencê-las a participarem da pesquisa, vencendo sua resistência.

Finalizando, os procedimentos metodológicos foram determinados pela necessidade do grupo, pois como há muito se sabe, é o próprio campo que dita as normas da pesquisa e guia o antropólogo; e são justamente esses procedimentos que, vale enfatizar, nos ajudam a não nos perdemos nos “labirintos de Minotauro” da cultura e da vida do nosso *outro*.



Figura 8: Voluntárias do GOASFJ.



Figura 9: Frei Jerônimo e a voluntária Dona Ruth Hazin em frente ao altar no Louvor, em Olinda.



Figura 10: Louvor em Olinda.



Figura 11: Altar da Celebração de Louvor, no bairro do Carmo, em Olinda.



Figura 12: Louvor em Boa Viagem, em Recife.



Figura 13: Celebração de Louvor em Olinda.

1.3 - Delimitação teórica da investigação

O presente trabalho tem como objetivo realizar um estudo etnográfico do GOASFJ, privilegiando a ação de um frade demitido pela Igreja e dos seus seguidores. Destacamos que esta pesquisa, como já foi apontado, quer se inserir no campo de estudos que buscam analisar as recentes transformações no campo religioso brasileiro, principalmente, no que concerne ao Catolicismo. Já é notícia velha de quase dez anos, que, em termos estatísticos, essa religião

tem sofrido paulatinamente um agudo decréscimo no número daqueles que se auto-declaram católicos.

Marcelo Camurça (2006: 37), analisando os dados do Censo de 2000, estudou o declínio estatístico do número de fiéis na Igreja Católica. Se em 1991 declararam-se católicos, em números absolutos, 121,8 milhões; em 2000, esse número aumentou para 125 milhões, mas em termos percentuais caiu de 83,8% para 73,8% da população. Já a comunidade evangélica, em 1991, contava com 13 milhões de fiéis, o que correspondia a 9,05% da população; e no Censo de 2000, os evangélicos dobraram para 26 milhões em números absolutos, o que corresponde a 15,45% da população. Dentre os evangélicos são os pentecostais que predominam, correspondendo a 17 milhões do contingente e respondendo por 10,43% do percentual de evangélicos.

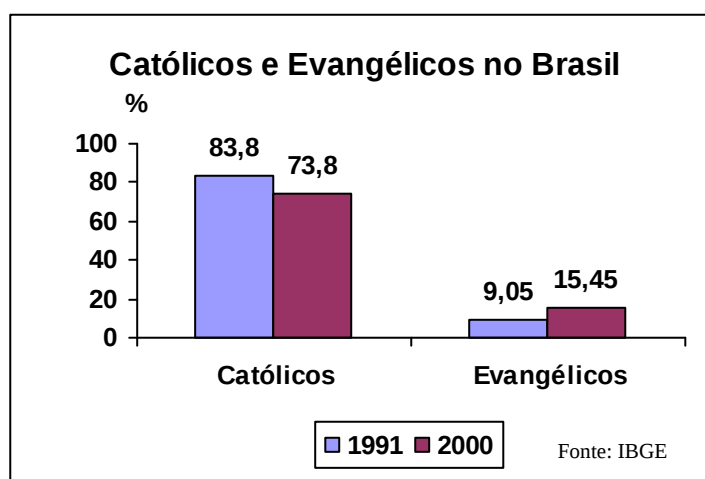


Tabela 2: Evolução estatística dos católicos e evangélicos no Brasil.

Camurça analisa esses dados do Censo com o objetivo de defender a tese do “**pluralismo** e da **variedade**” do campo religioso brasileiro e responder ao desafio de Antônio Flávio Pierucci que, prendendo-se apenas à frieza dos números do IBGE, discorda dos analistas que enxergam um “crescente pluralismo e diversidade religiosa no país” no texto “Cadê nossa diversidade religiosa?” (PIERUCCI, 2006).

Para sustentar sua tese, Camurça (*Op. cit.*) baseia-se nas 35.000 respostas dadas pelos pesquisados, por ocasião do Censo, à pergunta “qual a sua religião?”. Atento menos à dureza dos dados quantitativos, e mais à “realidade social – sobretudo “a realidade social do fenômeno religioso, sinuoso e polissêmico” -, esse autor propõe relativizar os dados, se quisermos “ultrapassar ‘soluções fáceis’, no entanto falaciosas”. Enquanto isso, Pierucci

rebate afirmando que, no final das contas, “vivemos na verdade num país *noventa por cento cristão* (89,2%). Isso quer dizer que do alto de seus oligopólios e prerrogativas o espectro do monoteísmo ainda ronda nossos confusos destinos pesadamente” (PIERUCCI, 2006: 51) (Grifo no original).

Pierucci contabiliza o universo das religiões “que não são cristãs” como algo em torno de 3,5% da população, ou seja: 1,38% de espíritas (sic), 0,34% de adeptos das religiões afro-brasileiras, 0,15% são budistas, e outras religiões orientais (como Seicho-No-Iê, Messiânica, Perfect Liberty, Shinto, Bahai, Tão, etc.) correspondem a 0,11% da população. Os esotéricos chegam à cifra de 0,04%, a religião judaica 0,06% e os mulçumanos 0,01%. As religiões de origem brasileira - que o IBGE classifica como “tradições religiosas indígenas”, como o Santo Daime, União do Vegetal e Barquinha - contam com 0,01% da população brasileira.

Polêmicas a parte, de acordo com Cecília Mariz e Maria das Dores Machado (1998), foi a partir da década de 60, com o crescimento geométrico das igrejas evangélicas, que o pluralismo institucional surge no Brasil, propiciando assim a consolidação o chamado “**mercado religioso**” ou “**pluralismo em nível institucional**”, os quais se fortaleceram nas décadas de 1980 e 1990, quando o pentecostalismo ganhou maior visibilidade no espaço público, a partir do surgimento das igrejas neopentecostais e seus tele-evangelistas (FREESTON, 1994).

Mas tal situação de pluralismo religioso não se dá somente pelo aumento progressivo das denominações cristãs e evangélicas. Segundo Pierre Sanchis (2001), mais três grandes filões ampliam e complexificam a situação de pluralidade religiosa no Brasil, quais sejam: o Candomblé e a Umbanda, os cultos de origem oriental, e o universo tipicamente contemporâneo da Nova Era.

Contudo, a grande novidade que o Censo 2000 demonstrou foi aumento considerável dos que se autodenominam “sem religião”. Camurça nos diz que a categoria dos “sem religião” passou de 6,9 milhões - ou 4,8% da população - para 12,3 milhões, ou seja, 7,3% do total de brasileiros. Segundo André Ricardo de Souza (2007), devemos ter muito cuidado com os dados do Censo 2000, sobre os “sem religião”:

[...] a classificação de sem-religião não significa que as pessoas desse grupo sejam indiferentes a formas talvez novas de religiosidade. Não há no Brasil um declínio nítido de religiosidade, mas sim uma opção pela fé manifestada através de uma

“religião pessoal”, fruto do forte sincretismo inerente ao hibridismo cultural do país e da rejeição de igrejas como formas de dominação e poder religioso. Os “crentes sem religião” são, na verdade, desfiliaados de qualquer autoridade religiosa. Todo esse universo, que deve abranger cerca um décimo da população nacional, deverá ser mais bem analisado pelos cientistas sociais da religião (SOUZA, 2007:157).

Sobre essas modificações no cenário religioso brasileiro Pierre Sanchis afirmou que:

[...] Há duas ou três gerações falar em “religião dos brasileiros” seria apontar quase que exclusivamente para o Catolicismo. Isso mudou. Hoje o Catolicismo constitui cada vez mais uma das religiões, entre outras, dos brasileiros, e num movimento diversificador que se acelera. [...] O “grupo, a “etnia”, a “nação” brasileira, quando se lhe pergunta: “Do ponto de vista da religião, quem é você? Qual é o seu nome”, não responde mais em uníssono: “Católica!”. Mudou o clima unanímista que imperava em seu espaço social (SANCHIS, 2001:10).

Em relação ao campo do Catolicismo, Marcelo Camurça (2006) reconhece que, mesmo diante do declínio do número de católicos, existem regiões tradicionais de resistência, onde a religião católica ainda é predominante, como no Piauí, onde 95% da população são católicos, seguido pelo Ceará (93,3%), Paraíba (93%), Alagoas (81,0%), Sergipe (81,7%) e Rio Grande do Norte (81,7%).

Por sua vez, Cecília Mariz (2006: 53 a 58), ao refletir sobre os mesmos dados estatísticos do Censo de 2000, em vez de se ater ao “canto do cisne” do Catolicismo nacional, prefere tratar do reavivamento dos grupos remanescentes, no sentido de “compreender as características desse novo Catolicismo brasileiro”. Mariz afirma que o que chama atenção na Igreja Católica é o “grau de diversidade dentro de uma única igreja sob uma única liderança”; fator que considera como “a novidade do Catolicismo contemporâneo”. Dentre aqueles que se declaram católicos, ela aponta também para o crescimento da autonomia nas práticas, além da grande variedade nos discursos.

Uma das palpitantes vertentes que ditam o novo modo de ser católico no Brasil está representada nos grupos carismáticos, cuja dinâmica se aproxima do modelo de **“religião de comunidades emocionais”**: emocionalismo comunitário; testemunho e reconhecimento grupal; e voluntários reunidos em torno de uma **“personalidade carismática”** (HERVIEU-LÉGER, 1997: 33). Esses tipos sociológicos ideais serviram-me de ponto de partida para o modo como inicialmente concebi a identificação e a categorização de certos aspectos observados no GOASFJ, a partir da realização da presente pesquisa.

Dito isso, resta saber como tais transformações influenciam no modo como se estabelece a relação entre leigos e hierarquia no interior do Catolicismo brasileiro. Vimos como o advento da modernidade, com sua ênfase no individualismo e na subjetividade, como fontes e testemunho da crença contemporânea, tem proporcionado um sem-número de conflitos com as tradições, por um lado, e as hierarquias religiosas, por outro. No contexto nacional, os fenômenos do declínio de católicos auto-intitulados, da diversificação de formas de “ser católico no Brasil”, bem como da intensificação do papel dos leigos nos movimentos dentro e fora da Igreja institucional se associam ao processo de **destraditionalização** e **desregulação** do campo religioso (HERVIEU-LÉGER, 1997; BECKFORDE, 1989; HEELAS 1996), delimitando uma arena de disputa em torno da seguinte questão: afinal, o que é ser católico no Brasil hoje?

Em paralelo com essa perspectiva teórica, não posso deixar de ignorar a polêmica empreendida por pesquisadores da religião e cientistas sociais, sobre um dos temas fundamentais da Sociologia da Religião - desde Weber, pelo menos -, postulado como a relação entre o surgimento da modernidade e do individualismo racional, bem como o conseqüente fim das religiões institucionalizadas, tendo por base os processos de **secularização** da sociedade. Por outro lado, considerando que têm ocorrido no mundo a invenção de novas religiões e o reavivamento de antigas, por meio de novos movimentos religiosos, há os que sustentam a opinião oposta de que existe um processo de **dessecularização** da sociedade hodierna, momento em que a liberdade e a pluralidade religiosas (frutos da própria Era Moderna), que vivenciamos atualmente de forma aguda, têm colocado em xeque a idéia defendida por muitos teóricos de um processo irreversível na secularização da sociedade (HERVIEU-LEGER, 1997; BERGER, 2001; MARIZ, 2001).

Essa última tese, defendida por Peter Berger (1985) antes do seu *mea culpa* (2001), postulava que as conseqüências do projeto de modernidade produziriam uma contestação veemente das tradições e uma crescente racionalização de todas as esferas da vida social, na qual, as organizações religiosas gradualmente perderiam a importância e o poder na sociedade. Berger dizia que:

[...] Por secularização entendemos o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos. Quando falamos sobre a história ocidental moderna a secularização manifesta-se na retirada das igrejas cristãs de áreas que antes estavam sobre o seu controle e influência: separação da igreja e do estado, expropriação das terras da igreja, ou emancipação da

educação do poder eclesiástico, por exemplo. Quando falamos em cultura e símbolos, todavia, afirmamos implicitamente que a secularização é mais que um processo socioestrutural. Ela afeta a totalidade da vida cultural e da ideação e pode ser observada no declínio dos conteúdos religiosos nas artes, na filosofia, na literatura e, sobretudo, na ascensão da ciência como uma perspectiva autônoma e inteiramente secular do mundo. Mais ainda, subentende-se aqui que a secularização também tem um lado subjetivo. Assim como há uma secularização da sociedade e da cultura, também há uma secularização da consciência, simplificando, que o ocidente moderno tem produzido um número crescente de indivíduos que encaram o mundo em suas próprias vidas às interpretações religiosas (BERGER, 1985: 119-20).

Contudo, com as diferenciações no campo religioso, o aumento progressivo das comunidades emocionais (HERVIEU-LÉGER, 1997), o avanço considerável das igrejas pentecostais e neopentecostais, além da presença cada vez maior de espaços neo-esotéricos, a tese de um processo irreversível da secularização começou a ser questionada. Para minorar os ânimos do debate, que se encontra insolúvel até o presente momento, Danièle Hervieu-Léger propôs uma solução do tipo salomônico e reformulou a questão da secularização em termos dialéticos, ao afirmar que:

[...] Uma perspectiva mais interessante, do ponto de vista da construção de uma sociologia da modernidade religiosa, talvez consista mais em apreender, no interior da própria tensão que manifesta entre as “tendências dessecularizantes” e as “tendências secularizantes” ativamente presentes, juntas, nas experiências de renovação emocional, algo da natureza intrinsecamente *contraditória* do próprio processo de secularização (HERVIEU-LÉGER, 1997: 44).

Anos após as primeiras idéias de Peter Berger (1985), sobre a secularização, este autor reviu suas colocações e publicou um texto intitulado “*A dessecularização do mundo: uma visão global*” (2001), no qual afirmou ser:

[...] falsa a suposição de que vivemos em um mundo secularizado. O mundo hoje, com algumas exceções [...] é tão ferozmente religioso quanto antes, e até mais em certos lugares. Isso quer dizer que toda uma literatura escrita por historiadores e cientistas sociais vagamente chamada de “teoria da secularização” está essencialmente equivocada. (BERGER, 2001:10).

Analisando as transformações recentes no campo religioso brasileiro, Cecília Mariz, no seu texto “*Catolicismo no Brasil contemporâneo: reavivamento e diversidade*” (2006), se afasta do conjunto de análises que enfatiza o tema do enfraquecimento do Catolicismo no

Brasil e busca, dessa forma, verificar a pluralidade e os reavivamentos dentro desta religião. Segundo a autora, “essa revisão sugere que a queda na proporção de católicos parece estar sendo acompanhada por um relativo reavivamento religioso, e mais ainda por uma intensificação da diversidade na experiência de ser católico”. (MARIZ, 2006: 53; CAMURÇA, 2006). Mariz ainda informa que:

[...] De acordo com os dados analisados por Pierucci e Prandi (1996:216), os católicos carismáticos seriam em 1994 3,8% do total da população brasileira. Já a pesquisa do Ceris (2002:109-111) encontrou 18,2% da população católica entrevistada afirmando participar de “atividades carismáticas”. Pode-se calcular que 18,2% da população católica dos grandes centros urbanos (universo da pesquisa do Ceris) possa corresponder grosso modo a 12,6% da população total do país. Assim teríamos que de 1994 (ano em que os dados foram coletados pelos *Datafolha*) para 1999 (ano da coleta do Ceris), o número dos que estão envolvidos com atividades carismáticas no Brasil subiu de 3,8% para 12,6%, ou seja, mais que triplicou (MARIZ, 2006:55).

Ainda sobre o tema do “reavivamento católico”, apontado por Mariz, essa autora se debruça mais detalhadamente sobre o contexto de sua produção. A partir da leitura de Berger sobre a teoria do “mercado religioso”, mas incorporando a crítica e reformulação operadas por Stark e Iannaccone (os quais visaram dar conta do fenômeno da “mobilização religiosa”, frente ao fim dos monopólios da fé e o surgimento da competição entre os agentes religiosos), Mariz expõe o multifacetado campo do Catolicismo brasileiro, também em seus modelos de reavivamento e variedade de papéis desempenhados pelos leigos, haja vista que: “O mundo atual parece dispor de um leque mais amplo de elementos que, ao mesmo tempo em que reavivam o Catolicismo, o diversificam, criando grupos com relativa autonomia em relação ao Vaticano” (Ibidem: 58).

A tese da grande variação de formas de nossa matriz religiosa católica contemporânea se acomoda coerentemente com a postulação de diferentes maneiras de reavivamento. Mariz elenca cinco movimentos¹¹ que dão o tom dessas mobilizações efetuadas, em grande parte, por leigos ou por eles largamente sustentadas. Dentre essas, enfatizo as chamadas “campanhas culturais” católicas, polarizadas, mas de sabor modernizante, que repercutem imensamente no

11. Os movimentos que corroboram para o avivamento contemporâneo da Igreja no Brasil são: (1) a pluralidade das “campanhas” internas da Igreja Católica; (2) a “barganha cognitiva” com a cosmovisão moderna; (3) o surgimento de indivíduos com “carismas” especiais e a ocorrência de eventos “sobrenaturais”; (4) a ingerência de instituições não religiosas e não-católicas no mundo católico (MARIZ, 2006: 58).

interior da Igreja, a exemplo da crítica e contestadora Teologia da Libertação, adversa da integrada e restauradora Renovação Carismática, tenda a romanização tridentina como um terceiro pólo, provindo do cume, em competição com grandes forças tectônicas, vindas a partir da base da Igreja.

Enfatizo também, para efeito de interpretação teórica nesta pesquisa, um outro movimento de reavivamento. Este - ao contrário do anterior, sintonizado com a modernidade – volta-se para obscuras forças misteriosas de um passado religioso e tradicional, vigentes num mundo ainda povoado por anjos e demônios. Trata-se do “surgimento de indivíduos com ‘carismas’ especiais e a ocorrência de eventos ‘sobrenaturais’”, com remete a uma visão “encantada” do mundo. Apesar da acelerada modernização e intensa urbanização da sociedade brasileira, não deixamos de observar a resistência do ideário típico de um Catolicismo popular autônomo e tradicional – numa palavra: pré-moderno -, representado nas festas de orago; nas romarias, devoções e promessas aos santos do coração do povo – oficiais ou não -, com ênfase na crônica de seus milagres e feitos maravilhosos; e, mais recentemente, nos surtos carismáticos de aparições da Virgem. Esse Catolicismo popular sofre, ainda, a oposição das “campanhas culturais” citadas, os quais buscam superá-lo, por ser visto como atrasado.

Em suma, para Mariz:

[...] o que chama atenção no Catolicismo é o grau de diversidade dentro de uma única igreja sob uma única liderança. Na verdade, o Catolicismo é uma igreja dentro de uma religião mais ampla e diversa que é o cristianismo. Nesse sentido, enquanto uma igreja única, a diversidade católica se destaca das demais e impressiona os analistas (Ibidem: 57).

Ainda sobre estas transformações no contexto do Catolicismo brasileiro, Mariz detecta uma crescente participação do papel do leigo na Igreja, bem como a crescente autonomia de indivíduos e grupos em relação às instituições em geral e, em particular, às instituições religiosas, fenômeno identificado por Hervieu-Léger (1999) como processo de “desregulação do campo religioso”.

As teses de Hervieu-Léger, Camurça e Mariz – que refletem diretamente sobre a nova face do Catolicismo brasileiro contemporâneo - concorrem para pensar aspectos centrais do grupo que pesquisei nos últimos dois anos em Olinda: o Grupo de Oração e Ação Social Frei Jerônimo (GOASFJ). Seguindo as pistas deixadas por Mariz, vejo o grupo estudado como um

produto dessa grande variação apontada por ela no interior do Catolicismo contemporâneo que é marca diretamente relacionada com a autoconsciência e valoração crescente do laicato. A partir desse leque de possibilidades identitárias, os fiéis elaboram representações daquilo que é “ser católico” no Brasil hoje, permitindo, no caso dos seguidores do frei, retomar e reelaborar criativamente a partir dos modelos disponíveis nas experiências anteriores de mobilização e organização dos leigos, a exemplo das “campanhas culturais” existentes na Igreja brasileira - sejam elas de cunho progressista (CEBs), ou de perfil mais conservador (RCC).

Para além desse reavivamento, que remete também ao papel de protagonismo desempenhado pelos leigos na Igreja, com Danièle Hervieu-Léger (1997) atentamos também para a emergência de comunidades emocionais do tipo carismático, que sublinham a relação entre a autonomia do leigo e desregulação do campo religioso, na medida em que o portador do carisma reúne em si todas as demandas afetivas e subjetivas dos fiéis, em seu comércio com as potências divinas. Tais comunidades apresentam:

[...] tendência ao emocionalismo comunitário que se expande cada vez mais, não somente no seio dos Novos Movimentos Religiosos mais também nas diferentes igrejas e confissões. Segundo a descrição que dela oferece Weber, a religião de comunidades emocionais caracteriza as comunidades de discípulos reunidas em torno a um portador de carisma. [...] Esta religião de comunidades emocionais apresenta-se em primeiro lugar como uma religião de grupos voluntários, que implica para cada um dos seus membros um compromisso pessoal (quando não uma conversão, no sentido revivalista do termo). O testemunho que cada convertido dá ao grupo de sua própria experiência, e o reconhecimento que o grupo lhe traz de volta criam um laço muito forte entre a comunidade e o indivíduo. Este laço de adesão toma sua forma mais intensamente afetiva no caso lembrado por Weber de comunidades de discípulos reunidos em torno de uma personalidade carismática (HERVIEU-LÉGER, 1997: 33).

Assim, entendo haver uma correlação entre a idéia de Hervieu-Léger, sobre as comunidades emocionais e o surgimento do GOASFJ, tendo em vista que tal grupo é formado basicamente por leigos reunidos em torno de um portador de carisma que é o Frei Jerônimo, onde os convertidos pautam-se por fornecer ao grupo seus testemunhos de fé, criando e mantendo laços comunitários, com base numa conversão revivalista dos fiéis em face de suas demandas e diante dos novos perfis vigentes no Catolicismo.

Com relação ao carisma apresentado pelo frei, característica fundamental para manter e reproduzir o laço de coesão no interior do Grupo de Oração e Ação Social Frei Jerônimo, é de novo Cecília Mariz, em seu texto “*A Renovação Carismática Católica: Uma Igreja dentro da Igreja?*”, quem nos fornece pistas para compreensão do meu objeto de pesquisa, quando afirma que:

[...] Segundo Weber (1991) o carisma surge como força desreguladora, contestadora. O profeta ou o líder carismático, ou comunidade carismática questiona as regras existentes – desregula. No entanto, a experiência carismática é por sua natureza efêmera, passageira. Para que os valores e princípios despertados por esta experiência se mantenham, surge uma nova regulação: novas regras são propostas. A dinâmica histórica e social fará surgir novas regras que constituem a institucionalização do carisma. Se isso não ocorre, o carisma desaparece (MARIZ, 2003:176).

Ainda nessa seara, agora numa perspectiva comparativa da realidade brasileira, Fortunato Mallimaci (2000), analisando as transformações do Catolicismo na Argentina, observa que uma de suas mudanças prende-se ao crescimento do Catolicismo emocional, no qual:

[...] a busca do sagrado e da cura pelos dons do Espírito é um forte questionamento ao tipo de estrutura eclesial e de uma disputa “leiga” pelo controle exercido pelos especialistas sobre a manipulação dos bens e salvação. Aqui os sujeitos principais convocados e autoconvocados são os “vulneráveis”, quer dizer, homens e mulheres de diversos estratos sociais e situação de perda de suas certezas sejam estas a nível emocional, de saúde, de casal, de família, de trabalho, etc. É importante acentuar esta situação “vulnerabilidade”, pela qual se chega às comunidades emocionais e, portanto, à busca de respostas individuais emotivas que destacam auto-estima e o valor do corpo. Aqui encontramos uma população móvel que transita por diversos grupos e que, quando encontra sua “verdade”, deseja transmiti-la, levá-la a cabo, implementá-la “aqui e agora”, colaborando com todos os seus meios – tempo, dinheiro e responsabilidade – para a sua realização. [...] Se, ontem, outras comunidades com a mesma força buscavam “curar os males da sociedade”, hoje outros grupos de católicos procuram curar os males do coração e da alma (MALLIMACI, 2000:236-7).

Parece-me, desse modo, que as colocações de Mallimaci sobre o Catolicismo na Argentina não são destoantes das análises empreendidas no campo do Catolicismo no Brasil, tendo em vista a crescente realidade das comunidades emocionais e a valorização do papel do

leigo que busca, sem intermediações, o contato com o sagrado e a cura físico-espiritual por obra do Espírito Santo; importando, dessa forma, sérios conflitos com a hierarquia católica.

No meu caso ora em estudo, observo também vários pontos descritos por Mallimaci na vivência comunitária do GOASFJ, a exemplo da afluência de pessoas de vários estratos sociais aos louvores do frei, que nas suas incertezas emocionais, de saúde, financeiras e familiares, procuram o grupo, em busca de repostas individuais aos seus sofrimentos; e nele as encontrando, o que resulta no aumento de sua auto-estima. Em retribuição, esses fiéis colaboram com o seu tempo, dinheiro e assunção de responsabilidades, tanto nos trabalhos religiosos e na gestão da comunidade, como no mecenato ao próprio frei.

Assim, incorporando-me ao fio de raciocínio iniciado por Weber e ampliado por Camurça, Mariz, Hervieu-Léger e Mallimaci, passo agora a levantar algumas questões, necessárias para entendimento do meu objeto de estudo, formuladas da seguinte maneira:

- (1) quando, de que maneira e com que intensidade o crescimento do carisma, apresentado por Frei Jerônimo, passou a rivalizar com o poder legalista do Arcebispo, culminando no seu afastamento da Igreja Católica local? (Capítulo II);
- (2) a partir da emergência e manutenção desse carisma, como o GOASFJ se estrutura e se organiza, visando o atendimento das demandas apresentadas pelos seus fiéis, sua perpetuação e reprodução enquanto comunidade carismática? (Capítulo III);
- (3) como as experiências carismáticas se comportam, quando as demandas internas do grupo entram em concorrência com as exigências das mediações externas, espaços de negociação para a manutenção do grupo, sendo alguns desse espaços controlados por outras instâncias de poder, a exemplo do que ocorre no campo político-partidário? (Capítulo IV).

Com esse repertório inicial de questões, por intermédio das quais busquei delinear um perfil mais aproximado do GOASFJ, baseei a construção dos capítulos que se seguem, na tentativa de compreender as regras, com as quais o grupo produz e reproduz o sentido de sua existência, a partir e em torno dos dons apresentados por um portador de carisma, o qual, reciprocamente, sustenta-se e sustenta a sua ação pelo compromisso pessoal dos seus seguidores, envolvidos igualmente na manutenção e\ou reprodução desse carisma.

Capítulo II – Frei Jerônimo: o narrador e sua trajetória

Este capítulo foi inteiramente baseado nas informações prestadas por Frei Jerônimo e por alguns de seus mais próximos colaboradores e testemunhas, os quais, por sua vez, contaram apenas com a autoridade de suas reminiscências e impressões deixadas pelas experiências vividas pelo frade - desde a sua infância e juventude (no caso do religioso), até o momento da constituição do GOASFJ, passando pelo clímax da sua ruptura com a Igreja que o havia acolhido desde cedo.

Não pretendi assumir aqui o ponto de vista de biógrafa, nem tampouco o de historiadora, em sentido estrito. Estou ciente das incertezas, reticências e imprecisões que uma narrativa baseada apenas na memória – e na memória de uma única testemunha... E de uma testemunha **posicionada** na história – pode proporcionar, em variedade de ameaças, à concretude do “edifício da objetividade”, utopia muitas vezes perseguida no passado da pesquisa etnográfica, a qual - como todas as utopias - nunca logrou ser encontrada, senão apenas na forma de (re)construções cenográficas e ideológicas do tecido da realidade, mais ou menos visíveis.

Nessa perspectiva, alio-me ao pensamento de Walter Benjamin, quando postula a figura do “narrador”, em oposição ao objetivismo típico do historiador e do biógrafo, com a qual identifico a postura e função de Frei Jerônimo, do ponto de vista de seus seguidores. Foi precisamente essa função, mais do que a “verdade” de suas memórias, que me dediquei a por o foco neste capítulo.

Benjamin, avaliando o atual estado da tradicional arte de narrar histórias, afirma que “o narrador não está de fato presente em nós, em sua atualidade viva. Ele é algo de distante e que se distancia ainda mais”. Quis ele dizer com isso que “a arte de narrar está em vias de extinção”, tendo como uma de suas causas o fato de que “as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo”, sendo que justamente “experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores”, mas que na contemporaneidade estamos nos privando da “faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1994: 197-198).

Tais reflexões me inspiraram a reconhecer, no Frei Jerônimo, o resgate desse narrador que se utiliza de sua vida como exemplo para orientação moral dos seus fiéis, tais como, no passado, assim funcionavam a hagiografia – epopéias heróicas dos santos - para os cristãos. Diz Benjamin que a experiência narrada, incorporada na vivência dos seus ouvintes:

[...] esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio, ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se “dar conselhos” parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicadas. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos, nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta, que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada (BENJAMIN, 1994: 200).

Isso significa que as memórias manejadas por Frei Jerônimo aproximam-se do caráter mitológico, utilizadas com fins precisos - como “mito de criação” - para a configuração de uma identidade heróica para as escolhas efetuadas pelo GOASFJ e seu líder, as quais são assim recebidas e compreendidas por seus integrantes. Arrisco-me a reconstruir aqui apenas uma versão, das muitas possíveis, pois a história do frei articula-se diretamente com a vida dos seus simpatizantes de forma simbólica e, ao mesmo tempo, prática, tal como, por exemplo, ocorre com a parábola encerrada no “milagre de Jupira”, descrito adiante.

Trata-se de interpretações de uma realidade, que não tem – nem carece ter, do ponto de vista do fiel – compromissos inelutáveis com uma verdade acabada, fechada em si mesma, corroborada unicamente por mecanismos de checagem de fontes e verificadas por documentos, típicos dos procedimentos daqueles que pretendem preencher um tempo “homogêneo e vazio”, um tempo cronológico e linear, com uma “imagem eterna do passado”.

Em resposta a esses positivistas, Benjamin propõe em seu lugar, um:

[...] historiador capaz de identificar no passado os germes de uma outra história, capaz de levar em consideração os sofrimentos acumulados e dar uma nova face às esperanças frustradas -, de fundar um outro conceito de tempo, “tempo de agora” (Jetztzeit), caracterizado por sua intensidade sua brevidade, cujo modelo foi explicitamente calcado na tradição messiânica mística judaica (GAGNEBIN, 1994: 8)

Para Benjamin, a questão maior que se estende diante do narrador é formulada nos seguintes termos: “como repassar adiante a experiência de vida – sua e de outros?”; ou, em outras palavras, “como fazer da história uma fonte de sentidos abertos, sujeitos a reinterpretções e aplicações práticas na vida daquele a escuta?” Os efeitos das histórias que conta, para o narrador, são semelhantes às impressões causadas pelos contos de fadas na vida subjetiva das crianças; e estão na mesma proporção do trabalho simbólico efetuado pelos mitos, na forma como interpelam e explicam as demandas internas por sentido e segurança das pessoas – numa palavra: “o conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria” (BENJAMIN, 1994: 200). Ensina ele que:

[...] Não se percebeu devidamente até agora que a relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado. Para o ouvinte imparcial, o importante é assegurar a possibilidade da reprodução. A memória é a mais épica de todas as faculdades. Somente uma memória abrangente permite à poesia épica apropriar-se do curso das coisas, por um lado, e resignar-se, por outro lado, com o desaparecimento dessas coisas, com o poder da morte (Ibidem: 210).

Foi por causa dessa perspectiva benjaminiana, aproximando-me das vivências e visões de mundo dos fiéis do GOASFJ, que me pus a enfrentar as memórias do grupo, escutar e refletir sobre as palavras de seu líder, dando-lhe o penhor da confiança sobre aquilo que tinha a me dizer: uma história “posicionada” sobre escolhas individuais e coletivas e as suas conseqüências. Uma memória comum, tantas vezes contada e refletida por cada fiel que procura o carismático Frei Jerônimo, em busca de acolhimento e sabedoria de vida.

2.1 - A descoberta da vocação e o pertencimento a Igreja

Jerônimo Gomes de Sousa é o nome de batismo do líder do GOASFJ. Ele nasceu em 4 de março de 1960, na cidade de Mossoró, Estado do Rio Grande do Norte, em uma família numerosa de 15 filhos, dos quais sobreviveram 11 irmãos. Para ajudar em casa, o pequeno “Novo”, como era chamado na intimidade, começou a trabalhar aos nove anos de idade, numa serraria. Porém, não se demorou nessa atividade, porque sua mãe insistia que ele estudasse. Aos 13 anos, o menino foi trabalhar numa fábrica de calçados, permanecendo por lá quatro anos. Nesse período, mais precisamente no ano de 1976, Jerônimo cursava datilografia no horário do almoço e no término do expediente vendia pastéis, seja na rua, seja na lanchonete de uma escola estadual, com sua mãe, que lá era auxiliar de serviços gerais. Pela necessidade de angariar recursos para sua família, até o ano de 1978, o garoto trabalhava dois expedientes.

Embora trabalhasse intensamente, o menino jamais desobedeceu a sua mãe deixando de estudar, pois terminou seus estudos em 1978.



Figura 14: Frei Jerônimo e seu irmão, Frei Jonaldo, na celebração dos 42 anos de sacerdócio deste último

Quando saiu de Mossoró, lembra ainda que, aos dezessete anos, ingressou na Escola Aprendizes Marinheiros, no Recife. No período de 1977 a 1978 fez intercâmbio entre Recife e Mossoró. Dessa forma, nos finais de semana, permanecia nessa cidade como aluno da Escola e durante a semana, retornava a Mossoró, onde trabalhava em uma sapataria.

Em março de 1978, saiu da sapataria para dedicar mais tempo à Marinha. Fez concurso no Estádio Geraldão, em Recife, para marinheiro. Sua aprovação representou a realização de um sonho para seu pai que desejava vê-lo naquela instituição. Permaneceu na Marinha apenas um ano. No dia de Santo Antônio, 13 de junho de 1978, por ocasião de uma visita à cidade de Recife, onde ficou hospedado com parentes, houve uma procissão daquele santo católico até o convento franciscano do Imperador. Jerônimo afirma ter sido ali tocado muito fortemente por um chamado para ser padre. Embora estivesse programado para ingressar na Escola Naval do Rio de Janeiro, resolveu pedir dispensa da Marinha. Para isso contou com a ajuda do médico da Marinha, que, respondendo ao seu pedido, escreveu na sua ficha que ele tinha uma perna mais curta que a outra. Em suas palavras: “Renunciei para ser frade, não queria mais nada da vida a não ser ‘ser padre’ ”. Essa convicção ficou ainda mais forte depois de ouvir os sermões de Dom Helder Câmara e após a ordenação do seu irmão, Jonaldo, como diácono, na Ordem dos Frades Menores (OFM), em meados de 1978.

A Ordem dos Frades Menores - também conhecida como Ordem dos Franciscanos ou Ordem Franciscana - é uma congregação religiosa católica, criada no ano de 1209, quando recebeu aprovação verbal do Papa Inocêncio III, por Giovanni Bernardone, vulgo São Francisco de Assis, e 12 companheiros seus. Seguindo a idealização do fundador, o grupo adotou a denominação “Frades Menores” para indicar o caráter fraternal que deveria predominar entre eles e o lugar social privilegiado para o atendimento de seu objetivo, ou seja, o serviço aos pobres. Desta forma, o ideal de pobreza, na inspiração primeira do fundador, é um traço fundamental dos franciscanos.¹²

No ano de 1221, o Papa Honório III aprovou canonicamente as regras da OFM, que permanecem inalteradas até os dias atuais. Diversas ramificações surgiram ao longo do tempo, resultando na seguinte configuração da Ordem Franciscana:

(1) Primeira Ordem: *Ordem dos Frades Menores*, ou *observantes* (O.F.M.), *Ordem dos Frades Menores Conventuais* (O.F.M.conv) e *Ordem dos Frades Menores Capuchinhos* (O.F.M.cap);

(2) Segunda Ordem: *Ordem das Irmãs Clarissas*, *Ordem das Irmãs Concepcionistas* e *Ordem das Irmãs Capuchinhas*;¹³

(3) Terceira Ordem: *Terceira Ordem Regular* (T.O.R.) e *Terceira Ordem Secular*, ou *Ordem Franciscana Secular* (O.F.S).¹⁴

Segundo Frei Jerônimo, durante toda a procissão de Santo Antônio ele ficou angustiado, quanto à emergência de sua vocação, ou seja, ser ou não frade. Tentou diversas vezes falar com seu irmão sobre o assunto, mas ficou envergonhado imaginando que todos pensariam que ele estava querendo imitar seu irmão. Diante desta dificuldade de comunicação, decidiu escrever uma carta, onde falava de suas intenções em ingressar na vida

12. Informação acessada em 30/10/2008, no site: <www.pernambucodeaz.com.br/dh/recife.htm>.

13. Os grupos religiosos que compõem a Segunda Ordem são contemplativas enclausuradas, seguidoras de São Francisco de Assis e Santa Clara.

14. Ordem Terceira de São Francisco abriga diversos outros ramos, merecendo destaque a Fraternidade Sacerdotal Franciscana Secular (FSFS), Pequena Família Franciscana (PFF) e Juventude Franciscana (JUFRA). Para maiores informações sobre a história e a organização da Ordem Franciscana ver site, disponível em: <<http://www.paginaoriental.com/santos/crsfa0410.htm>>.

religiosa franciscana. Seu irmão, ao recebê-la, declarou chorando a um padre de Mossoró: “Ele é vocacionado, ele é candidato a frade!”.

Angústia maior Jerônimo sentiu quando foi falar com seu pai, sobre a sua decisão. Isso porque este desejava imensamente seu ingresso na Marinha. Quando o fato se tornou público, houve censura por parte de membros de sua família. Estes reprovavam que ele preferisse ser padre, em vez de entrar para a Marinha, fazer carreira e ganhar dinheiro. Sua mãe, católica fervorosa e membro da *Legião de Maria* desde o ano de 1964, foi a única a apoiar sua escolha:

“Minha mãe sempre foi muito católica e carola de igreja, assim como minha avó. Ela era professora de catecismo da gente em casa. Lá em casa nós rezávamos o terço todo dia as 18h00 horas” (Frei Jerônimo).

Sobre a vocação religiosa, segundo FINKLER (1990), a opção de ingressar para a vida religiosa é vista como uma decisão de conversão ao Senhor. A partir de então, a pessoa deve fazer de uma vida de união com Deus o objetivo principal de todos os seus pensamentos, preocupações, desejos e atividades. Visando este objetivo, deve-se libertar de outras apreensões tais como: uma vida na família biológica, a educação dos filhos, as atividades de sustentação própria e de seus dependentes. Essa opção demarca uma nova atitude de vida, caracterizada pela busca de conhecer em cada momento a vontade de Deus sobre si e colocá-la em prática. Para esse autor:

[...] Três elementos existem cuja convergência caracteriza a autêntica vocação religiosa ou sacerdotal: a) O chamado de Deus; b) A decisão de dar um sim a esse chamado para a pessoa ser algo diferente do que é; c) A aceitação do postulante por parte do superior responsável pela instituição (FINKLER, 1990, 21).

Considerando o chamado de Deus, dentre suas características, destaca-se que o vocacionado deve sentir-se atraído pelo estilo de vida próprio da vida religiosa ou sacerdotal. Nesse sentido, as informações recebidas na catequese e na educação familiar são propiciadoras dessa sensibilidade ou fascínio.

A decisão de dar um sim ao chamado, convertendo-se em um *outro*, deve se basear em argumentos que a justifiquem. Além de dizer *o que quer*, o candidato à vida religiosa deve explicitar *por que quer*. A decisão é considerada bem fundamentada quando o desejo está

relacionado à busca de cumprir a vontade de Deus e colaborar com salvação do mundo por meio do serviço.

Já a aceitação por parte do superior responsável é considerada como um indício de que a escolha feita é acertada. Contudo, a aceitação do superior deve ser vista como uma expressão de confiança, a qual evidencia, em sua opinião, que há motivos suficientes para iniciar o trabalho de formação, visando capacitar o candidato para a identificação e vivência específicas de congregação religiosa. “A permissão, ou, antes, o convite para passar a uma etapa posterior no processo de formação significa que continua a confiança do responsável na autentica vocação” (FINKLER, 1990: 23).

Em referência às congregações religiosas católicas, os seus propugnadores acreditam que a vocação religiosa vai se concretizando ao longo da vida, através do compromisso pessoal do religioso em amar a Deus de todo o coração e em imitar e seguir Jesus Cristo - pobre, casto e obediente. O candidato à vida consagrada deve ter a consciência de que o seu compromisso o une estreitamente ao Senhor, aos irmãos, à sua congregação e à Igreja. Enquanto pessoa consagrada, deve saber que sua origem e objetivo de vida é a Igreja, cabendo a esta lhe dar o apoio permanente (FINKLER, 1990:24).

Retornando à vocação de Frei Jerônimo, deixando tudo para trás, ele conta que, ao ingressar na OFM, foi indicado para estudar na cidade de Maceió, no dia 27 de Janeiro de 1979, mais precisamente ao convento dos franciscanos, no bairro do Bom Parto. Nessa casa concluiu as duas primeiras etapas da vida religiosa, o aspirantado e postulantedo.¹⁵ Nesse período, estudou durante dois anos no Colégio Sagrada Família, colégio particular em que cursou o segundo grau, pois embora já tivesse o curso de contabilidade em nível médio, esse não foi aceito pelos frades.

No ano de 1979, em Maceió, aos 19 anos de idade, participou de um festival de música popular brasileira, que contou com a participação de 58 candidatos. Ganhou um troféu de melhor voz e melhor intérprete - 1º e 2º lugares, respectivamente, de todo o Estado de Alagoas. Com o prêmio de CR\$11.000,00 (onze mil cruzeiros), comprou 19 cestas básicas,

15. O processo de formação na OFM é composto pelas seguintes etapas: aspirantado, postulantedo, noviciado, juniorato. Os conteúdos formativos próprios e necessários à vida religiosa franciscana vão sendo oferecidos ao longo dessas etapas, que são progressivas. Ao final desse processo, são proferidos os votos perpétuos de Pobreza, Castidade e Obediência, sendo celebrada, dessa forma, a consagração definitiva, que sela o pertencimento à Ordem Franciscana.

que foram doadas às velhinhas da favela São Francisco, localizada às margens da Lagoa de Mundaú. Essa foi, juntamente com a Gruta do Padre, no bairro de Bebedouro, a primeira comunidade carente em que Jerônimo trabalhou. Nesses locais, com a ajuda dos moradores, o frade levantou muitas casas de taipa, no regime de mutirão.

Depois dessa vitória, foi convidado a gravar um compacto de vinil. Participou do Projeto Pixinguinha aonde chegou a cantar com o grupo A Cor do Som, com a cantora Maria Betânia, entre outros.

Após concluir o 2º. Grau, em Maceió, terminou seu postulante e ingressou, juntamente com 14 jovens, no noviciado, em Ipojuca (PE), onde recebeu o hábito franciscano, no dia 1 de fevereiro de 1981. Referindo-se a essa fase de sua vida, Jerônimo diz que:

“Foi um ano de provas, muitos momentos de oração e encontro com Deus e com a gente mesmo. Trabalhos pesados como: cortar cana junto com o povo pobre, cuidar do sítio do convento, cortando bananeira, capinando, plantando macaxeira, fazendo horta. Nosso único divertimento era ir à praia de Cupe, em Porto de Galinhas. Éramos obrigados a ir e voltar de pés (sic), de Ipojuca para Porto de Galinhas. E todos esses trabalhos eram comandados por três formadores: guardião, mestre e vice-mestre; e tinham como finalidade nos colocar junto do povo que moravam (sic) nos engenhos e morros da comunidade, onde nós também fazíamos as atividades pastorais” (Frei Jerônimo, 19/06/2008).

Em 02 de fevereiro de 1982, fez pela primeira vez os votos de Pobreza, Castidade e Obediência, em Ipojuca.¹⁶ Em seguida, o frei foi transferido para o convento São Francisco, em Olinda, onde estudou no Instituto de Teologia do Recife – ITER,¹⁷ no bairro dos Coelhos. Cursou Filosofia, Teologia e Línguas durante seis anos, de 1982 a 1987. Com orgulho, ele afirma que foi aluno de Gustavo Gutiérrez, considerado o pai da Teologia da Libertação,¹⁸ e

16. A Vida Religiosa é definida como o seguimento de Jesus Cristo, sendo caracterizada pela prática do Evangelho, pela vida em comunidade e pela profissão dos votos de Pobreza, Castidade e Obediência, vistos como conselhos evangélicos.

17. O ITER, durante o arcebispado de dom Helder Câmara, tornou-se um centro de irradiação da Teologia da Libertação. No ano de 1989, esse instituto educacional foi fechado por dom José Cardoso Sobrinho.

18. Considerando a Teologia da Libertação, Barbosa (2007) afirma que ela nasceu na América Latina com a prática pastoral assumida a partir do Concílio Vaticano II, que foi intensificado com a Conferência de Medellín. Como decorrência, foram impulsionados os debates teológicos que motivaram a produção de uma ampla doutrina teológica. Esta movimentação fez com que o compromisso social da Igreja ganhasse forma na ação das pastorais sociais, das CEB's na leitura popular da Bíblia, fazendo surgir a Teologia da Libertação. As raízes desta doutrina evocam os movimentos teológicos que se evidenciaram em diversas partes do mundo, em especial, na França, desde o século XIX. Considerando a América Latina, merecem destaque movimentos como a Unión Nacional de

de Sebastião Armando, Leonardo Boff, Ivone Gebara e José Comblin, que são figuras representativas dessa vertente teológica.

Em 21 de novembro de 1987, ele foi ordenado Diácono, partindo logo em seguida para o Estado do Pará, onde realizou um estágio durante 7 meses, na Prelazia de Óbidos. Foi um período de intensa atividade pastoral. Neste período Frei Jerônimo ministrou cursos de capacitação para 435 agentes de pastoral das *Comunidades Eclesiais de Base* (CEBs).¹⁹

Abordando a ação de Frei Jerônimo nas CEB's, a capacitação ofertada por ele visava suprir a escassez de sacerdotes, que era uma das carências dessa região de difícil acesso. O curso ministrado tinha por objetivo conscientizar politicamente a comunidade através da abordagem da Teologia da Libertação.

A paróquia em que atuava tinha 28.704 km², 76 comunidades ribeirinhas. O percurso da matriz até a última comunidade era realizado em 7 horas de viagem. Neste período trabalhou com os índios Tiriós, na fronteira do Brasil com o Suriname. Atendeu inúmeras comunidades ribeirinhas, realizando casamentos e batizados em cerimônias coletivas.

Estudantes Católicos (UNEC) do Peru e da Juventude Universitária Católica (JUC) do Brasil que vivenciavam o auge de sua vivência integrada de fé e participação (BARBOSA, 2007). A expressão "Teologia da Libertação" foi forjada pelo sacerdote peruano Gustavo Gutierrez. A ele se deve a sistematização escrita de suas primeiras intuições. No ano de 1971, publicou o livro *Teologia da Libertação*, que se tornou uma referência dessa doutrina por apresentar os elementos fundamentais dessa metodologia que se espalharia por toda América Latina. Segundo Aquino (2007), a Teologia da Libertação contou com a adesão majoritária de católicos pertencentes às Comunidades Eclesiais de Base. Devido a expressividade alcançada a partir dos anos de 1980, o Cardeal Joseph Ratzinger (atual Papa Bento XVI) escreveu o artigo "Eu vos explico a teologia da Libertação" alertando sobre o perigo dessa influência. Para ele, essa perspectiva teológica é concebida como uma nova hermenêutica da fé cristã, na qual perpassa uma compreensão do cristianismo em sua totalidade, que conduz a uma práxis de libertação. Por ser esse um conceito político, ela é vista por Ratzinger como norteadora da ação política dos cristãos. Nisso consiste um dos perigos apontados pelo Cardeal: ela apresenta a libertação como uma conquista política, e não como resultado da ação redentora de Jesus, o "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (Jo1,29). Ainda na visão do Cardeal, a ênfase na dimensão política da fé faz com que alguns desvalorizem a celebração da Missa, que passa a ser apreciada como uma celebração de mobilização política. A oração é desvalorizada, assim como outras práticas espirituais tradicionais, tais como: a confissão, a Eucaristia, o terço e a adoração ao Santíssimo. O reino de Deus, um conceito chave da Teologia da Libertação, é qualificado como deturpado, por ser concebido a luz de uma hermenêutica marxista.

19. A propósito das CEB's, de acordo com Betto (1998), são pequenos grupos organizados em volta da paróquia seja na zona rural ou urbana, por iniciativa de leigos, padres ou bispos. São denominadas de comunidades por serem formadas por pessoas que tem a mesma fé, que pertencem a mesma igreja e que moram na mesma região. Seus membros agem motivados pela fé, vivendo em uma *comu-união* em torno de seus problemas (sobrevivência, moradia, lutas por melhores condições de vida e anseios e esperanças libertadoras). Por serem congregadas na Igreja, como núcleos básico de fieis, são nomeadas de eclesiais e por serem constituídas por classes populares (donas de casas, operários, subempregados, aposentados, jovens e pobres moradores da periferia e zona rural) levam a alcunha de base.

A influência da Teologia da Libertação, recebida em sua formação e a atuação de Frei Jerônimo no movimento das CEB's, configuram um “caldo de cultura” que, é razoável supor, teria contribuído para informar, ao menos em parte, sua crítica futura à autoridade da Igreja, em discursos e posturas representados pelo episódio de seu afastamento da área de atuação da Arquidiocese de Olinda e Recife, em 1997, e que redundou na posterior criação do GOASFJ.

No que concerne aos anos de formação do jovem Jerônimo, vimos que, terminado o estágio diaconal, retornou ele ao Nordeste e foi ordenado sacerdote em 22 de outubro de 1988, em Mossoró, sua cidade natal, no estado do Rio Grande do Norte. Em 6 de dezembro desse mesmo ano, ele retornou à Prelazia de Óbidos. Foi a falta de padres para trabalhar nessa região que fez com que ele retornasse, pois acreditava que a missão do frade é ir aonde ninguém quer ir. Sete meses após a sua chegada, o pároco da Igreja Matriz, a Catedral de Santana, renunciou ao cargo de Vigário Paroquial. Frei Jerônimo, com 28 anos, assumiu este cargo, que, segundo ele, foi seu primeiro grande desafio. Nesse tempo, não via com bons olhos o *Movimento Carismático*,²⁰ considerado por ele “um grupo de alienados e sem compromisso com o desenvolvimento do país”. Era contra o conservadorismo e não aceitava a espiritualidade da Nova Era. Voltou a dar assistência aos índios Tiriós, na fronteira do Brasil com o Suriname, assim permanecendo durante quatro anos.

Nesse período de atuação no Pará, foi alertado por Irmã Feliciano, freira franciscana, de que ele possuiria um tipo de carisma. Essa religiosa, que realizava um trabalho de energização através da imposição das mãos, lhe disse: “Frei Jerônimo, o senhor tem uma energia muito forte nas mãos, já pensou nisso?!”. No momento o padre não deu muito crédito a essa afirmação, contudo um episódio o fez reavaliar a presença desse dom. Conta que uma senhora de 28 anos estava em coma. Os médicos não sabiam mais o que fazer. Irmã Feliciano o chamou para visitá-la e disse: “Frei, o senhor, com o poder de suas mãos pode levantar essa mulher”. Em seguida, pediu para que ele impusesse as mãos sobre ela. Seguindo essa orientação, passou a impor as mãos sobre o corpo da mulher, inicialmente da cabeça ao pé e depois no sentido inverso. Ao terminar os movimentos, a mulher abriu os olhos e perguntou: “Onde estou? Quem é esse homem?”, e desmaiou. Em seguida, ela ficou se debatendo. A religiosa mandou que Jerônimo continuasse, pois a enfermidade era espiritual. Repetido o movimento, a enferma se levantou, pediu água e ficou curada.

20. Também denominado *Renovação Carismática Católica* (RCC). Para um detalhamento maior das características desse movimento religioso, ver Maués (2000) e Valle (2004).

Durante uma missa campal, em 26 de julho de 1988, celebrada na Catedral de Santana, ele afirma ter recebido de Deus mais um dom: o da palavra. Por se considerar um péssimo orador, preparou um discurso de dez páginas para ler, uma vez que não poderia criar um discurso de improviso para o momento, pois seria um desastre. De repente, o vento soprou e levou todas as páginas que tinha escrito, sendo obrigado a falar de improviso. A homília proferida, que impressionou os presentes, foi a melhor que fez na vida. Foi aplaudido intensamente.

Infelizmente, como estava cansado de trabalhar sozinho e sem recursos, ele renunciou à missão na Prelazia. Dentre as muitas dificuldades, conta que era comum ele dormir nos barcos e lanchas, enquanto fazia suas visitas nas comunidades e que a missão entre os indígenas, que foi sustentada durante anos por doadores alemães, passou a não receber os recursos necessários.

Voltou para o Estado de Pernambuco, em 1992, e foi morar em Ipojuca. Devido aos conflitos de terra e atritos com os políticos do município, ele não agüentou a tensão e renunciou após 1 ano e 6 meses. Passou a residir em Triunfo, onde foi vigário da Paróquia de Santa Cruz da Baixa, durante mais 18 meses. Mais uma vez não deu certo, segundo ele, por causa de conflitos provinciais em torno de seu carisma. Diante do sucesso de seu sermão, por onde andava, o povo estava lá para escutá-lo.

O mal-estar que se estabeleceu fez com que ele partisse para Mossoró, assumindo a Paróquia de Assu (RN). Nessa cidade, mais uma vez enfrentou problemas semelhantes aos experimentados em Ipojuca e Triunfo. Devido ao seu carisma, as celebrações que realizava atraíam muitos fiéis, causando alguns ciúmes dentro da Igreja.

Retornou à Olinda, em 1995, e acatando o pedido do Arcebispo, passou a colaborar nessa cidade, realizando celebrações. Assumiu a função de vigário cooperador da Igreja de São Pedro Mártir. Contando com o consentimento dos franciscanos e da Arquidiocese de Olinda e Recife, ele permaneceu nesta cidade desenvolvendo suas atividades religiosas. Após esse regresso, a vida de Frei Jerônimo mudou completamente. Sua atuação como sacerdote o fez despontar como uma liderança carismática, reunindo em torno de si inúmeros adeptos. Essa projeção passou a incomodar seus superiores, desencadeando um conflito institucional, que resultou em seu afastamento da OFM e da Igreja. Vejamos como isto aconteceu.

2.2 – Conflito e ruptura com a Igreja

Na abordagem do conflito e ruptura de Frei Jerônimo com a OFM e a Igreja é oportuno evocar aqui o pensamento de Max Weber (2004: 128-141) acerca da dominação. Esse autor destaca que a dominação legítima apresenta-se de distintas formas, seja por meio de uma constelação de interesses, na qual há um bilateral entendimento - formalmente livre-; seja por meio do exercício da autoridade, onde dominantes e dominados recorrem à obediência como um dever.

Nessa perspectiva, Weber traça um quadro de referências, no qual delimita a existência de três tipos de dominação legítima: a *legal*, a *tradicional* e a *carismática*. A primeira configura um poder soberano, cujo foco assenta no cumprimento das obrigações estatutárias. Trata-se aqui no domínio exercido pelos tempos modernos, com ênfase na ação racional-burocrática, exemplo mais puro desse tipo de dominação. Aqui aparece a figura do “servidor do estado” e todos aqueles portadores do poder que se reúnem sob a rubrica da legalidade para exercerem sua ação político-institucional.

A dominação tradicional, por sua vez, é o poder exercido pelo patriarca, a exemplo dos reis, príncipes e nobres, os quais recorriam à autoridade patrimonialista exercida desde sempre, ou, pelo menos, desde que a memória alcance, “no ontem eterno”. Esse tipo de liderança engendra um comportamento de adesão, entre os dominados, que valoriza a tradição, os ensinamentos dos antigos, dos tempos idos e fundantes da sociedade, motivos que tendem ao conformismo que evita as novidades, ou tem horror às mudanças.

Por fim, a liderança carismática sustenta-se pelo “dom da graça”, proveniente de indivíduos que são portadores de carismas, pois, perante o grupo que lideram, são detentores de caracteres extraordinários, mas rigorosamente pessoais e não reproduzíveis no vulgo. São os heróis de todos os tempos; os líderes de qualidades excepcionais; os grandes santos e iluminados; os possuidores de poderes sobrenaturais; os profetas de uma nova era; os governantes aclamados diretamente pelo povo; os demagogos e grandes transformadores.

Nessa última categoria, posso enquadrar a liderança de Frei Jerônimo, ao analisar, doravante, os momentos cruciais que, aos olhos de seus liderados, revestiram sua trajetória de vida de tintas místicas e extraordinárias. No seu enfretoamento com a OFM e a Igreja de Dom

José Cardoso Sobrinho, emblema de um poder bifronte, posto que ao mesmo tempo patriarcal - por basear-se num líder incontestado; e burocrático - por tentar controlar a circulação do dom da cura -, Frei Jerônimo surgiu como figura carismática que rompe com a Instituição e, como taumaturgo (o portador da cura), passa a afiançar ele mesmo o poder da graça divina.

O palco desses acontecimentos se deu na cidade de Olinda, em meados dos anos 1990. Certa noite, após ter feito três casamentos, por volta das 21h30minh, quando passava na Rua da Palha, na frente do Convento de São Francisco, ouviu a voz de alguém que chorava chamando-o. Tratava-se de Dona Jupira, uma senhora de 84 anos que freqüentava suas missas. Quando ele foi ao seu encontro, a anciã indagou se ele não estava sentindo a falta dela nas missas. Após a pergunta, informou que estava muito doente: sofria com intensas dores causadas por uma erisipela. Ele, muito cansado, após um dia de intenso trabalho, lhe disse algumas palavras de conforto e se despediu. Depois que deu cerca de dez passos, sentiu uma voz dentro dele dizendo que deveria voltar e curar Dona Jupira. Atendendo a essa voz, Jerônimo retornou e perguntou a Jupira se ela tinha fé. Essa afirmou que fé não lhe faltava. Após pedir um copo d'água, o padre impôs as mãos sobre o líquido e fez uma oração de cura. Nesse momento, ele sentiu uma mão sobre a sua, durante a oração. O frade benzeu a água e disse que a senhora imaginasse que quando a água tocasse sua perna, a mão de Jesus estaria lhe curando. Quando ela colocou a água sobre a perna, disse que a água estava quente. O padre respondeu que não e pediu para ela bebesse.

Depois disso, Frei Jerônimo se despediu e seguiu para o convento, abriu a porta do seu quarto sentou e adormeceu, só acordando de madrugada, voltando a dormir novamente. No outro dia, à noite, durante a celebração da missa na Matriz de São Pedro Mártir, alguém tocou em suas costas. Quando ele se virou para ver quem era, se deparou com Dona Jupira que lhe disse: “Frei Jerônimo, olhe as minhas pernas”. Levantou o vestido até a altura do joelho e mostrou as pernas totalmente curadas. Em seguida, Jupira pegou o microfone e declarou: “Minha gente, Frei Jerônimo tem o dom de cura. Quem tiver doença que procure ele, que Jesus está com esse homem!”.

Dona Jupira está viva até os dias de hoje e conta essa história para quem quiser ouvir. Atualmente possui 94 anos e acompanha os louvores do frei no Clube Atlântico, na cidade de Olinda. A partir desse episódio, a vida de Frei Jerônimo se transformou totalmente.

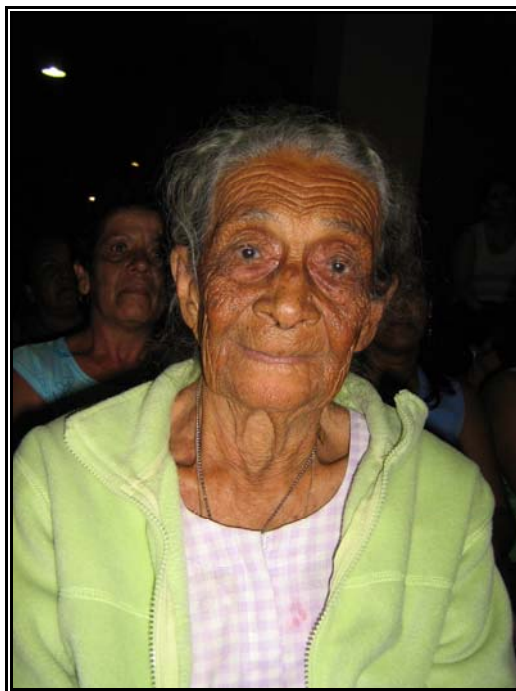


Figura 15: Dona Jupira.

No período de 1995 a 1996, ocasião em que Frei Jerônimo foi padre colaborador nas igrejas de São Pedro Mártir e Nosso Senhor do Bonfim, a convite de Irmã Adélia,²¹ do Colégio Damas, ele passou a atuar na Igreja de São José dos Pescadores, na Rua do Sol, em Olinda. Essa religiosa realizava cenáculos de oração e precisava de um sacerdote para celebrar a missa naquele local. Segundo Dona Raimunda, senhora muito católica e que sempre acompanhava a irmã Adélia em suas atividades religiosas, inicialmente, o cenáculo reunia poucas pessoas, na maioria das vezes, apenas os que moravam nas proximidades da igreja. Devido à divulgação desse ato religioso, aumentou o número dos participantes. Isto fez com que elas sentissem a necessidade da presença de um sacerdote. Com a presença do frade, o número de fiéis aumentou ainda mais. Na realização de missas de cura e libertação,²² na qual o sacerdote prometia a ação direta do Espírito Santo, Jerônimo passou a atrair uma multidão de pessoas. A cada semana, nos diz Raimunda, “todos se sentiam maravilhados com a missa

21. Essa religiosa é bastante conhecida no Estado de Pernambuco, devido ao episódio da aparição da Virgem na Vila de Cimbres, em Pesqueira (PE), a qual ela afirma ter visto numa gruta.

22. Weschenfelder (2006) define *Missa de Cura e Libertação* como o momento no qual “(...) o padre fala com um tom de voz quase linear, alterando a entonação de acordo com a ênfase que pretende dar em determinados momentos, como a graça alcançada e o fiel que retornou a igreja. Neste caso o oficiante apresenta a situação e fala com o testemunhante na forma de um diálogo”.

de Frei Jerônimo”. Ela faz questão de contar que quando ele passeava pela igreja com o “Santíssimo”,²³ as pessoas sentiam uma energia muito positiva vindo dele.

O movimento de povo, sempre crescente, tornou a igreja um local insuficiente. O aumento do prestígio do frade passou a incomodar, novamente, alguns padres e o bispo da Arquidiocese local,²⁴ que mandou chamá-lo. Frei Jerônimo recebeu uma carta convidando-o para um encontro fraternal com Dom José Cardoso Sobrinho (ver anexo 6). Nesse encontro, Jerônimo foi convidado a prestar esclarecimentos sobre as suas pouco ortodoxas práticas litúrgicas e as tais curas que diziam se propagar por seu intermédio, na cidade de Olinda. Na conversa foram citadas as acusações de antiliturgia e curandeirismo. Ao final do colóquio, ele foi aconselhado pelo Arcebispo, a sair da cidade.

O momento em que é desencadeado o conflito de Frei Jerônimo era, na Arquidiocese, de tensão geral, inclusive com outros padres, tendo em vista as disposições reformistas e legalistas do sucessor de Dom Helder Câmara, um bispo tido por progressista. Desde a posse de Dom José Cardoso Sobrinho, em 1985, a Arquidiocese passou por mudanças significativas, assumindo uma nova configuração. Empossado, o então Arcebispo revelou que seu prelado apresentaria características distintas, e muitas vezes opostas, ao de seu antecessor, Dom Hélder Câmara.

Referindo-se a Dom Helder Câmara, que assumiu o comando da Arquidiocese do ano de 1964 a 1985, trata-se de uma das figuras mais influentes da Igreja Católica no Brasil, no século XX. Detentor de um espírito conciliador, é visto como um profeta por muitos. Detentor de carisma, em plena ditadura militar, revelou-se um incansável defensor da liberdade. Considerado um bispo progressista, ligado à Teologia da Libertação, Dom Helder era um

23. O “Santíssimo Sacramento” é uma hóstia consagrada, encerrada numa urna especial denominada “ostensório”, geralmente de ouro, o qual permite, por meio de uma pequena vitrine, a sua exposição ao público nas celebrações eucarísticas católicas. O *Catecismo da Igreja Católica* (2000: 394), no seu parágrafo 1.418, afirma que: “Visto que Cristo mesmo está presente no Sacramento do altar, é preciso honrá-lo com um culto de adoração. ‘A visita ao Santíssimo Sacramento é uma prova de gratidão, um sinal de amor e um dever de adoração para com Cristo, nosso Senhor.’”. Ver exemplo de um ostensório na Fig. 12, página 20, desta dissertação.

24. A Arquidiocese de Olinda e Recife inicialmente foi denominada Prelazia de Pernambuco, em 15/07/1614, pela Bula *Fasti noviorbis* do Papa Paulo V. Em 06/07/1624, o Papa Urbano VIII com a Bula *Romanus Pontifex* a constituiu sufragânea da então Diocese de São Salvador da Bahia. Em 16/11/1676, o Papa Inocêncio XI, no dia, pela Bula *Ad sacram Beati Petri sedem* a elevou como diocese, denominando-se Diocese de Olinda. Em 05/12/1910, ela foi elevada à Arquidiocese e Sede Metropolitana pelo Decreto da Sagrada Congregação Consistorial. E, finalmente, em 26/07/1918, por meio da Bula *Cum urbs Recife* do Papa Bento XV, passou a denominar-se Arquidiocese de Olinda e Recife, com jurisdição que abrange mais 17 municípios e o arquipélago de Fernando de Noronha. Informações históricas retiradas do site oficial da própria Arquidiocese de Olinda e Recife, disponível em: <<http://www.arquidioceseolindarecife.org.br/hitoria.htm>>.

advogado dos direitos humanos. Autor de 22 livros, pregava uma igreja simples e voltada para os pobres e a não-violência. Por sua atuação, recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais, sendo indicado quatro vezes para o Prêmio Nobel da Paz. Foi um dos idealizadores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), fundada em 1952, e um dos fundadores do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), que são instituições católicas representativas de grande prestígio.²⁵

Sob o comando de Dom Helder, a Arquidiocese se projetou por assumir uma configuração que revelou um compromisso com as diretrizes do Concílio Vaticano II e a prática da opção preferencial pelos pobres.

Diferentemente de Dom Helder, Dom José Cardoso Sobrinho é considerado ortodoxo e reacionário, destacando-se pelo uso de sua autoridade. Para ele, a Igreja Católica tem regras definidas e uma hierarquia estabelecida, cabendo aos seus adeptos obedecê-las. Dom José é visto, pelos mais conservadores, como um defensor da fé, das tradições e da disciplina eclesial.

Muitas de suas ações são vistas, por um dos segmentos da Igreja, como polêmicas e impopulares. Vítima de seu autoritarismo a Comissão Justiça e Paz, o Centro de defesa dos Direitos Humanos e a Comissão Pastoral da Terra (CPT) tiveram suas atividades inviabilizadas. O fechamento do Seminário Regional Nordeste II (SERENE) e do Instituto de Teologia do Recife (ITER) provocou uma grande repercussão. Estes centros de formação foram criados por Dom Helder e tinham como base a teologia da libertação. Diversos padres que abraçavam esta inspiração teológica foram destituídos de suas funções. Alguns seguiram rumo à Paraíba, onde foram acolhidos por Dom José Maria Pires, Arcebispo de João Pessoa, de linha progressista. Os que permaneceram, foram obrigados a silenciar ou resistir com as armas que tinham ao seu dispor. Em março de 1990, chegaram a redigir um manifesto, que contou com a assinatura de 82 religiosos da Arquidiocese, denunciando as perseguições de Dom José. Esta ação evidenciou o descontentamento com o prelado, contudo em nada mudou a sua ação.

Dom João Evangelista Martins, Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Olinda e Recife, fez uma análise da atuação de Dom José. Escrito no início da década de 1990, o Relatório

25. Para um maior conhecimento da vida e atuação de Dom Helder Câmara ver o site: <<http://www.pernambucodeaz.com.br/dh/projeto.htm>>.

sobre a situação da Arquidiocese foi enviado à Nunciatura Apostólica, em Brasília - que é uma espécie de embaixada do Vaticano no Brasil -, cujo fac-símile foi publicado em 4 de julho de 2008 pelo Jornal do Commercio, num caderno especial que “comemora” a aposentadoria de D. José Cardoso Sobrinho (ver anexo 8), obrigatória quando um bispo completa 75 anos. O documento informava que o clero estava dividido, formando uma igreja paralela. O Arcebispo foi qualificado como um homem eficiente, porém enérgico e inflexível. Foi ressaltada a sua falta de capacidade de diálogo, sendo nomeado de autoritário, incapaz de perdoar, rancoroso e vingativo. Destaca, ainda, que ele divide as pessoas em dois grupos: amigos e inimigos; que não visita os padres dissidentes e, além de se recusar a recebê-los, exige que estes lhe peçam perdão por terem assinado o manifesto contra ele.

Embora poucos tenham lido, a reportagem do Jornal do Commercio afirma se tratar de um “documento extremamente sigiloso”, este relatório teve repercussões na Arquidiocese. Contudo, o silêncio da Cúria Romana diante do relato desmotivou outras ações. A falta de providências deixou claro que, neste momento, de nada adiantaria nenhuma outra iniciativa.

Frei Jerônimo foi mais um na lista dos padres afastados por Dom José. Por não obedecer às ordens recebidas no “encontro fraternal” com o Arcebispo, foi destituído de suas funções sacerdotais. Desobediente, ele continuou seu trabalho. Isto fez com que Frei Aluísio Fragoso, então provincial da OFM, grupo religioso ao qual ele pertencia, passasse a abordá-lo. Foi intimado a se apresentar no convento São Francisco e informado que deveria retornar a este espaço e que a partir de então só deveria exercer suas atividades religiosas no interior deste espaço.

Visando recuperar um testemunho desse tempo de conflitos, procurei um franciscano pertencente à hierarquia da Ordem dos Frades Menores. Contudo, em entrevista concedida a mim em outubro de 2008, ele se recusou a falar diretamente sobre os fatos ocorridos entre Frei Jerônimo e Dom José. A conversa empreendida nessa ocasião acabou girando inicialmente em torno da Ordem Franciscana. Ele me falou do crescimento da Ordem e da nova configuração que esta precisou assumir no mundo, devido a sua expansão. Dessa forma, a autoridade maior é do Superior Geral, também denominado de Guardião Supremo ou Ministro, que vive em Roma, sede da instituição.²⁶

26. O Superior Geral da OFM é assessorado por um grupo de oito frades, representante de diversas partes do mundo, que compõem o seu conselho. Eles colaboram na orientação da ordem. Os Frades Menores estão organizados em diversas províncias, que equivalem a várias regiões dos países onde eles se encontram. Cada

Querendo sublinhar a idéia da obediência, princípio caro aos franciscanos, e que, a meu ver, foi a maneira escolhida por meu interlocutor para abordar indiretamente o problema ocorrido com Jerônimo, meu informante esclareceu que a OFM tem autonomia quanto ao exercício de seu ministério religioso. Contudo, as orientações de princípios doutrinários, dogmáticos, litúrgicos e morais seguem a orientação maior da Igreja. Para esse franciscano o exercício do seu ministério sacerdotal necessita do consentimento oficial do chefe da Igreja local, que é o bispo. De posse dessa autorização, um frade passa a desenvolver suas atividades religiosas, no local para o qual foi designado pelo bispo – ou seja, deve também obedecê-lo, quando solicitado ou orientado.

Sobre a controvérsia das curas milagrosas, quando indagado por mim, meu interlocutor preferiu destacar o fato de que a Igreja não possui uma doutrina específica em relação a curas, milagres e prodígios. Todas essas manifestações paranormais ou miraculosas existem, segundo ele, em todas as religiões. Em sua opinião, isso se trata de um fenômeno humano produzido de uma maneira que é bem difícil de explicar em termos de sua origem. Tal franciscano acredita que a cura pode estar relacionada a um poder paranormal que existe naturalmente no ser humano. Quando tal paranormalidade se associa a uma fé, o efeito ganha evidência perante os fiéis. Por essa razão, na opinião do meu informante, a Igreja não consideraria que toda cura é miraculosa ou produto da fé. Em sua opinião, a Igreja sempre guardará as devidas cautelas, evitando avaliar antes se a cura, como já foi dito, pode advir de um fenômeno humano qualquer (bio-psicológico ou sócio-antropológico), o qual ainda está em estudos.

“Agora, quando se trata de fenômenos que começam... está havendo cura numa determinada região, e para aquela região está correndo uma multidão de fiéis, e esta multidão está referindo esta cura a algum santo: à Nossa Senhora, a isso ou aquilo... Aí, a Igreja interfere, para poder dar um mínimo de orientação. Às vezes esse fenômeno pode se transformar num fanatismo, pode se transformar numa organização paralela. Então, a Igreja interfere. Mas não porque ela tem uma doutrina explícita, específica só sobre cura...” (Informante 11, 67 anos, 23/09/2008).

Retornando ao afastamento de Frei Jerônimo, houve, na época, um consenso entre ele e o seu Superior Provincial. Mas, de acordo com o relato de Jerônimo, como aquele não

uma dela tem o seu Guardião ou Ministro Provincial, que conta com um grupo de assessores que o ajudam a orientar cada província. Cada Província é dividida em áreas menores, designadas de comunidades ou conventos, que abrigam um grupo de frades. Cada uma destas possui um guardião, que é o orientado do convento. Eleito a cada três anos, ele é o responsável pela organização da vida dos frades.

aceitou a orientação da Ordem, este resolveu pedir seu afastamento. Nesse momento, o frade demissionário foi alertado, pelo seu superior, que seria veiculada no jornal uma matéria informando a decisão do Arcebispo em afastá-lo da Igreja, por prática de uma antiliturgia e de curandeirismo. Isso se confirmou no dia 07 de junho de 1997, quando se estampou a seguinte manchete no Diário de Pernambuco: “Arcebispo afasta padre acusado de realizar sessões de milagres” (vide anexo 3) e no Jornal do Commercio: “Frade acusado de curandeirismo é afastado da Diocese” (vide anexo 4).

Tais fatos resultaram na instauração de um processo canônico na Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Olinda e Recife. Frei Jerônimo, a Ordem dos Frades Menores e o Arcebispo eram as partes envolvidas. Em 20 de setembro de 2000, a Cúria o informou, através de carta (vide anexo 6), assinada por Monsenhor Edvaldo Bezerra da Silva, Vigário Geral, da proibição do exercício sacerdotal e de qualquer ato litúrgico ou paralitúrgico por parte de Frei Jerônimo, no território da Arquidiocese.

[...] “Em razão deste evento grave [demissão da Ordem dos Frades Menores] que faz cessarem seus votos religiosos e demais vínculos canônicos com o mencionado Instituto Religioso, esta Cúria Metropolitana notifica-lhe que Vossa Reverendíssima está proibido de exercer, no território desta Arquidiocese de Olinda e Recife, qualquer função sacerdotal, clerical, pastoral ou religiosa, como também qualquer ato litúrgico ou paralitúrgico, como celebrações da Palavra, orientação de grupos de oração, sessões ou orações de cura ou reuniões religiosas de qualquer tipo ou estilo, com a participação de fiéis, tanto em igrejas, oratórios, capelas ou residências privadas” (Transcrição da Carta da Cura Metropolitana enviada a Frei Jerônimo, datada de 20/09/2000. Vide o anexo 5 desta dissertação).

Desde que o conflito foi desencadeado, muitos fiéis se revoltaram com a postura do Arcebispo e, posteriormente, com a decisão da Igreja. Indignados com os fatos, assumiram a defesa do frei, que, a princípio, não tinha para onde ir, nem dinheiro para se alimentar. Oportunamente, estava agendada uma viagem ao exterior em 09 de junho, presente de uma empresária do ramo alimentício do Recife, que havia recebido uma graça. Cumprindo esta agenda, ele visitou alguns países tais como: Portugal, Itália, Croácia, Bósnia e Israel. Durante um mês fez um curso de Bíblia em Jerusalém. Quando retornava, passou em Roma, onde ele fez registro do que estava passando no Brasil, visando dar conhecimento ao Papa João Paulo II. Em Roma, recebeu a instrução do Vaticano que obedecesse ao Ordinário local e que seguisse sua vida sacerdotal, pois Deus lhe daria forças para enfrentar os desafios.

Segundo o frade, ao regressar à Olinda, logo fez questão de retomar suas atividades, registradas numa manchete de jornal: “Voltam às sessões de cura com Frei Jerônimo”.²⁷ O frade me assegurou que notícias sobre sua volta foram vinculadas também nas rádios da cidade, tornando-se um assunto palpitante na cidade.

Refletindo sobre esses acontecimentos, Jerônimo afirma que isto não estava programado. Não foi seu desejo que as coisas acontecessem dessa maneira. Ele queria ser um padre “normal”. Sua vida foi totalmente abalada por estes acontecimentos. Diante das perspectivas que se desenrolavam aos seus pés, ele se deparava com um desafio novo: *como sobreviverei agora?* Com a proibição que lhe foi imposta, Jerônimo ficou sem igreja para celebrar missas, para batizar e, conseqüentemente, sem dinheiro. Sofreu bastante ao descobrir que, para onde quer que ele fosse, a decisão do Arcebispo representaria um embaraço para sua ação. Chegou a cogitar que teria que ir embora. Contudo, afirma ele em suas falas, o frade percebeu que “deveria ficar sem o apoio da Igreja, mas com o apoio de Deus, do povo e com sua fé”. Após tomar a decisão de ficar, foi se consolidando um grupo de pessoas ao seu redor. Essa junção resultou, posteriormente, na criação do GOASFJ, do qual falaremos no próximo capítulo.

2.3 – A desinstitucionalização de um líder religioso

A proibição imposta pela Igreja vem sendo descumprida por Frei Jerônimo, que permanece exercendo suas atividades religiosas fora do ambiente eclesial. Embora desligado da Ordem dos Frades Menores e do exercício sacerdotal na Arquidiocese de Olinda e Recife, o frade continua sendo uma referência espiritual para muitos católicos. Detentor de carismas, sua reputação não parece ser impactada pela decisão das autoridades locais da Igreja Católica. Apesar de tudo, sua ação segue sendo qualificada como portadora da graça de Deus pelos seus seguidores. Como tal, ela tem o poder de trazer benefícios, de proteger do mal e de curar enfermidades.

Verifica-se que o carisma e o poder religioso de Frei Jerônimo não estava limitado a sua pertença a Igreja Católica. Esta tentou exercer seu domínio e controle sobre a ação daquele, atitude recorrente das instituições religiosas tradicionais, quando se sentem ameaçadas por algo que escapa às suas normas. Fora do campo de ação institucional católico,

27. O jornal citado na fala de Frei Jerônimo não foi localizado durante o período desta pesquisa.

o conflito desencadeado resultou em uma nova configuração de suas atividades como religioso, que passaram para o campo da desregulação e desinstitucionalização do religioso.

[...] Ao longo da História, as instituições religiosas oficiais sempre tentaram, com grau variável de sucesso, regular todas as práticas e crenças. Tensões internas às igrejas (sacerdote versus fiel ou versus líder carismático), bem como conflitos entre as chamadas “igrejas” e “seitas” foram tema de reflexões importantes nos trabalhos de Weber e Bourdieu. Religiosidades autônomas, que estão à margem das instituições fugindo do controle dessas, sempre existiram. A novidade atual é a multiplicação e diversificação dessas experiências. Aliadas ao enfraquecimento das instituições em geral, as crescentes trocas globais intensificaram hibridismos religiosos e experiências religiosas fora das instituições na sociedade contemporânea. (MARIZ e CAMPOS, 2007).

Nesse sentido, destacamos, no processo de “desregulação do campo religioso”, as consequências na forma como os fiéis traçam sua filiação religiosa, pois proporcionam, segundo as pesquisas empreendidas, a valorização aguda da experiência, da performance ritual, da ênfase na emoção e da mística religiosas, numa relação imediata com o sobrenatural e com o divino, denominador comum de esotéricos, pentecostais, espíritas, umbandistas e carismáticos. Pois, como diz Danièle Hervieu-Léger “essas crenças estão inscritas em práticas, em linguagens, gestos, automatismos espontâneos que constituem o ‘crer’ contemporâneo” (HERVIEU-LÉGER, 2005: 25). Por outro lado, a doutrina, lugar de onde emanava a principal fonte de autoridade e regulação da crença dos fiéis, encontra-se hoje contestada pela multiplicidade de experiências pessoais, fora do controle das hierarquias religiosas.

Considerando o caso de Frei Jerônimo, a devoção de seus seguidores não significa necessariamente uma ruptura radical com as crenças católicas. A lógica identificada entre os fiéis entrevistados não aponta para um rompimento com a instituição eclesial, mais com seus modelos de liderança. Muitos deles permanecem católicos atuantes em suas paróquias, contudo seguem fiéis à liderança espiritual do frei. O significado e a importância deste na vida dos seus seguidores é algo evidente:

“Eu quero um bem ao frei como se ele fosse um filho. Por isso, eu só quero protegê-lo” (Informante 7, voluntária, 73 anos, 24/10/2008).

“Eu sinto algo religioso, como se fosse uma benção do céu. Ele não me pede nada, mas o que eu puder fazer por ele, eu faço” (Informante 8, voluntária, 65 anos, 24/10/2008).

“Aprendi a ter fé com Frei Jerônimo. Ele é um padre que se comunica com a gente. Para mim, foi um milagre conhecê-lo. A gente quando sai de lá se sente tranquilo e calmo. Eu me sinto bem, perto dele” (Informante 9, voluntário, 78 anos, 24/10/2008).

“Eu acredito que foi a oração de Frei Jerônimo que me curou. Eu me sinto muito bem no louvor. Eu fui agraciada pelo dom de cura dele, da minha erisipela. Já fazem (sic) onze anos que estou curada” (Informante 5, fiel, 94 anos, 20/10/2008).

“Gosto dele, porque ele transformou a minha vida. Depois que eu comecei a seguir o frei, a minha vida mudou. Eu consegui a minha casa, graças a Deus. Eu acredito que ele tem o dom de cura. Se eu não acreditasse, eu não estava aqui com ele. De primeiro, eu, em vez de pedir as coisas primeiro a Deus, eu pedia primeiro ao frei. Depois eu pensei: ‘eu tenho que pedir primeiro a Deus e depois ao frei’ ” (Informante 1, voluntária, 63 anos).

“Eu sinto um alívio tão grande quando ele me dá uma benção. Só a palavra de Deus que ele dá e a fé que ele tem em Deus em ser padre... Ele é abençoado” (Informante 2, assistida, 67 anos).

“Ele é uma pessoa que recebe o dom. Ele é especial. Toda semana ele deixa uma lição de vida. Eu vejo o Espírito Santo não só com ele, mas com todas nós durante o louvor. Ele me ensinou a entender a Bíblia” (Informante 4, fiel, 52 anos)

“Agradeço a Deus por ter colocado o frei no meu caminho. Eu sinto dois dons nele: o dom da cura e dom de despertar a sua fé, dentro de você. Porque assim dizia Jesus: ‘A tua fé te salvou’ ” (Informante 19, fiel, 48 anos).

São falas como essas, transcritas acima, que me fazem concordar com o que Danièle Hervieu-Léger (1997) define como sendo um novo paradigma religioso hodierno: as religiões de comunidades emocionais, como tipo ideal de nova configuração para a organização do trabalho religioso, pelo qual ocorreria a tendência ao emocionalismo comunitário de fiéis que se reúnem em torno de um portador de carisma. Vimos, pela trajetória de Jerônimo, como ele se erigiu, diante de seus seguidores, num exemplar desse tipo de líder religioso, alinhavando testemunhos de fé e esperança por bênçãos e curas, ao redor da constituição e organização autônomas de voluntários laicos, como veremos mais detalhadamente no próximo capítulo.

Capítulo III - O Grupo de Oração e Ação Social Frei Jerônimo - GOASFJ

3.1 – Oração e ação

O GOASFJ da cidade de Olinda-PE foi idealizado após o afastamento de Frei Jerônimo das funções religiosas dentro da Arquidiocese local. O conflito, desencadeado entre ele e o Arcebispo Dom José Cardoso Sobrinho, o evidenciou como uma liderança religiosa importante na cidade histórica de Olinda, nos anos de 1990. A decisão da Igreja de afastá-lo das suas funções, no ano de 1997, sob a acusação de praticar uma “antiliturgia e curandeirismo”, visava inibir ou extinguir a ação do frei. Mas ao contrário do que o Arcebispo esperava, os devotos do frei não o abandonaram, antes o acolheram, criando o referido grupo.

Segundo uma de minhas informantes, tudo começou quando Frei Jerônimo chegou para celebrar missas na sua paróquia original, que era a igreja de São Pedro Mártir, e também na igreja do Bonfim. O frade reabria a igreja de São José dos Pescadores e, aos domingos, quando terminava a missa do Bonfim, visitava um abrigo de idosos chamado Nossa Senhora de Lourdes, onde fez muitas amizades. Antes de o frei descer para a igreja de São Pedro Mártir, a fim de batizar e depois celebrar a missa dominical, minha informante lembra com muita emoção que a missa era lotada devido ao “dom da palavra”, configurada na simpatia do frade. Ela ainda conta que a hierarquia da Igreja Católica local nunca deu dinheiro para restaurar a igreja do Bonfim. Ela e outros paroquianos conseguiram reformar o prédio devido à mobilização decorrente da atuação do frei. Motivados por ele, um grupo de paroquianos buscou doações junto a pessoas amigas, que detinham recursos e que acreditavam no trabalho que vinha sendo desenvolvido naquela época. Esse grupo, embrião do GOASFJ, recebeu alguns donativos, realizou alguns bingos e rifas, conseguindo parte dos recursos necessários para a restauração do interior da igreja.

A mesma informante lembra bem da data em que o frei recebeu ordem do Arcebispo para desocupar a casa paroquial da matriz de São Pedro. Nessa ocasião, houve uma mobilização para montar a casinha dele. Isso aconteceu no dia aniversário dela, 02 de agosto de 1997. Ela ficou muito emocionada, pois o “bispo o expulsou sem dó, sem compaixão”. Sensibilizada com a situação, ela se reuniu com outras pessoas que freqüentavam a missa no

Bonfim. Eles alugaram uma casa ao lado da prefeitura para acomodar o frei demissionário. No dia 3 de agosto, o grupo amanheceu o dia buscando objetos para mobiliar a tal casa alugada (colchão, fogão, mesa, cadeira e etc.).

Quando estava morando na casa alugada, Frei Jerônimo conseguiu um emprego de professor de ensino religioso, na escola de um casal amigo. Ganhava R\$ 300,00 reais por mês, o que era insuficiente, pois só o aluguel que deveria pagar era de R\$ 450,00 reais. Em socorro ao frei, apareceram pessoas amigas que se propuseram a ajudá-lo em suas despesas. Como muitos fiéis continuavam buscando sua assistência religiosa, emergiu uma questão: onde atender a multidão que o procurava?

Nesse período, os louvores passaram a ser realizado na casa alugada, na residência de pessoas amigas e em outros espaços, como a Praça da Preguiça, em Olinda. Segundo depoimentos, desde a saída dele da Igreja, muitos fiéis deixaram de freqüentar a paróquia e passaram a freqüentar os louvores e as missas dominicais na casa do frade. Em tal momento de dificuldade, os apoiadores de Jerônimo se aproximaram ainda mais dele, tornando-se seus primeiros voluntários. Desde então, passaram a colaborar na realização dos louvores, cuja estrutura e funcionamento serão detalhados mais adiante.

Por sua vez, a relação dos fiéis seguidores do frei, em relação à Igreja, é de descontentamento. Esse sentimento é canalizado para a pessoa do Arcebispo Dom José Cardoso Sobrinho, considerado por eles como culpado pelo afastamento do frei. Alguns fiéis deixaram de freqüentar as paróquias, passando a se devotar exclusivamente ao grupo. Contudo, há pessoas que o apóiam, freqüentam os seus louvores e permanecem ligadas à vida paroquial. Estes não vêem nenhum problema nessa dupla participação. Em seu ponto de vista, tal duplicidade em nada interfere no modo de ser católico. Na relação estabelecida pelo segundo grupo, avalio que esse pertencimento não é de exclusão e sim de complementaridade, num sentido que expressa um sentimento de estar ligado ao frei, sem significar, com isso, dar as costas para a Igreja Católica.



Figura 16: Membros do GOASFJ.

Como sua moradia havia se tornado apertada para receber todos os fiéis, uma senhora, membro de uma família tradicional de Olinda e sensibilizada com a situação do frei, ofereceu sua residência, um casarão, para a realização dos louvores. Uma outra mulher o convidou para fazer o louvor em sua casa, onde se iniciou a distribuição da sopa para as velhinhas carentes. Dentre os participantes, um grupo de cerca de 50 se destacavam mais secundando os esforços de Jerônimo de sobreviver fora da instituição eclesiástica.

O fluxo de pessoas aos louvores continuou crescendo, tornando o casarão do Bonfim insuficiente para abrigar os fiéis. A saída encontrada foi a utilização de uma casa de festas, localizada na mesma rua. Uma vez que, novamente, não cabia mais de gente, passaram a se reunir na Praça da Preguiça. Essa mudança não foi bem sucedida, e eles seguiram, então, para uma outra casa, também em Olinda, onde aconteceu uma mudança no louvor, que passou a agregar serviços de assistência social, da qual falaremos adiante.

Retomando as primeiras celebrações de louvor, a casa alugada para o frei era localizada ao lado do prédio da prefeitura. Como vimos, o número dos fiéis só aumentava e o espaço tornara-se insuficiente. Tocada pela ação do frei, a prefeita Jacilda Urquiza (PMDB)

disponibilizou, para a realização do louvor, um prédio geralmente usado pela municipalidade para a realização de grandes eventos: o Mercado Eufrásio Barbosa.

Nesse novo espaço, eram acolhidas cerca de duas mil pessoas. Contudo, devido a reformas no lugar, os louvores foram transferidos para outro lugar, com o apoio da prefeita seguinte, Luciana Santos (PCdoB). Uma outra explicação fornecida pelo grupo, para saída do mercado, é de ordem política: os secretários da prefeita julgavam ser mais importante realizar atos políticos ali, do que religiosos. Frei Jerônimo informa, não sem amargura, que “em vez de dar acolhida aos pobres votantes, sem vez e sem voz, eles os retiraram de lá com frieza insensível, como a de Pilatos com Jesus”. Para consolá-lo, disse o frei, os funcionários da prefeitura ofereceram, como alternativa, um espaço conhecido na cidade como “Casa do Carnaval”.²⁸

Esse espaço foi qualificado como inoportuno, pelo grupo, por ser pequeno e apertado e não comportar a grande afluência de fiéis. Frei Jerônimo e seus seguidores agendaram duas reuniões com Prefeita Luciana Santos para resolver o problema. Como ela não apareceu, o problema continuou. Ficaram, então, sem local para realizar o louvor. Diante desta dificuldade, Frei Jerônimo se sentiu abandonado. Veio a lembrança do desprezo sofrido pela liderança da Igreja local. A recordação da existência de inúmeras igrejas vazias e prédios barrocos, históricos, grandiosos, acolhendo morcegos, e fechando suas portas para o seu povo pobre, causou-lhe tristeza. Passou a questionar a ação da prefeitura e a sensibilidade desta com o povo.



Figura 17: Presença da Prefeita de Olinda, Luciana Santos, na Celebração de Louvor no Clube Atlântico.

28. Trata-se de uma espécie de galpão usado pela municipalidade com o objetivo de, entre outras coisas, reunir artesãos para produzir enfeites e alegorias nas semanas pré-carnavalescas de Olinda, que servirão como decoração para as ladeiras e ruas da cidade.

Com a ajuda de Arlindo Siqueira, então vereador de Olinda, conseguiu provisoriamente o espaço do Clube Carnavalesco Vassourinhas, localizado no Largo do Amparo, em Olinda. Nesse espaço foram acolhidos gentilmente, com hospitalidade e fervor. A convite de Luciana Santos, os seguidores do frei se instalaram no Clube Atlântico, onde permanecem atualmente.

Dentre as atividades do frei, merece destaque as bênçãos, o atendimento individual e as celebrações de louvores nas casas das pessoas. Essas atividades resultaram no crescimento cada vez maior dos seus adeptos. Alguns desses se transformaram em voluntários, ou seja, pessoas que passaram a colaborar sistematicamente na organização e realização das atividades do GOASFJ.



Figura 18: Frei Jerônimo realizando atendimento individual.

Considerando o GOASFJ, é possível identificar diversas categorias de participantes dessa comunidade. Além dos voluntários, há as coordenadoras, os colaboradores e os assistidos. Vejamos graficamente esta composição.

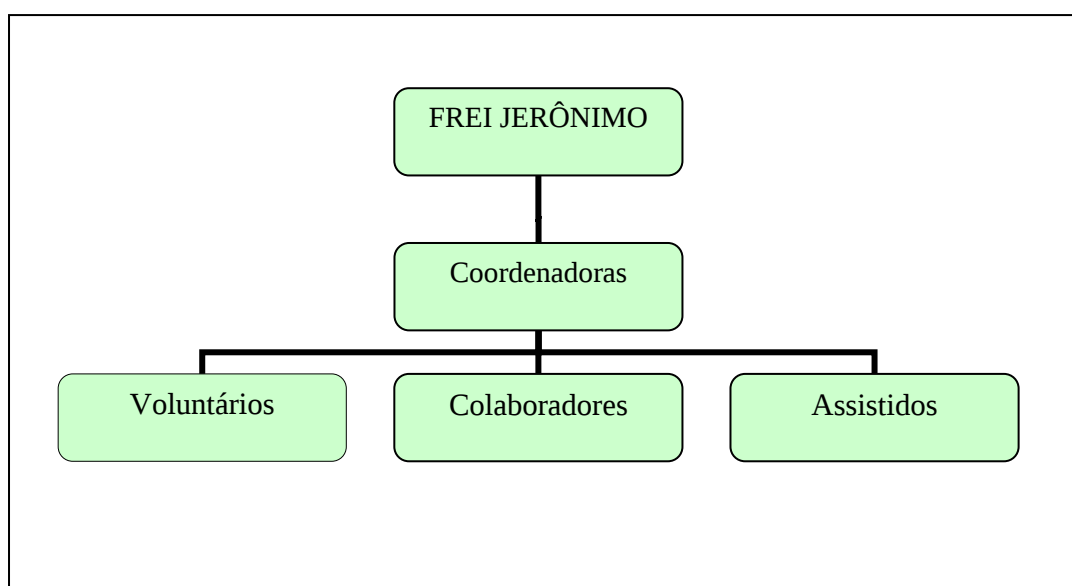


Tabela 3: Organograma do GOASFJ.

Sobre o número máximo de voluntários, a quem afirme que o grupo já contou com cerca de 70. Atualmente, houve uma queda nesse número, não passando de 40. A adesão a essa função se dá pela frequência e desejo da própria pessoa, que comunica sua decisão às coordenadoras. Em Olinda, a coordenadora é Dona Divone e em Boa Viagem, Dona Raimunda. Inicialmente, em Olinda, era Ângela e Lizete. Com sua saída foi indicada Dona Divone. Em Recife, Dona Raimunda sempre assumiu a coordenação do grupo, porque foi ela quem tomou a iniciativa de levar o frei para realizar o louvor em sua casa. Como esse local ficou pequeno diante das adesões, passaram a se reunir no Clube da Aeronáutica, também no bairro de Boa Viagem. Devido a dificuldades em fixar um dia da semana para o louvor, transferiram-se para o Colégio Imaculada Conceição, no bairro Prazeres, município de Jaboatão dos Guararapes. Com a venda desse imóvel, o grupo ficou sem espaço. Retornaram à Boa Viagem, desta vez no Colégio Elo, onde permanecem até hoje.

As coordenadoras foram indicadas pelo grupo, com o consentimento do frei entre os voluntários. Já o cargo de secretário, após seis anos na mão de Lizete, que foi acometida de um derrame, passou a ser assumido por Miguel Azevedo, que acompanha o frei desde 1996. Isso porque se trata de um cargo que requer confiança e proximidade constante.

Os colaboradores são pessoas que ajudam na manutenção do frei e fazem doações para as atividades assistenciais do GOASFJ. Como simpatizantes do trabalho desenvolvidos e admiradores do carisma do frei, eles são impulsionados a colaborar com a sua sustentação.

Quanto à estrutura e funcionamento do grupo, na categoria “**voluntários**” há (1) os que colaboram gratuitamente com serviços prestados ao grupo; há também (2) os que, devido à sua pobreza, prestam serviços, mas recebem doações em dinheiro e mantimentos (esses são os mais desprovidos do grupo e recebem uma “ajuda de custo” semanal no valor de R\$10,00, bem como tudo o que for distribuído aos assistidos); e há (3) aqueles que detêm uma condição financeira mais favorável e colaboram mensalmente com o valor de R\$ 10,00, ajudando também sempre que solicitados. Esses, por apresentarem uma situação econômica menos privilegiada, se limitam a colaborar nos serviços necessários ao funcionamento do grupo. Os voluntários se destacam dos fiéis pelo uso de uma bata que os identifica. A feitura e adoção dessa vestimenta se deu quando eles passaram a ocupar o Mercado Eufrásio Barbosa.

O espaço era maior e o frei estava ganhando mais reconhecimento e com isso começou a atrair mais e mais pessoas, chegando mesmo a colocarem duas mil pessoas no local. Com isso, sentiram a necessidade (do uso da bata), devido ao número de freqüentadores de terem uma identificação para que as pessoas pudessem saber que eram os voluntários. Foi aí que surgiu a bata na cor vinho com as iniciais F+J que significa Frei Jerônimo (Informante 7, voluntária, 73 anos)

Passando à categoria “**assistidos**”, composta por pessoas carentes, ela se subdivide entre os “cadastrados” e “não-cadastrados”. Essa categoria abriga pessoas de ambos os sexos e faixas-etárias variadas. Contudo, é válido destacar que os cadastrados são majoritariamente senhoras idosas, ou seja, as “velhinhas do frei”. Os não-cadastrados são os assistidos beneficiados esporadicamente, pois não participam efetivamente das atividades do grupo. Entre esses últimos há carroceiros, moradores de rua, meninos de rua, alcoólicos e moradores da periferia de Olinda.

A última categoria, com a qual subdividi os seguidores do frei é a de “**fiéis**”: trata-se daqueles que apenas freqüentam os louvores, mas sem compromisso com o trabalho do grupo, embora não se eximam de contribuir de alguma forma, quando solicitados.

O GOASFJ desenvolve suas ações nas cidades de Olinda, no bairro do Carmo, e Recife, em Boa Viagem. As adesões às atividades do Frei Jerônimo resultaram no crescimento do grupo, que foi assumindo uma nova configuração. As mudanças verificadas indicam que a ação do grupo pode ser sintetizada em duas dimensões: a espiritualidade e a assistência aos pobres. Complementares, estas dimensões evidenciam aspectos constitutivos da identidade do grupo.

Tabela 4:

ESTRUTURA DO GOASFJ NO BAIRRO DE BOA VIAGEM, EM RECIFE.

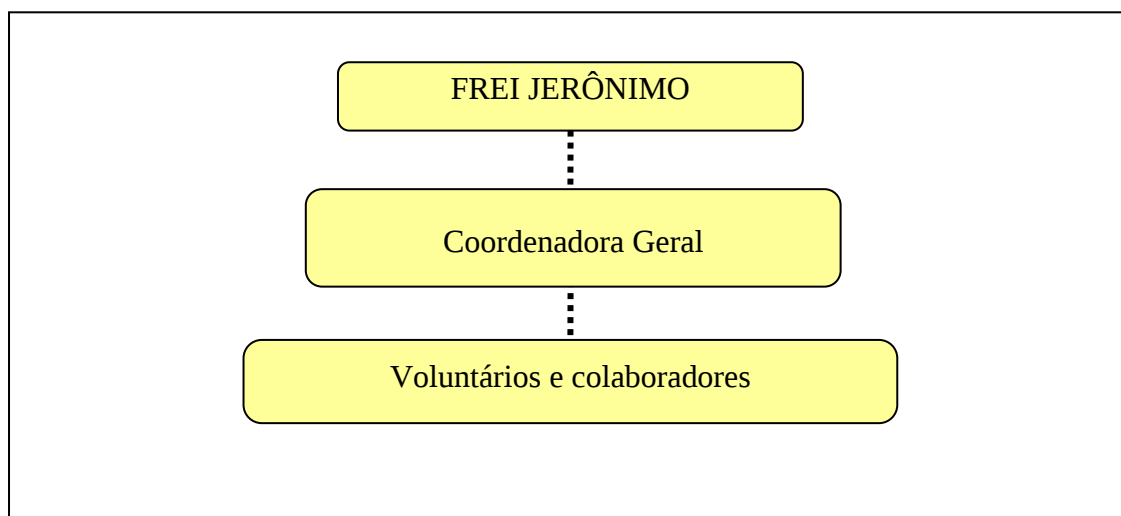


Tabela 5:

ESTRUTURA DO GOASFJ NO BAIRRO DO CARMO EM OLINDA

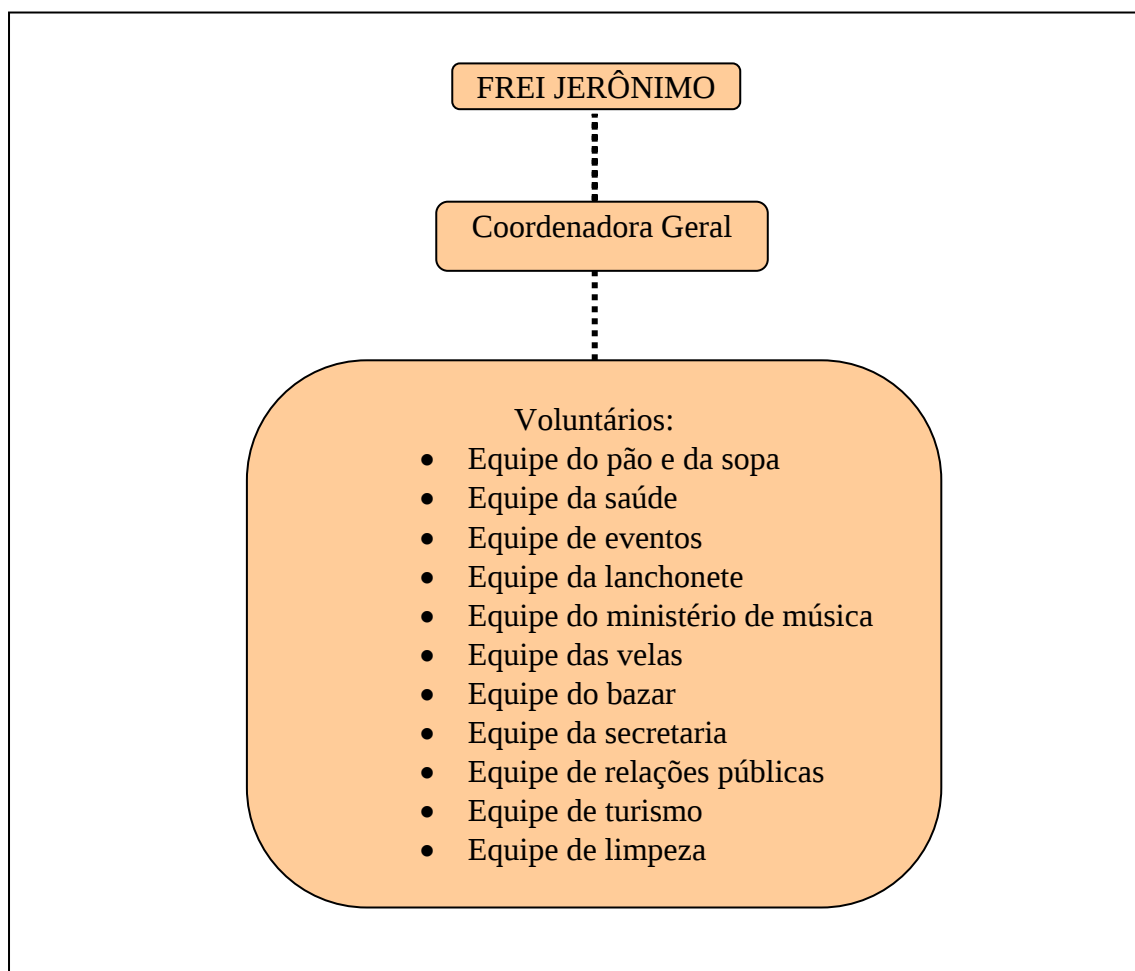
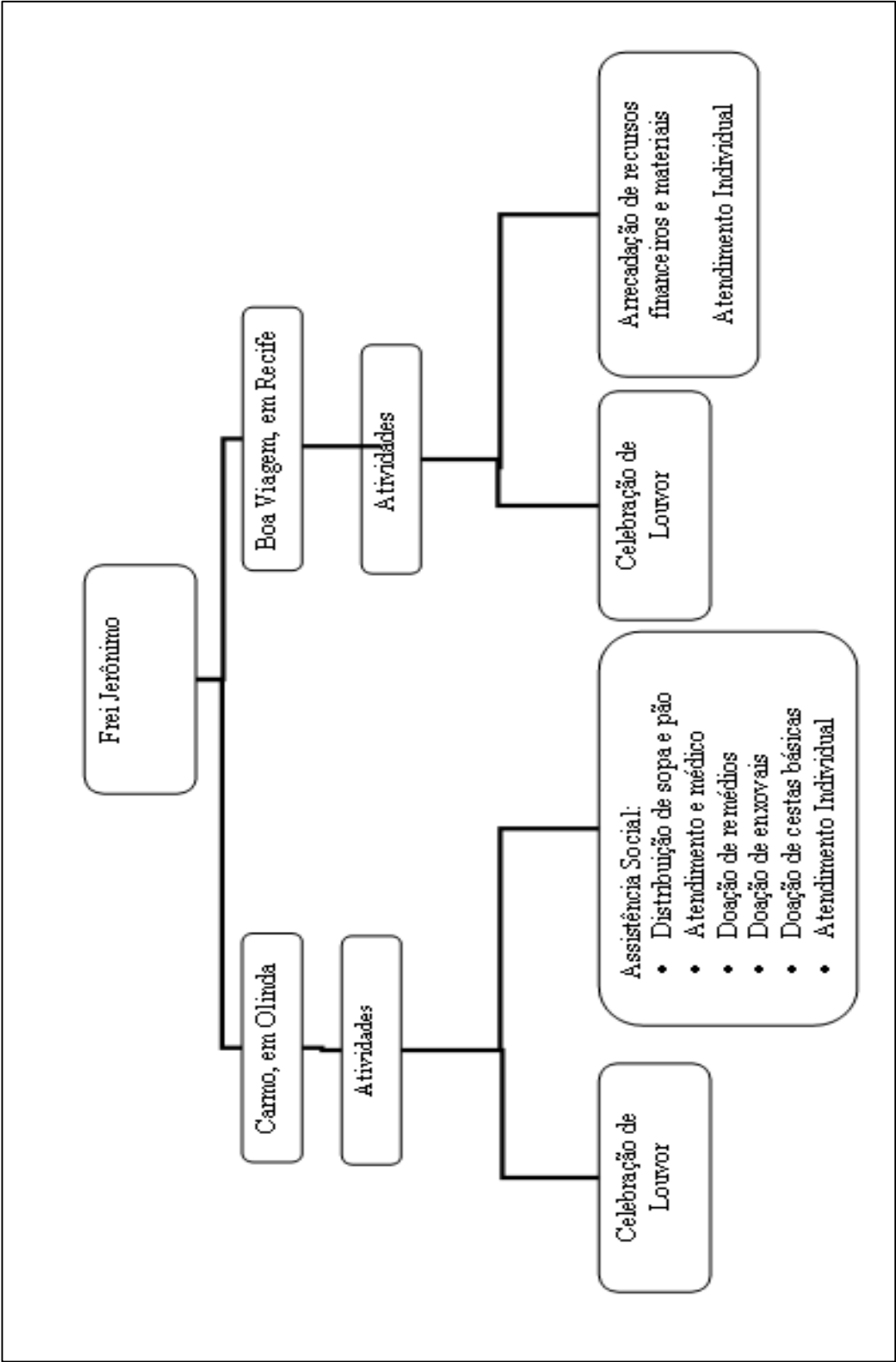


Tabela 6: Organograma resumo da estrutura geral do GOASFJ.



3.2 – Festas

Dentre as festas realizadas pelo GOASFJ, merecem ser citadas a Páscoa, o Dia das Mães e o Natal. De acordo com a disponibilidade de espaço, elas são realizadas no Clube Atlântico, na residência do frei e em outros locais. Por exemplo, a festa do Natal, por falta de disponibilidade, tanto do Clube Atlântico como do mercado Eufrásio Barbosa, aconteceu no Clube Carnavalesco Vassourinhas de Olinda, localizado no Largo do Amparo, na cidade alta de Olinda.

Começando pela Festa de Natal, de antemão informo que sua descrição está baseado apenas em informações que obtive através de conversas informais com as velhinhas, voluntárias e colaboradores, pois não a presenciei. Tal festa, realizada em dezembro de 2007, no Clube Carnavalesco Vassourinhas, em Olinda, foi descrita como “muito bonita” pelos meus informantes, sendo nela servidos bolos e refrigerantes, havendo também brincadeiras e danças. Ao final, foram distribuídos, para todas as velhinhas cadastradas, jogos de toalhas de banho.

A Festa da Páscoa ocorre em um dos dias da Semana Santa, em geral nas terças-feiras, na casa do Frei Jerônimo. Nessa ocasião, os voluntários se subdividem para organizar o “café da manhã das velhinhas do frei”, que é composto de frutas, café com leite, mungunzá, bolos e sanduíches. Além do café, são distribuídos pão e peixe. Visando minha integração no grupo estudado, participei na Páscoa de 2008 da equipe responsável pela distribuição dos sanduíches e, posteriormente, da distribuição do pão e do peixe. Os rostos sofridos, o olhar brilhante e o sorriso de satisfação de cada uma delas, ao receber o donativo, fizeram com que esse dia fosse bastante significativo para mim. Integrada nesta ação, cheguei a me sentir parte do grupo - uma voluntária. Experimentei, junto com os outros, uma sensação que remete ao senso do dever cumprido.



Figura 19: Distribuição do café da manhã na casa de Frei Jerônimo.

Mas tal dia ainda me reservaria outras ricas observações. Depois de terminarmos a distribuição do peixe, algumas pessoas idosas - que não eram cadastradas, mas que sabiam da oferta de comida, promovida pelo frei -, também assomaram ao local, na esperança de obter algum donativo. Posicionada do lado de fora da residência de Jerônimo, umas mulheres idosas, visivelmente pobres, aguardavam algum tipo de doação - qualquer um. A elas foi servido também o café da manhã, mas, infelizmente, não havia pão e peixe suficientes para atendê-las. Por essa razão, o portão da casa foi fechado, na tentativa de solucionar o insolúvel. Contudo, três daquelas mulheres bateram no portão fechado e pediram água para beber. Um dos voluntários atendeu e informou que elas deveriam entrar e sentar, pois iria providenciar a água. Nesse momento, quando me aproximei mais, uma delas me pediu para arrumar peixe, talvez calculando que eu teria algum meio de influenciar na distribuição dos mantimentos. Quando esclareci, quase na defensiva, que não havia mais nada para doar, ela me pediu dinheiro, para que então pudesse comprar umas cabeças de peixe para ter o que comer na Sexta-Feira Santa. Aquilo me comoveu, e dei-lhe algum dinheiro. A mulher me agradeceu, pedindo a Deus que me abençoasse. Em seguida, tomou sua água e partiu.

Nesse pequeno episódio - a parte as implicações críticas da realidade social e econômica dessas pessoas, as quais me puseram a mente em conflito - pude perceber como essas mulheres lançam mão de várias estratégias de sobrevivência, na luta diária por conseguir

algo para comer, ou para a solução de suas demandas materiais. As velhinhas não cadastradas, por exemplo, são clientes de várias outras igrejas, centros espíritas e de tantos outros grupos de pessoas que pratiquem o assistencialismo como regra moral. Não pude deixar de ignorar esse fato, pois essas atrizes desempenham bem o papel que a sociedade lhe confere, e lucram com isso à sua maneira: a de “assistidas”. Dessa maneira, elas compõem, juntamente com os voluntários, os fiéis e o próprio frei, o quadro das expectativas e necessidades que formam a trama das relações complexas que sustentam a coesão, o sentido e razão de ser dessa e de qualquer comunidade religiosa – especialmente quando se inspira no cristianismo.

Os aspectos assistencialistas surgem como elo fundamental de ligação entre os assistidos e os voluntários; como dois lados de uma mesma moeda de implicação dupla. Ou seja, se, para os integrantes do GOASFJ e seu líder, os pobres precisam de auxílio – material, financeiro, moral, espiritual, etc. –; da mesma forma o assistencialismo necessita da carência e da pobreza, a fim de justificar, perante si e os outros, a sua ação e existência no mundo. Ainda mais quando vemos, neste caso, um grupo que concorre – num mesmo campo e com as mesmas armas - com outras instâncias de poder simbólico e religioso, tal como a própria Igreja Católica, da qual o GOASFJ se declarou autônomo. Essas “velhinhas” parecem ser hábeis e espertas o suficiente para se introduzirem, com suas demandas e exigências, nas demandas e exigências dos grupos que julgam delas serem os tutores, quando - em grande medida – são na verdade tutelados por elas.

Senão, vejamos:

Retornado ao relato anterior, quando pensei que todas as mulheres assistidas já haviam ido embora - talvez em busca de outros pães e peixes -, fui me despedir do frei e ele me perguntou o que eu tinha achado da sua Festa de Páscoa. Querendo, em resposta, dizer algo gentil, declarei ter “gostado muito por ver tantas pessoas felizes”. Ele sorriu e afirmou que aquilo não tinha preço, satisfeito com a minha aprovação. Nesse ínterim, quando já estávamos de saída, eis que surgiu um outro grupo de velhinhas, essas cadastradas, e que havia se atrasado para a festa. Dona Maria Felipa, uma das seguidoras mais antigas e queridas do frei, estava entre elas e gritou ao frei, em tom reivindicatório, que ela: “Ainda não havia ganhado peixe”! - O frade, contrariado, perguntou para as mulheres se ignoravam o horário tardio e quis saber o porquê do atraso. Felipa explicou que havia se atrasado sim, mas tinham um motivo justo: tinha ido à Igreja do Convento de Santo Antônio, em Recife, para receber o pão que também lá é distribuído. O frade a repreendeu, dizendo que ela deveria optar – pelo

menos nesse dia - por um dos dois lugares, considerada a distância. Disse Jerônimo que Felipa “não poderia pegar tudo”. Não se dando por rogada, a velhinha argumentou que lá (Santo Antônio) também era a “casa de Deus” e questionou o fato de não receber peixe por causa disso. Surpreso com a agilidade e consistência da argumentação de Dona Maria Felipa, o frei riu e disse: “Você não tem jeito!” e ordenou a responsável pela assistência às velhinhas, que arrumasse peixe para Felipa e para as outras que estavam em sua companhia.

Na festa do Dia das Mães, outra comemoração importante do calendário do GOASFJ, pude observar uma outra boa ilustração da especificidade da ação e da importância significativa dos leigos seguidores de Frei Jerônimo, só que agora em uma outra perspectiva do poder simbólico, exercido sobre a coesão e identidade do seu grupo – poder do qual nem esta pesquisadora logrou escapar. Tal festa ocorreu no próprio Clube Atlântico, lugar dos louvores. Além de bolo e refrigerante, houve na ocasião o sorteio de brindes para as “velhinhas do frei”, mas só para aquelas que tinham cadastro. Dona Jupira – a protagonista do primeiro milagre de cura operado pelo frade - que não é assistida, nem é muito menos cadastrada, estava sentada ao meu lado, observando a festa.

Ao tomar ciência por mim de que haveria uma distribuição de presentes, Jupira me fez o seguinte comentário: “Ah! Então eu vou ficar aqui”. Surpresa, eu questionei onde estava o número dela e me respondeu: “Não precisa, não, minha filha. Eu sou a pessoa mais importante daqui. Com certeza, tem um presente para mim”. Dito dessa forma, Jupira me interpelou com a plena consciência da sua exata posição para a existência e identidade desse grupo. Não restava mais nada a fazer, para mim, senão procurar imediatamente uma voluntária, para alertá-la que: “Dona Jupira está esperando um presente, mas não tem a ficha (para o sorteio)”. A voluntária, então, pondo em movimento o mecanismo da vontade de Jupira, no qual eu fui o primeiro e dócil elo, desculpando-se por que “não tinha mais força aqui”, chamou o secretário pessoal do frei, que lhe comunicou o desejo da anciã. Por fim, Jerônimo, de cima do palco, gritou ao microfone para que Jupira viesse buscar seu presente, o que a fez produzir o seguinte e confiante comentário: “Não disse a você que tinha um presente pra mim?!”

As pequenas anedotas acima - recortadas das minhas observações em campo, onde não desempenhei a postura passiva de platéia, muito pelo contrário: fui até instrumento involuntário de mediação entre os atores principais - demonstram bem o teor e a amplitude da autoconsciência com que uma categoria desses atores - os leigos - perfilam sua importância, em face de sua condição de seguidores de primeira hora do frade. Esses fatos

ilustram, a meu ver, o caráter de importância e relativa autonomia do leigo no GOASFJ, visto que, tanto Dona Felipa como, Dona Jupira usaram seu poder de influência junto ao frei para, direta ou indiretamente, fazerem valer suas vontades individuais ao grupo mais amplo. Em épocas mais remotas, um fiel católico pensaria muito antes de agir de forma tão impositiva, perante seu padre.

Aproveitando as histórias citadas, um outro aspecto que cabe comentar aqui, diz respeito aos processos de desinstitucionalização e desregulamentação religiosa, trilhados pelo GOASFJ ao sacudir fora o peso e a inflexibilidade da hierarquia católica local. Após terem optado em seguir Jerônimo e constituírem um grupo de leigos, à margem da Igreja, os voluntários do frei logo sentiram a necessidade de constituir também uma nova hierarquia e nova regulação, dessa vez internas, para poderem, assim, darem o formato de organização necessária aos procedimentos de produção e reprodução social do grupo, com regras tais como: a divisão do trabalho assistencial e religioso, a produção de recursos de subsistência e o controle dos fiéis, seja por meio do cadastro das “velhinhas” – que determina quem é e quem não é “assistido” -, seja para controlar o acesso ao próprio Frei Jerônimo, que devido ao aumento de compromissos e à evolução de uma doença que lhe atinge os olhos, tem o seu tempo e presença cada vez mais regulados pelos voluntários mais próximos, que constituem uma nova hierarquia, em torno de seu líder.



Figura 20: Distribuição de presentes na Festa do Dia das Mães.

Além das festas citadas, o GOASFJ também realiza bingos. Esses têm como objetivo declarado arrecadar recursos para as ações sociais do grupo e para a manutenção de seu líder. O primeiro bingo que participei aconteceu no dia 12 de dezembro de 2007; e o segundo, no dia 08 de março de 2008. Ambos aconteceram numa casa de recepções, no bairro de Santo Amaro, na cidade do Recife. A cartela-ingresso custou R\$ 30,00 reais. O primeiro foi denominado de *Tarde Beneficente e Solidária*; e o segundo, que custou R\$ 25,00, recebeu o nome *Uma Tarde em Março*. Em ambos o número de pessoas foi bastante significativo e muitos brindes foram sorteados.



Figuras 21 e 22: Bingo realizado pelo GOASFJ.



Outro evento dessa natureza, que participei, ocorreu no dia 05 de setembro de 2008. Tratava-se de um jantar de adesão ao lançamento da candidatura de Jerônimo para vereador de Olinda. Realizado numa casa de recepções em Olinda, sua entrada custou R\$ 30,00 reais. Nesse jantar esteve presente o então candidato a prefeito Arlindo Siqueira, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), que exibiu um vídeo publicitário de sua campanha política. Tal exibição foi seguida do discurso dos dois candidatos. Entre os presentes, merece destaque as pessoas ligadas à política da cidade de Olinda. Durante o jantar uma voluntária circulava entre as mesas oferecendo cópias em DVD do vídeo exibido no início, o qual continha a história do frei, ao preço de R\$ 10,00. A produção do DVD foi custeada pelo referido candidato a prefeito.

Além dos bingos, a manutenção do grupo vem das vendas efetuadas em uma lanchonete que é montada na entrada do espaço onde acontece o louvor. Nela são vendidos lanches e garrafas de água mineral. Há, ainda, o bazar e a venda de velas. No primeiro são comercializadas roupas, sapatos e CDs de cantores conhecidos na comunidade católica, que participam voluntariamente do louvor. Numa mesa ao lado do bazar, são dispostas as velas, as quais são acesas durante as celebrações, quando são bentas pelo frei.

Finalizando, há também as sacolinhas de doação, que surgem durante o louvor, no momento do ofertório, da mesma forma que ocorre na missa católica. Após a apresentação dos seus pedidos a Deus, cada um é convidado a acender sua vela e, para reforçar os pedidos realizados, o frei sempre pronuncia a fórmula: “agora que já fizemos nossos pedidos a Deus, é hora de retribuir”.



Figura 23: Coleta das ofertas do Louvor de Olinda.

Nos bingos e nas festas é bastante significativa a colaborações dos fiéis e voluntários, que ajudam, tanto na compra das cartelas, como na doação dos brindes. No aniversário de nascimento e de sacerdócio do frei, todos colaboram mais uma vez. Nesta ocasião são distribuídos envelopes e colhidas assinaturas em um “Livro de Ouro”, destinados a arrecadar contribuições em dinheiro. Ambos os expedientes são confeccionados por Dona Diva Veloso, uma voluntária de Boa Viagem. No microfone, durante os louvores, ela incentiva os presentes a colaborarem com as obras sociais e a manutenção do frei. Segundo ela, os envelopes também são utilizados em casos de extrema urgência, tais como a compra extraordinária de remédios ou o pagamento de exames médicos a serem realizados para combater, por exemplo, à enfermidade que acomete as retinas do frade. Esses envelopes são entregues às pessoas, que colocam quanto puderem dentro, e entregam nas mãos do frei, em dia e horário marcado por Dona Diva. Essa voluntária é a responsável pela organização da fila e das pessoas que vão fazer a entrega dos envelopes. Muitos dos doadores dizem sentir muito prazer em colaborar com Frei Jerônimo.

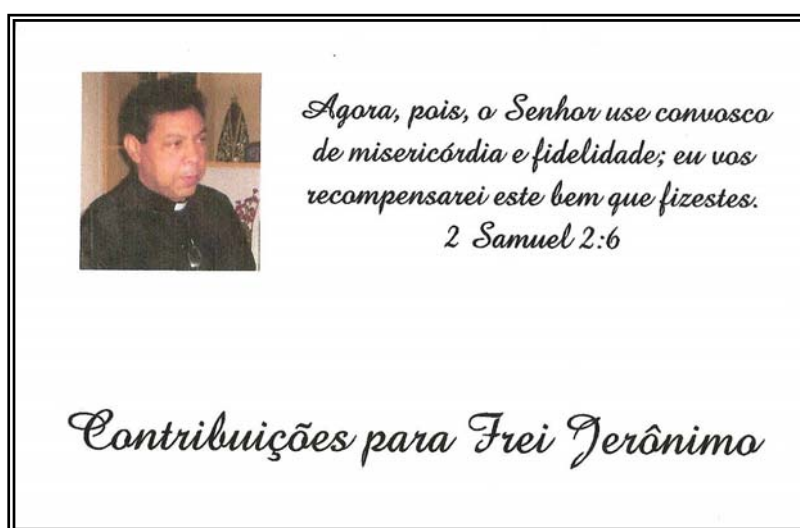


Figura 24: Fac-símile do envelope para contribuições em dinheiro.

Dona Raimunda, que é voluntária e coordenadora do grupo de Boa Viagem, também tem um papel importante na atividade de manutenção do grupo. Ela é responsável pela arrecadação do dinheiro para pagamento do aluguel da casa onde mora Frei Jerônimo. De acordo com ela, há uma lista de colaboradores fixos para suprir esse encargo, cabendo a ela o recolhimento e o depósito na conta do locador. As despesas com remédios e alimentação do frei também são custeadas por doações voluntariamente ofertadas nas “bênçãos” que ele privadamente dá aos fiéis que as solicitam, seja nas residências, seja nas empresas.

A taxa mensal de R\$ 10,00 citada anteriormente é recolhida por Dona Divone, que é a voluntária e coordenadora do louvor de Olinda. Essa contribuição mensal, denominada de “fundo de caixa”, subsidia despesas tais como a compra de materiais de limpeza e o pagamento dos dois funcionários que foram contratados para a limpeza pesada do local do louvor e das duas voluntárias que arrumam o espaço. Contudo, o frei afirma que esse recurso nem sempre é suficiente para cobrir todas as despesas, sendo complementado pelo dinheiro da venda das velas.

O deslocamento do frei é responsabilidade do fiel que o chama. Dessa forma, quem solicita os serviços paga o táxi, contratado permanentemente para essa finalidade, ou vem buscá-lo. Acompanhei Frei Jerônimo numa visita a um laboratório, localizado no bairro da Várzea. Toda segunda terça-feira de cada mês, o frade dá assistência nesse espaço. Existe pelo menos mais uma empresa que conta com a visita mensal do frei. Considerado uma graça divina para as proprietárias desses estabelecimentos, às bênçãos do frei são atribuídos os crescentes lucros de tais empresas. Nas visitas citadas, o frei abençoa a empresa e as pessoas que desejarem.

Frei Jerônimo afirma que recebe muitas propostas promissoras em termos econômicos e que, se elas se concretizassem, ele estaria riquíssimo. Conta o caso de um senhor que queria vender um terreno, próximo ao Shopping Recife, em Boa Viagem, por 6 milhões. Como fazia bastante tempo que ele tentava fazer esta transação, sem conseguir êxitos em suas tentativas, o frei resolveu intermediar o processo. Ao descobrir que no terreno havia pessoas morando, sugeriu que tal situação fosse legalizada, pois só assim ele conseguiria consolidar a venda. Nessa ocasião, o frei chegou a afirmar que o que antes era avaliado em 6 milhões, depois de sua intervenção, seria vendido por 7 ou 8 milhões. Além dos conselhos, o sacerdote proferiu três bênçãos no terreno. Após esta oração, a venda foi efetuada no valor de R\$ 8.200.000,00. Contudo, Jerônimo informou não ter recebido nada pelos conselhos.

Em outra situação, o frei relatou o caso de uma senhora que queria vender uma casa e um terreno. Respondendo a solicitação dessa mulher, o frei aconselhou a não vender a casa. Com muito sacrifício, ele foi ver o terreno ao meio-dia em ponto, para abençoá-lo. Devido ao horário e a sua performance religiosa, um rapaz que passava pelo local parou e perguntou se ele seria um pai de santo. Em resposta, Jerônimo esclareceu ser na verdade um sacerdote. Sensibilizado com a revelação de sua real identidade, o jovem pediu uma bênção. Observando

a placa de venda presente no local, solicitou informações sobre o terreno. Diante das informações prestadas, o homem se mostrou interessado no terreno e o comprou.

Mesmo recebendo inúmeras doações, verifica-se uma insuficiência de recursos para atender a todas as demandas do grupo. Inquietado com esta carência, em 2008, Frei Jerônimo se candidatou a vereador da cidade de Olinda pelo PTB.²⁹ Como não há uma fonte regular de recursos, os voluntários trabalham sempre com previsões. Em vista dessa incerteza, a assistência dada aos carentes fica prejudicada, comprometendo o trabalho desenvolvido. Por exemplo, se as pessoas faltam com o dinheiro semanal para a compra dos pães, essa distribuição é afetada. Segundo o próprio frei, caso fosse eleito vereador, ele asseguraria e ampliaria os recursos para suas obras sociais.

3.3 – Louvor, cura e ação social

As celebrações realizadas pelo Frei Jerônimo são conhecidas como “o louvor do frei”. Em Olinda, elas acontecem todas as terças-feiras, entre 19h30minh e 21h30minh, no Clube Atlântico. Local aberto, mas não muito ventilado, nele se reúnem cerca de 1.000 pessoas. É válido ressaltar que, desde 09h00minh, iniciam-se as atividades de assistência social do GOASFJ. Estas são interrompidas às 17h30minh, visando a preparação dos fiéis para o louvor no horário indicado.

O local recebe as adaptações necessárias para a realização dessa celebração religiosa. Uma mesa se transforma em um altar, que é ornamentado com vários objetos presentes na liturgia da Igreja Católica: um crucifixo grande, um pequeno, uma Bíblia, flores e imagens de santos (Nossa Senhora e Santo Antônio). Além disso, os fiéis costumam colocar sobre a mesa do altar: carteiras de trabalho, carteiras de identidade, fotos de pessoas necessitadas de ajuda, tais como emprego e a cura de males físico-espirituais. Ao lado da imagem de Santo Antonio são colocados diversos pedidos escritos pelos devotos.

29. Nas urnas, Frei Jerônimo obteve apenas 682 votos, o que foi insuficiente para sua eleição. No capítulo IV nos deteremos mais na sua aventura político-partidária. Contudo, adianto aqui que sua candidatura provocou uma instabilidade provisória entre seus adeptos, resultando no afastamento de alguns voluntários e no esvaziamento das celebrações de louvor. Passado um mês do encerramento do pleito eleitoral, verificou-se o retorno de seus seguidores.



Figura 25: Fotos e carteiras colocados sobre o altar na Celebração do Louvor.

Os voluntários são responsáveis pela organização da celebração. Diversas funções são distribuídas entre eles, tais como a limpeza e a ornamentação do espaço, antes e depois da celebração; a colaboração como auxiliares litúrgicos durante o louvor e a organização e distribuição da sopa e do pão, que são oferecidos antes do louvor. A eles cabem, ainda, a organização e seleção dos que serão atendidos individualmente por Frei Jerônimo.

Durante o louvor, os cantores, que são voluntários, cantam músicas católicas para animar os presentes. Embora todos já sejam conhecedores do fato, por vezes é anunciada a venda de lanches e de velas. O início da celebração, que é chamado de (1) “**Acolhida**”, é demarcado sempre com uma mesma canção. Frei Jerônimo entra no palco e todos os presentes ficam de pé, enquanto esta canção é entoada:

Vem, vem, vem Espírito Santo,
Transforma minha vida,
Quero renascer. (repete)

Quero abandonar-me em Seu amor,
Transbordar nos Teus rios, Senhor;
Derrubar as barreiras, em meu coração.

Quando o frei já está no palco, outra música é cantada:

Espírito de Deus, vem e fica aqui,

Espírito de Deus, vem e fica aqui,
 E passeia no meio do Teu povo,
 E toca o coração do Teu povo.
 Oh! Espírito de Deus, vem e fica aqui.

No louvor é destacada pelo frade a ação milagrosa do Espírito Santo. Quando esta é invocado, as palmas são recorrentes e a emoção toma conta dos presentes, que por vezes choram. Por meio das palmas e da ação do Espírito é que, segundo Frei Jerônimo, Jesus vem até o devoto, demonstrando o seu poder.

Terminado o canto, Frei Jerônimo acolhe os presentes e introduz o (2) “**Ato Penitencial**”, motivando as pessoas para pedirem perdão de seus pecados, utilizando o canto *Renova-me, Senhor*:

Renova-me, Senhor Jesus, já não quero ser igual.
 Renova-me, Senhor Jesus, põem em mim Teu coração.

Porque tudo que há dentro de mim
 Precisa ser mudado, Senhor.
 Porque tudo que há dentro do meu coração
 Precisa mais de Ti. (2x)

Em seguida, mais uma música é cantada, com este tema:

Perdão, Senhor
 Perdão, Senhor, tantos erros cometi
 Perdão, Senhor, tantas vezes me omiti
 Perdão, Senhor, pelos males que causei,
 Pelas coisas que falei,
 Pelo irmão que eu julguei
 Perdão, Senhor
 Pelos males que causei,
 Pelas coisas que falei,
 Pelo irmão, que eu julguei

Refrão

Piedade, Senhor, tem piedade, Senhor
 Meu pecado vem lavar com Teu amor
 Piedade, Senhor, tem piedade, Senhor,

E liberta minha alma para o amor

Perdão, Senhor, porque sou tão pecador

Perdão Senhor, sou pequeno e sem valor

Mas mesmo assim, Tu me amas, quero então

Te entregar meu coração,

Suplicar o Teu perdão

Mas mesmo assim, Tu me amas, quero então

Te entregar meu coração,

Suplicar o Teu perdão

Na sequência, é feita a (3) **“Leitura do Evangelho”** indicado pela liturgia diária da Igreja Católica. Essa leitura era sempre feita pelo frei, mas devido a um grave problema na retina, sua visão foi afetada. Desde então, Dr. Carlos Nascimento se tornou o leitor mais recorrente. Após a leitura, Frei Jerônimo explica o seu conteúdo por meio do (4) **“Sermão”**, relacionando a mensagem a sua ação, e dá conselhos espirituais aos fiéis. Em seu discurso está muito presente a exaltação da fé, pois, segundo ele, “Deus olha pelos que tem fé”. Ele aproveita esse momento para fazer relatos das visitas que fez às pessoas que lhe solicitam bênçãos. A finalidade delas é livrá-los da depressão e, em alguns casos, das possessões de espíritos malignos, que tem sua ação relacionada ao fato de algumas pessoas estarem apegadas ao dinheiro e afastadas de Deus.

Após a palavra do frei, as luzes são apagadas. Nesse momento as pessoas ficam em silêncio e refletem sobre suas vidas e seus problemas. Em auxílio da meditação, músicas de teor emotivo são cantadas, induzindo os fiéis a mergulharem emocionalmente na ação do Espírito Santo, através das canções. Vejamos a letra da música *Noite Traíçoeira*, que é uma das mais recorrentes para esse momento:

Deus está aqui neste momento,

Sua presença é real em meu viver

Entregue sua vida e seus problemas,

Fale com Deus, Ele vai ajudar você

Ô, ô, Deus te trouxe aqui,

Para aliviar os teus sofrimentos

Ô, ô, é Ele o autor da fé,
Do princípio ao fim, em todos os seus tormentos.

Ô, ô, ô, e ainda se vierem, noites traiçoeiras,
Se a cruz pesada for, Cristo estará contigo,
E o mundo pode até, fazer você chorar,
Mas Deus te quer sorrindo (bis).

Seja qual for o seu problema,
Fale com Deus, Ele vai ajudar você
Depois da dor vem a alegria
Fale com Deus, Ele não lhe deixará sofrer

Ô, ô, Deus te trouxe aqui, para aliviar os teus sofrimentos
Ô, ô, é Ele o autor da fé do princípio ao fim,
Em todos os seus tormentos

Ô, ô, e ainda se vier noites traiçoeiras, se a cruz pesada for,
Cristo estará contigo e o mundo pode até, fazer você chorar,
Mas Deus te quer sorrindo

... Mas Deus te quer sorrindo...

Nesse momento, as pessoas se emocionam. Algumas entram em estado de profunda concentração, outras parecem extasiadas diante da experiência religiosa e muitos choram. Ainda com as luzes apagadas, Frei Jerônimo passa a pedir pelas (5) “**curas**” espirituais e físicas através da intermediação de Jesus. Ele pede ao Espírito de Jesus que toque nos órgãos (cabeça, olhos, garganta, pés, mãos, etc.), utilizando-se da música *Deus vai te ajudar*:

Lute com fervor e fé,
Sem retroceder
Mesmo que um mal qualquer
Assole você,
As lutas da vida

Logo vão passar
 Confia, porque Deus vai te ajudar

Coro

Deus vai te ajudar
 Deus vai te ajudar
 Não temas, porque
 Você vai vencer
 Deus vai te ajudar

Se existem provações
 Nos dias teus,
 Abra o teu coração,
 Entrega-te a Deus,
 Pois tudo na vida
 Deus pode mudar
 Confia, então
 Deus vai te ajudar

Terminada a música, todos acendem as velas, que foram compradas no local ou trazidas de casa. Os fiéis recebem a orientação de dialogarem com Jesus, reforçando seus pedidos. As velas são abençoadas pelo Frei com uma oração. Em seguida, elas são apagadas e as luzes são acesas. É dada a orientação de que, ao chegarem em casa, as pessoas voltem a acendê-las, pois, segundo o frade, a energia do louvor deve ser levada para todos os lares.

Passa-se ao momento do ofertório. É importante destacar que, nessa passagem, é explorada a idéia de retribuição, ou seja, depois de fazerem seus pedidos, que segundo a graça de Deus serão atendidos, é hora de retribuir a bondade divina, partilhando-se o que se tem. Mais um canto é entoado.

Venho, Senhor, minha vida oferecer,
 Como oferta de amor e sacrifício
 Quero minha vida a Ti entregar,
 Como oferta viva em Teu altar,
 Pois, pra Te adorar, foi que eu nasci
 Cumpre em mim o Teu querer
 Faça o que está em Teu coração.
 E que a cada dia eu queira mais e mais

Estar ao Teu lado, estar ao Teu lado, estar ao Teu lado, Senhor.

Pois, pra Te adorar, foi que eu nasci

Cumpre em mim o Teu querer.

Faça o que está em Teu coração.

E que a cada dia eu queira mais e mais

Estar ao Teu lado, estar ao Teu lado, estar ao Teu lado, Senhor

Dando continuidade ao louvor, Frei Jerônimo benze os voluntários que ficam com ele no altar e um balde com 15 litros de água. O celebrante passa a aspergir água nas garrafas de água que foram compradas na lanchonete, ou trazidas de casa, e colocadas no início do louvor numa mesa próxima ao altar. A água é aspergida também sobre os objetos colocados no altar (fotos, documentos, pedidos escritos, etc.). Dentre os voluntários abençoados, dois são encarregados de borrifar a água benta sobre os fiéis. Segundo me foi explicado, a água tem o poder de curar os males que afligem as pessoas. O grupo, agora, musical canta uma nova melodia.

Eu Te peço desta água que Tu tens

És água viva meu Senhor

Tenho sede, tenho fome de amor

E acredito desta fonte de onde vens

Vens de Deus, estás em Deus, também és Deus e Deus Contigo faz um só

Eu, porém, que vim da terra e volto ao pó, quero viver eternamente ao lado Teu

És água viva, és vida nova e todo dia me batizas outras vez

Me fazes renascer, me fazes reviver e quero água desta fonte de onde vens

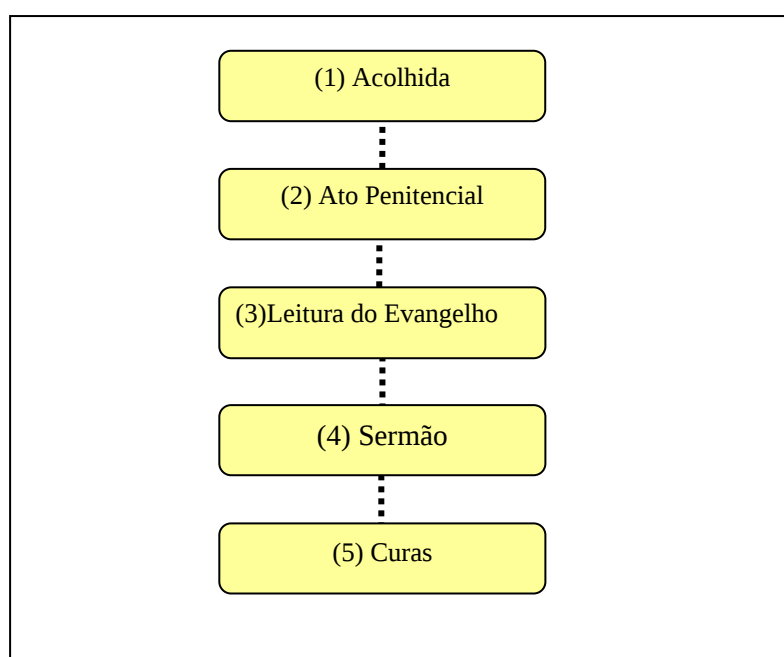
Segue um momento de cura pelo toque das mãos. Antes de ser acometido por problemas na retina, ele descia e circulava entre as pessoas tocando na cabeça de quem ele acreditava estarem precisando ser curadas. Atualmente, devido a sua enfermidade, ele já não se desloca mais assim e os fiéis é que seguem em fila, ao seu encontro.

O louvor é encerrado com votos de uma ótima semana e, a todos os presentes, o frei diz em voz alta: “vão em paz e que o Senhor os acompanhe”!

A descrição acima contempla a estrutura do Louvor do Frei, em Olinda. Esse ritual se repete a cada celebração. Contudo, é válido destacar que por duas vezes presenciamos uma diferença na estrutura. Estou me referindo a prática de exorcismo, ou seja, dentro da celebração, o frei realizou preces para a expulsão de demônios. Nessas ocasiões, além de repreender a presença do maligno, foi enfatizada o poder de Deus.

Nesse exorcismo, o frei começou com uma oração, pedindo que as pessoas presentes rezassem uma “prece de expulsão”, na qual, em tom ascendente, o frade solicitava que os espíritos malignos libertassem as pessoas que perseguiram. Nesse momento, algumas pessoas manifestaram os tais espíritos, sendo este o fato que mais me chamou a atenção: uma senhora que pulava em uma perna só. Depois disso, o frei pedi que um grupo de voluntários rodeasse a mulher, rezando em coro. Momentos depois, a mulher estava restabelecida.

Tabela 7: Estrutura da Celebração de Louvor.



Em Boa Viagem, o louvor acontece nas quintas-feiras, das 19h30 as 21h30 seguindo a mesma descrição feita anteriormente. A diferença é que, naquele bairro, não há a assistência social indicada em Olinda e os participantes compõem um público estimado em cerca de 200 pessoas. Por contemplar uma população mais abastada, o grupo de Boa Viagem funciona como um arrecadador e distribuidor de recurso que ajudam na manutenção da assistência dada aos pobres, em Olinda.

Ao longo da pesquisa, destacamos que o grupo de Boa Viagem demonstrou falta de disponibilidade em dar entrevistas e fornecer algum testemunho de cura. Embora o frei tenha falado sobre a importância da pesquisa, essa assertiva teve um impacto muito pequeno na postura das pessoas. Não houve o interesse e o empenho verificado em Olinda. Minha interpretação para esse fato foi que o grupo, nesse período de pesquisa, apresentou grande rotatividade, o que predisponha os fiéis mais novos a uma atitude de maior reserva.

Ainda em relação ao grupo em Boa Viagem, as curas não possuem a mesma recorrência e importância verificada em Olinda. Ao longo de toda a pesquisa, consegui identificar apenas um relato de cura. Esse faz referência ao caso de uma criança que possuía uma bolha de sangue na boca, que, de acordo com os médicos, necessitaria de um procedimento cirúrgico. Segundo sua mãe, após ela ter recebido uma benção do frei, a enfermidade desapareceu. Contrariamente, em Olinda, são muitos e diversos os relatos de cura. Vejamos alguns deles.

Registramos o relato da cura de um menino que nasceu afetado por uma rubéola contraída pela mãe na gestação. O frei relata que, em uma das missas de cura e libertação realizadas na igreja de São José dos Pescadores, a criança foi curada. Conforme os relatos, o menino era cego, surdo, mudo e não andava. Após a intervenção do frei, embora com dificuldades, ele passou a enxergar, ouvir, falar e andar.

Outro relato contado pelo frade dá conta do sofrimento de um famoso médico pernambucano, que teria sido agraciado pela cura. Portador de um câncer no pulmão, foi se tratar nos Estados Unidos, onde foi informado que seu caso não teria mais solução. Ele deveria retornar ao Brasil e preparar-se para morrer. Devido à doença, ele estava magérrimo. Chegando ao Brasil, ficou em São Paulo, pois não queria que os amigos pernambucanos o vissem na situação em que se encontrava. Foi quando um amigo o avisou da existência do frei. Acatando a orientação desse amigo, o médico retornou ao Recife, no ano de 2000. Após a terceira visita de Frei Jerônimo, segundo esse afirma, o câncer desapareceu.

Uma voluntária me contou outra história intrigante: durante um das celebrações, o frei pediu que as mulheres presentes tocassem nos seus seios para pedir proteção a Jesus contra o câncer de mama. Uma senhora presente sentiu um nódulo ao tocar seu próprio seio. Desesperada, ela contou, a essa voluntária, que desejava falar com o frei. Diante do relato, ele

respondeu que a mulher não devia temer a cirurgia, que tudo daria certo. “Assim aconteceu”, afirma a voluntária, “já faz 10 anos que ela recuperou sua saúde”.

Segundo o relato de uma fiel seguidora, consta que seu irmão, morador de Fortaleza (CE), foi também agraciado com a cura. Devido ao seu trabalho, na praia, ele se expõe excessivamente ao sol. Esse fato resultou na produção de um tumor em seu braço, diagnosticado pelos médicos. Sabendo da enfermidade do irmão, ela procurou Frei Jerônimo. Como este tinha uma viagem marcada para Fortaleza, um encontro foi marcado nessa ocasião. Seguindo a orientação do frei, o enfermo seguiu ao seu encontro, munido de uma garrafa de água, que, após ser abençoada pelo sacerdote, foi utilizada na lavagem do tumor. Adotado esse procedimento por duas ou três vezes, o tumor estourou, produzindo um sangramento intenso. A família preocupada informou o frei sobre o estado do doente. Em resposta, Frei Jerônimo sustentou que tudo estava dentro do previsto, e que o sangramento visava libertá-lo de todas as coisas ruins. Dando continuidade a lavagem de seu braço, ele ficou totalmente curado. Esse fato ocorreu há cerca de seis anos e até o momento, afirma a fiel, seu irmão goza de perfeita saúde.

A mesma fiel me relatou caso semelhante ocorrido com seu pai, que aos 83 anos teve diagnosticado um câncer na próstata e seguiu para Fortaleza para ficar junto com seus familiares. Os serviços de Frei Jerônimo foram mais uma vez solicitados. Com as despesas de viagem totalmente pagas pela devota, o frade seguiu novamente para a capital do Ceará, onde realizou três orações de cura. Como os médicos já haviam informado a necessidade de um procedimento cirúrgico, após as bênçãos, o ancião refez todos os exames necessários ao estágio pré-operatório. Para sua alegria e de toda a sua família, os médicos diagnosticaram o desaparecimento do tumor.

Mais um caso que podemos relatar é de um médico, cunhado de uma das voluntárias. Ela conta que o homem estava muito doente, com diabetes e nenhum tratamento conseguia curá-lo. Vendo o tormento causado pela doença, a voluntária perguntou se Frei Jerônimo se não poderia visitá-lo. Após três semanas de visitas, seu cunhado estava bom. Ela destaca que ele morreu no final de 2007, mas não de diabetes, e sim porque chegou a hora dele e “Jesus levou”.

Além da cura de seu cunhado, essa mesma voluntária relata o caso de uma moça que estava na cadeira de rodas. Esta não conhecia o frei, mas pessoas que o conheciam a levaram

até ele. Segundo me contou a voluntária, quando colocaram a cadeirante em frente ao religioso, a moça disse ter visto Nossa Senhora, fato que a deixou apavorada, indo logo embora. Passados oito dias, conseguiram levá-la novamente até o frade. Desta vez, ele afirmou que Jesus a tiraria da cadeira de rodas. Caso isso não acontecesse, ele não mais se chamaria Jerônimo. A mulher acabou curada e, atualmente, dirige seu próprio carro, assumiu novamente seu emprego e passou a ajudar intensamente no grupo do frei.

Além desses dois casos, a voluntária conta uma graça alcançada por ela mesma, quando foi acometida por uma moléstia na pele. Segundo nossa entrevistada:

A água benta é uma coisa... eu tenho um problema aqui... de pele. Duas vezes aconteceu... abriu aqui um pouquinho... - “Oh, Frei! Olha aqui!” - “Tem nada não. Quando eu passar água benta resolve”. E ele passou água benta. Botou a mão por cima e falou um pouquinho, a gente sente aquele calor grande e pronto. Agora é só botar água benta gelada e eu já tava boa (Informante 20, voluntária, 74 anos, 19/12/2006).

Os relatos colhidos sobre as curas ocorridas por entre os seguidores de Frei Jerônimo, nos permitem afirmar que a maioria das pessoas que procuram o louvor buscam soluções imediatas para seus problemas. Majoritariamente, foram identificadas situações de saúde e, em seguida, problemas financeiros e de relacionamentos afetivos. Como forma de “tratamento”, o frei desempenha práticas específicas e estruturadas, baseadas na crença reiterada na ação do Espírito Santo, de Deus, ou de Jesus. No desenvolvimento da cura, têm-se muitas situações em que os sofrimentos do indivíduo são vistos através de uma leitura simbólico-espiritual. A perspectiva da cura, para aqueles que nela crêem, revelam o grau de proximidade do indivíduo com a religião e de adesão ao líder carismático. Nesse sentido, a expectativa da cura funciona como forma de expressão de conflitos, constituindo no que Turner (1974) classifica como “drama social”. As práticas de cura apresentam uma função de inserção comunitária, pois no louvor, classificar um indivíduo como saudável ou doente implica em reconhecer seu grau de proximidade com o espírito de Jesus. Segundo Montero a:

(...) capacidade que o discurso religioso tem de ‘costurar’ a multiplicidade de sensações e acontecimentos percebidos de maneira caótica e atomizada pelo indivíduo ‘doente’ confere ao sistema mágico-religioso de cura uma abrangência muito mais ampla quando comparado ao sistema médico, pois situam os limites de sua atuação para além das finalidades puramente técnicas da cura: por um lado, ao situar a ‘doença’ dentro de um quadro mais geral, que é ao mesmo tempo o quadro

da desorganização da pessoa, da ordem social e da ordem cósmica, o discurso religioso se torna capaz de arrancar o indivíduo do puro subjetivismo de sua dor (MONTERO, 1985: 255).

Feitas estas considerações sobre as curas realizadas por Frei Jerônimo, nos deteremos a partir de agora nos trabalhos de assistência social desenvolvidos no grupo, mostrando como essa questão passou a integrar parte considerável na agenda do GOASFJ.

As celebrações de louvor, desde o início, contaram com a participação de um número considerável de velhinhas pobres. Certa vez, enquanto rezava, uma delas desmaiou. Como o louvor acontecia próximo ao Pronto Socorro de Olinda, ela foi atendida rapidamente pelo médico de plantão. Após examiná-la, o médico afirmou que a doença dela era, na verdade, fome. Mandou um recado para o frei: além de assistência espiritual, Frei Jerônimo deveria dar comida para ela.



Figura 26: Frei Jerônimo e voluntárias distribuindo sopa.

Preocupado com a constatação médica, o religioso disse que assumiu tal desafio. Desde então, passou a conceber o louvor como um local onde os pobres e os famintos sairiam cheios da palavra e de alimento. Idealizou a distribuição de sopa antes da celebração e convocou os presentes a se engajarem nesta ação. Inicialmente poucos acataram o convite.

Uns disseram: “não vai dar certo!” Em resposta, Frei Jerônimo insistiu: “Nunca vi fome e vontade de comer para não dar certo”. Surgiram, então, os primeiros 2 caldeirões de sopa. Esta ação foi contando com adesões, resultando na atual distribuição de 4.000 pães e 800 pratos de sopa. Essa atividade chegou a contar com a participação de 70 voluntários.



Figuras 27, 28 e 29 (pg. seg.): Distribuição de sopa e pão.





A partir desse momento, o grupo passou a investir em atividades de ação social, não se limitando a distribuição da sopa. Passaram a doar cestas básicas e enxovais para as gestantes carentes. Esses são recolhidos pelos membros do grupo, que passaram a sistematicamente pedir doações aos amigos, freqüentadores do louvor e simpatizantes do trabalho de Frei Jerônimo. Essa atividade exigiu investimento na organização dos assistidos. Por exemplo, as “velhinhas” foram cadastradas em um caderno, que tem por objetivo acompanhar a assiduidade nos louvores. Tal medida destina-se a garantir o direito de elas participarem das festas, receberem cestas básicas e participarem de atendimento médico, com a ajuda da doação de remédios.

Cada uma, desde então, recebeu um crachá com o nome e número de cada uma. Ao chegarem no local, elas se dirigem à voluntária que registra a presença da mesma e entrega uma ficha de cor rosa numerada. Aqueles que não são cadastrados recebem uma ficha na cor branca. Essas fichas têm por finalidade controlar a distribuição da sopa e do pão. A distribuição das cestas básicas contempla apenas as pessoas cadastradas.

Para ser cadastrada a pessoa deve se apresentar a uma voluntária e fazer uma entrevista que visa identificar se a pessoa atende os critérios definidos pelo grupo. Pessoas idosas e carentes, residentes em Olinda, têm prioridade na assistência. Para efetuar o cadastro é preciso informar o endereço de residência e uma fotografia, para ser colocada no crachá. Atualmente, são 200 pessoas cadastradas.

A distribuição de enxovais está sob a responsabilidade de outra voluntária, que registra o nome da gestante carente que procuram o grupo. Na medida em que vão adquirindo enxovais, esses são distribuídos de acordo com a ordem na lista.

Foi criado um o ambulatório, que conta com o atendimento voluntário de Dr. Carlos Nascimento, clínico-geral, e de Dona Rute Nascimento, sua esposa, que colabora como sua atendente. Todas as terças-feiras, as 16h30minh, ele atende gratuitamente 30 velhinhas. Além da consulta, há a distribuição de remédios. Esses são angariados por Dr. Carlos junto aos laboratórios. A Prefeitura de Olinda também colabora enviando remédios.



Figura 30: Atendimento médico realizado por Dr. Carlos Nascimento no ambulatório do GOASFJ.

3.4 – Considerando as mediações externas exercidas pelo GOASFJ

Como vimos, Frei Jerônimo e o GOASFJ não contam com nenhum tipo de reconhecimento legal ou apoio direto por parte da Igreja Católica local. Contudo, o mesmo não ocorre em relação a outras instituições, públicas e privadas, com as quais o grupo buscou parcerias, seja para legitimar-se, seja par obter recursos para sua manutenção. No caso de instituições públicas, sobressaem-se a prefeitura da cidade de Olinda e alguns dos seus funcionários, com os quais o grupo tem travado uma relação de dependência e incentivo desde o início de suas atividades.

Da prefeitura, o grupo recebeu apoio para instalarem o local de seus cultos, para a doação de pão e feitura da sopa dos assistidos, bem como para a doação de remédios no

ambulatório do GOASFJ. O Frei também conta com um apoio eventual da prefeitura da cidade de Recife, através da mediação de alguns funcionários que fazem parte do grupo como voluntários, os quais ajudam com brindes, para os bingos, dinheiro e cestas básicas.

Dentre as relações com instituições privadas e externos ao grupo, destacam-se algumas empresas, cujos proprietários o frade procura atender, com seus dons de cura e orientação espiritual, o que lhe permite bater em portas e fazer seu apelo a pessoas da alta sociedade pernambucana, sobretudo mulheres piedosas de comerciantes e industriais. No seu discurso, Jerônimo enfatiza o fato de que “as doenças físicas e espirituais não atacam só os pobres” e, segundo afirma, são justamente nesses momentos de dor e aflição, que pessoas de todas as classes buscam nele uma esperança de alívio para tais problemas. A partir dessas relações, ele reconhece que tem criado e mantido importantes laços de amizade, construídos em torno da gratidão que essas pessoas demonstram ao religioso. Mas, há sempre aqueles que, conforme lembra o frade, “após terem solucionados seus problemas, desaparecem”. Em contrapartida, a maioria acaba conhecendo melhor o trabalho social que ele desenvolve junto com seu grupo e passam efetivamente a colaborar, chegando alguns a se tornarem voluntários nos louvores realizados por ele. Há também os que sem demonstrar interesse num compromisso mais forte, quando são acionados em momentos de dificuldade, doam dinheiro ou objetos valiosos e úteis, a exemplo de eletrodomésticos, com os quais o GOASFJ realiza seus bingos beneficentes.

Outro tipo de mediação, que o GOASFJ estabelece através do seu líder Frei Jerônimo, acontece por meio das bênçãos privadas que o frade distribui entre algumas empresas, tanto em Olinda, quanto em Recife. E esse apoio se dá forma variada: em alguns estabelecimentos o Frei é convidado a dar bençãos e com isso recebe ajuda financeira. Em duas empresas recifenses, Jerônimo vai - em uma, toda primeira terça-feira de cada mês; em outra, toda última sexta-feira de cada mês - mensalmente conceder as tais bênçãos. Segundo declaração de seus proprietários, eles crêem firmemente que os lucros das suas empresas só vêm crescendo, após o frade iniciar a doação de bençãos.

Um dessas empresas citadas, fez lançar uma campanha de arrecadação de doativos no Natal de 2008, por meio de seu jornal interno. “O objetivo geral da campanha” - como me contou em entrevista, a supervisora de Marketing da firma - “é garantir um natal mais alegre e humano às famílias de baixos recursos econômicos, através da distribuição de cestas básicas,

brinquedos, roupas e calçados novos e usados”. A campanha se estendeu de 1º a 20 de dezembro de 2008 e tudo foi doado ao GOASFJ. Todos os registros da entrega das cestas básicas, fotos e depoimentos, foram devidamente divulgados na edição seguinte do jornal. Para essa campanha natalina, segundo nossa entrevistada, o GOASFJ recebeu apoio de mais oito empresas, de diversas áreas. O *slogan* principal da campanha foi: “Não percam tempo! Faça deste Natal mais um momento de reflexão e de ação voluntária. Não deixem de ajudar a quem precisa! Vamos fazer a nossa parte!”

Na mídia, Frei Jerônimo tem enviado sua mensagem por meio de diversos veículos: jornal, rádio e TV. A GloboNet, canal a cabo que tem cobertura na Região Metropolitana do Recife (canal 14), chegou até convidá-lo para algumas entrevistas em programa local. Segundo seu apresentador, tal programa em especial foi um sucesso de Ibope, o qual teve seu horário esticado para atender os pedidos de cerca de 40 ligações e 32 e-mails que foram recebidas pela produção. O jornalista recebeu, após sua exibição, muitos elogios e parabenizando-o pela participação de Frei Jerônimo, fato inusitado haja vista o programa não ser religioso e sim de negócios.

O apresentador informou também que, em decorrência da prece que Jerônimo fez sobre um copo d’água, proferida diante das câmaras e sugerida, aos telespectadores, como um veículo de graças, naquela mesma noite, contou-me que recebeu um telefonema de um amigo e irmão maçom, famoso empresário do ramo de imóveis em Recife, comunicando que sua sogra, que estava muito doente, havia assistido ao programa e tinha ficado muito emocionada com as palavras do religioso. Ela pediu um encontro pessoal com o frade. No dia seguinte, o empresário mandou seu motorista particular buscá-lo para atender sua sogra. O fato é que, segundo nos conta o jornalista, a sogra do seu amigo, após receber algumas benções do frade, não precisou mais amputar a perna, ameaçada pelas complicações de sua doença. Ela, é claro, atribuiu a graça ao carisma de Frei Jerônimo.

Devido ao grande sucesso de público, Jerônimo foi convidado a participar de mais três programas, sendo que um desses contou até com a minha presença, na condição de pesquisadora, para o qual fui instada a falar de minha pesquisa no GOASFJ. Na ocasião eu quis saber, por que o programa não manteve o frade durante todo o ano. O apresentador explicou que o custo do programa é alto e faz parte da programação, obrigatória para as TVs a cabo, voltada para a prestação de serviços à comunidade e por isso não poderia ser efetivo.

Um outro tipo de relação com a mídia se deu por meio dos pronunciamentos que deu aos jornais, tanto durante o período de conflito entre ele e Dom José Cardoso Sobrinho, ou por meio de situações criadas por ele, a exemplo de quando organizou um missa campal, celebrada em homenagem aos mortos no desabamento de um edifício, no bairro de Piedade (Jaboatão dos Guararapes) e quando procurou à imprensa e declarou ter recebido uma graça de Irmã Lindalva, uma freira nascida em Assu (RN), morta em Salvador (BA), ao se defender de uma tentativa de estupro, e que foi beatificada recentemente pelo Vaticano.

Uma outra forma de mediação se deu pela criação de um jornal do próprio grupo intitulado *O Voluntário*, o qual contava com a participação do frade e de alguns voluntários. Segundo uma das minhas informantes, jornalzinho teve apenas três números e não continuou por causa do custo. O editorial do jornal, em sua primeira edição de julho de 2005, dizia o seguinte:

A todos os voluntários e Simpatizantes, o nosso abraço! É com grande alegria que juntamente com a equipe do Jornal “O Voluntário” que comunico mais essa novidade do nosso grupo: o informativo numero 1 que está nascendo agora com estas primeiras linhas ansiosas de vontade de comunicar, informar e trocar informações. A idéia nasceu de um colóquio com Deus em minhas meditações de madrugada à fora. Veio a pergunta ou sugestão: já que não pode atender tantas pessoas, nem comunicar tudo, porque não criar um informativo? E foi aí que comuniquei a algumas pessoas e lembrei do dom de nossa voluntária Diva e ela vibrou, e aprovou a idéia. E aqui vamos nos engatinhando com esse primeiro número com muita novidade. Esse número é como um experimento. Aceitamos sugestões e também a sua contribuição através de artigos ou alguma novidade. Participe, leia. Vamos continuar? Um abraço! Frei Jerônimo

Editorialmente, o jornal organizava-se da seguinte forma: *Editorial, Aconteceu, Espiritualidade - Frei Jerônimo, Recanto Poético - Diva Veloso, Seu Testemunho, Homenagem, Ambulatório Médico, Aniversariantes do Mês, Rir É o Melhor Remédio, Receitas, Nossos Comerciais.*

E seu expediente, estava assim dividido: Diretor Responsável – Frei Jerônimo; Redação – Diva Veloso; Reportagens – Voluntários do “Grupo de Oração e Ação Social Frei Jerônimo”; Revisão – Frei Jerônimo; Ilustração – Diva Veloso e Ângela Lopes; Impressão – Copiadora Piedade; Sócios colaboradores – Dayse Maria e Ailson Alves.

No que diz respeito ao meu papel como mediadora, oriunda da universidade, destaco o interesse e o contentamento que Frei Jerônimo e o GOASFJ demonstraram, quando sugeri a realização desta pesquisa, com vistas ao meu curso de mestrado em Antropologia na UFPE. Logo, eles perceberam o quão interessante seria criar uma interlocução com a Academia, no sentido de dar visibilidade e reconhecimento ao trabalho do frade e do seu grupo. Isso ficou patente em vários momentos: quando fui anunciada publicamente como pesquisadora do GOASFJ; quando o Jerônimo fez passar a expectativa de que eu estaria “escrevendo um livro sobre ele”; quando fiz captação de imagens em vídeo durante um mês inteiro (maio de 2008) e percebemos que o frade, a título de facilitar a filmagem, anunciava nossa presença ao microfone na qualidade de “pesquisadores da UFPE”, e os voluntários arrumavam mais fotogenicamente o altar e o palco; quando, nessas filmagens, o frade caprichava no sermão e os fiéis na emoção; quando fui convidada a falar como especialista em um dos programas televisivos preparados especialmente para entrevistar Frei Jerônimo; e, finalmente, quando, na aventura eleitoral em que Frei Jerônimo se meteu, fui surpreendida com um pedido para conceder um depoimento gravado ao guia eleitoral de sua campanha a vereador, o qual, obviamente, não pude atender.

Aliás, é esse outro tipo de mediação, o político-partidário, que julguei mais relevante e que reservei para ser explorado no capítulo que se segue, intitulado: ***A Lei e o Profeta***.

*Capítulo IV - A Lei e o Profeta*³⁰

4.1 - Igreja, hierarquia e poder

*“Um profeta não recebe honra na sua própria pátria”
(João, 4:44).*

Somente quem tem a vocação da política terá certeza de não desmoronar quando o mundo, do seu ponto de vista, for demasiado estúpido ou demasiado mesquinho para o que ele deseja oferecer. Somente quem, frente a todas as dificuldades, pode dizer "Apesar de tudo!" tem a vocação para a política (Max Weber, 2002: 89).

No campo do Catolicismo contemporâneo, observamos a emergência de padres, cuja ênfase nos ritos de cura e no exorcismo espiritual é procurada pelos fiéis, em suas demandas concretas por cura física e espiritual, restabelecimento amoroso e estabilização financeira. Em contrapartida, cai o interesse por discussões metafísicas, éticas e filosóficas, próprias de uma elite intelectualizada, sacerdotal ou leiga.³¹

No GOASFJ surpreendemos esse conflito institucionalização vs. desinstitucionalização na figura de um padre - autor da frase que intitula este artigo – que, acusado de curandeirismo, é afastado pelo arcebispo e torna-se, nas franjas da Instituição, líder carismático e resistente de um grupo de católicos “reencatados”. Frei Jerônimo maneja uma retórica que, de um lado, rivaliza com o legalismo hierárquico e, de outro, empatiza com as demandas emocionais do seu público. Com seu carisma pessoal e uma nova ritualística - onde é largo o uso da emoção, da performance e da mística religiosas - Frei Jerônimo propõe um desafio à Igreja

30. Este capítulo, em sua versão preliminar, foi apresentado em forma de artigo, escrito em parceria com João Marcelo Silva (CRUZ e SILVA, 2008), no XV Ciclo de Estudos sobre o Imaginário, congresso internacional realizado em outubro de 2008. Agradeço aos professores Roberto Motta e Cristiany Moraes (PPGA/UFPE), coordenadores do Fórum XVIII - O Envolvimento simbólico nas religiões Cristãs -, pelos valiosos comentários, críticas e observações, as quais foram plenamente incorporadas ao presente texto.

31. Com a expressão “caia o interesse por discussões metafísicas”, o que quis salientar é precisamente o que a expressão diz: as pessoas parecem estar cansadas de debater filigranas teóricas sobre atos milagrosos, dons do Espírito, ação efetiva de anjos ou demônios e outras teorias esgrimidas por teólogos, filósofos e especialistas da religião. O que observo, com mais intensidade, são crentes interessados na solução de seus problemas mais comecinhos. Minha afirmação não significa, em absoluto, que o povo deixou de se impressionar por seres ou fenômenos de ordem metafísica, até porque, se isso fosse verdade, o fenômeno Frei Jerônimo careceria totalmente de sentido para seus fiéis.

institucionalizada: envolver-se nos anseios do seu rebanho, para desenvolver-se no minado e cada vez mais desregulamentado campo religioso atual.

O grupo, ora em estudo, como já foi informado, surgiu logo após o afastamento do seu líder das funções religiosas e sacerdotais na Igreja Católica. No contexto histórico, tudo começou quando as igrejas de São Pedro Mártir, do Bonfim e de São José dos Pescadores, todas localizadas no perímetro histórico de Olinda, estavam precisando de um novo vigário. Nessa ocasião, o Arcebispo de Olinda e Recife Dom José Cardoso Sobrinho convidou o franciscano Jerônimo Gomes de Souza para celebrar missas naquelas paróquias. As missas do frei aproximavam-se do modelo da Renovação Carismática Católica (RCC), conhecido por suas ênfases em experiências emocionais e ações performáticas, com muito canto, danças e animados louvores (MAUÉS, 2003). No modelo interposto pelo nosso frei, foi enxertada, a nosso ver, uma raiz de Catolicismo popular, que assenta em camadas profundas de um imaginário latente, onde vigora a crença em poderes mágicos e extraordinários, representados pelo recurso a exorcismos espirituais e possibilidades de curas milagrosas.

Esses diferenciais, de forte apelo emocional, fizeram grande afluência nas missas do Frei Jerônimo de fiéis que se achavam pouco motivados pelo modelo tradicional das missas católicas. E a crescente movimentação de pessoas não passou despercebida, nem à cúpula do arcebispado, nem aos padres mais tradicionais da cidade. Estes viram suas igrejas se esvaziarem, por influência do carismático frei, provocando a ciúmeira usual e o disse-me-disse típico dos incomodados (e acomodados). Aquela tratou de vigiá-lo de perto, aguardando o momento em que pudesse pegá-lo pela infração de alguma regra canônica, o que - no caso de um padre a quem eram atribuídos dons sobrenaturais - seria apenas uma questão de tempo e oportunidade.

Mas, antes que prossigamos com a análise dos desdobramentos enfrentados pelo frei e seus seguidores, importa saber como ele se tornou, no plano mitológico, de padre dissidente a líder carismático, revestindo-se, aos olhos do seu grupo, de dons sobrenaturais que poderia dispensar a mancheias. Ou seja: qual é o mito de origem desse grupo que, de par com um frei obstinado e pouco submisso, elaborou para si um lugar de pertencimento religioso nessa área sombreada e misteriosa, localizada nas franjas da Igreja, onde a hierarquia sacerdotal e a doutrina dogmática são ofuscadas pela ação mais eficaz e direta do divino e do maravilhoso?

E dito isso, interessa definir também quais mediações simbólicas e sociais o padre e seu grupo põem em movimentação para se legitimarem, seja internamente, enquanto grupo de leigos religiosos, constituídos à revelia da hierarquia católica romana; seja externamente, em associação com outras instâncias de poder fora da Igreja institucionalizada.

4.2 - Mito, ritual e autonomia religiosa

“Se não virdes sinais e prodígios, de modo algum creereis...!”
(João, 4:48)

Se este texto fizesse parte do códice de alguma história sagrada, a hagiografia de Frei Jerônimo começaria mais ou menos assim: certo dia, uma senhora, assídua das missas do frei, aproximou-se e lhe pediu que curasse as dores e feridas de sua perna, afetada pela erisipela. Segundo ela mesma nos contou, a cura teria ocorrido de forma milagrosa. A narrativa diz que Jerônimo abençoou a água que estava num copo e pediu que a mulher lavasse com ela suas feridas antes de dormir. Quando acordou, a senhora estava livre da doença.³²

A partir do “milagre de Jupira” – verdadeiro mito fundante do grupo de seguidores do padre -, multiplicaram-se outras supostas intercessões divinas, sustentadas por fiéis dispostos a dar testemunho das curas e benções realizadas por Jerônimo em suas missas. Desse modo, por causa de seus dons recém-descobertos, o frade logo ganhou prestígio e tornou-se uma liderança religiosa importante na Olinda católica dos anos 90, capaz de rivalizar com sacerdotes mais antigos e desafiar setores conservadores da Igreja, que não dispunham de tal carisma perante o povo. Numerosas foram as queixas dos padres antigos, já com muitos anos de sacerdócio, porém com pouco apelo popular. Devido a essas reclamações, aliadas à política legalista de Dom José Cardoso Sobrinho,³³ em meados de 1997, Frei Jerônimo foi acusado de praticar curandeirismo dentro da Igreja e, após correr todo um trâmite canônico, é finalmente afastado de suas funções religiosas e sacerdotais pela Cúria Metropolitana.

32. É digno de nota como a narrativa do “milagre de Jupira” – pelo menos como é elaborada pelo Frei Jerônimo - se assemelha estruturalmente aos episódios de cura milagrosa contidos nos evangelhos, como, por exemplo: *A cura de um cego de Betsaida* (Mc, 8: 22-26), *O cego de Jericó* (Mc, 10:46-52) *A cura de um coxo* (At, 3:1-10), etc.

33. Trata-se de um prelado oriundo da diocese de Caruaru, que recebeu, do papa João Paulo II, a árdua tarefa de substituir o carismático dom Hélder Câmara - bispo progressista, politizado e atuante das causas sociais – e reformular politicamente a diocese de Olinda e Recife, seguindo as diretrizes mais canônicas da Igreja, o que significava fazer uma inflexão mais conservadora e intimamente aliada com a Cúria Romana, enquadrando, por exemplo, aqueles sacerdotes mais ligados à Teologia da Libertação ou que pudessem representar algum tipo de desvio ao programa traçado pelo cardeal Karol Wojtila (SERBIN, 2008).

Em seguida, o frei foi convocado pela Ordem dos Franciscanos Menores, da qual fazia parte, para prestar esclarecimentos sobre a suspensão. O provincial dos franciscanos determinou que Jerônimo ficasse restrito ao convento em Olinda, participando apenas de atribuições internas. Contudo, o frei não aceitou ficar afastado das pessoas que o procuravam e pediu, finalmente, o seu desligamento da Ordem.

Todavia, ao contrário do que era esperado pelos seus críticos, os devotos de Jerônimo não o abandonaram. Numa tentativa de fazer frente à decisão da Cúria, os seguidores do frei o acolheram e criaram o GOASF, para dar vazão à sua recém-conquistada autonomia. Tal disposição, é claro, punha o frei e seus adeptos em linha de colisão com o Arcebispo. No Jornal do Commercio de 12 de dezembro de 2001 (ver anexo 9) podemos ler a seguinte notícia, ilustrando a determinação do frei em continuar desafiando a autoridade de Dom José, sem deixar, contudo, de apelar à confiança depositada nele por seus seguidores:

[...] Indiferente à proibição, pela Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Olinda e Recife, de exercer qualquer função sacerdotal e “seu suposto dom de curas”, o padre Jerônimo Gomes de Souza comandou ontem mais uma noite de louvor ao Espírito Santo, no Clube Atlântico de Olinda. “Vou continuar o meu trabalho ao lado do povo porque sou um padre independente. Somente o papa pode me impedir de exercer meu sacerdócio”, afirmou. Frei Jerônimo, como é chamado por ter sido frade franciscano, disse que o arcebispo Dom José Cardoso manda apenas nas igrejas sob sua jurisdição. “Não manda nos colégios particulares, nos clubes e nas casas onde realizo os louvores pela vontade de meu povo.” Em junho de 1997, ele foi afastado da Arquidiocese, pelo arcebispo, sob a acusação de praticar uma antiliturgia. Na época, o religioso celebrava missas de cura dos enfermos, na Igreja de São José, em Olinda. (JORNAL DO COMMERCIO, 2001: 2)

Sabemos que o GOASFJ foi criado por leigos “decepcionados” com a liturgia tradicional, que afirmam terem recebido muitas bênçãos e curas através dos louvores de um sacerdote insubmisso da Igreja, mas carismático para seu povo. Tais celebrações têm uma forma ritual que se assemelha à missa católica, porém – o que é significativo – sem a parte da eucaristia, uma vez que esta foi vedada ao frei pelo Arcebispo. A reportagem da citação anterior fornece também uma breve descrição dessa nova ritualística que, junto ao mito do “milagre de Jupira”, forma um par diacrítico reflexivo e revelador da nova face religiosa que emerge a partir da organização para-institucional dos seguidores do frei:

[...] A noite de louvor, com duração de pouco mais de duas horas, começou com frei Jerônimo dizendo que com perdão e fé no coração tudo se resolve, tudo se cura, pela vontade de Jesus e do Espírito Santo. Depois, o padre leu uma passagem do Evangelho sobre o bom pastor que vai atrás de uma ovelha desgarrada. **“O verdadeiro pastor se preocupa com seu rebanho e não com o templo de pedra e as leis”**, completou. Na hora das curas e graças, as luzes se apagaram e o sacerdote pediu que Jesus tocasse nas partes enfermas das pessoas. “Jesus cura porque a gente crê”, ensinou. Com velas acesas, os presentes, silenciosamente, pediram que suas graças fossem alcançadas. Depois, frei Jerônimo aspergiu água benta e abençoou muita gente. O louvor terminou com os testemunhos de curas, que as pessoas disseram ter obtido com a ajuda das orações do padre. (JORNAL DO COMMERCE, 2001: 2) (Grifo nosso).

Ao analisarmos rapidamente a cerimônia descrita acima, vimos que ela possui certo paralelo com a estrutura da missa católica, pois é fácil reconhecer elementos aproximativos da *liturgia da palavra* (primeira parte do rito romano), a exemplo da *leitura do Evangelho* e da *homilia* (BECKHÄUSER, 2004a). Contudo, em campo, observamos também a ocorrência de elementos da segunda parte da missa, a *liturgia eucarística*, como é o caso da *oração comunitária* e do *ofertório*. Tal estratégia condiz com estratégias de legitimação do tipo *intra pares*, a partir de uma reelaboração dos signos rituais católicos conhecidos, evitando um rompimento radical com a base da tradição religiosa de origem.

Essa estratégia explicaria também, em face da desinstitucionalização do frade e de seu grupo, o fato dele não se permitir romper com a proibição diocesana de consagrar e distribuir hóstias nos louvores, reservando esse ritual às missas dominicais em sua casa. Será uma estratégia para deixar uma porta aberta, visando um possível retorno à Igreja institucional, após D. José?

Depois de identificarmos semelhanças na “antiliturgia” de Frei Jerônimo com o modelo tradicional católico, passemos agora a ressaltar as diferenças. E uma é particularmente significativa para a elaboração dos sinais diacríticos necessários à reelaboração e afirmação da identidade do grupo dissidente. Com relação, agora, à segunda parte da estrutura ritual da missa, recordemos que a *eucaristia* é a rememoração ritualizada tradicional do mito cristão máximo: o sacrifício da vítima pascal - o Cristo morto e crucificado, que ressuscitou ao terceiro dia -, cujo significado é discutido há dois milênios por santos, eclesiásticos, filósofos, teólogos e leigos cristãos (BECKHÄUSER, 2004b).

Na segunda parte do seu louvor, vimos que Frei Jerônimo introduz, no ritual, a novidade do apagar das luzes e do acendimento das velas, sobre o qual é possível fazer homologias simbólicas com o envolvimento do crente na leitura mitológica do sacrifício do Calvário: à trajetória que vai da crucificação de Jesus, passando por sua descida ao túmulo e daí para a glória da ressurreição. Impedido de celebrar a eucaristia, Frei Jerônimo contorna esse obstáculo realizando uma pequena mutação na estrutura da missa, substituindo o momento da consagração do pão e do vinho – símbolos do sacrifício pascal – pela consagração de sua própria personalidade, reafirmando o compromisso como o mediador legítimo do mistério milagroso, ao pedir inúmeras vezes pela cura dos seus fiéis e aspergir a água benta, mecanismos pelos quais ele é reconhecido como o novo portador da graça e da salvação, à vista de todos.

Esse simbolismo é bastante explorado no imaginário comum dos cristãos por vários outros líderes personalistas e dissidentes da Igreja. Assim, temos, na substituição operada na mesa eucarística, a atualização do mito cristão, centrado agora no milagre da cura efetuada por Frei Jerônimo. Essa simples troca tem o grande poder simbólico de identificá-lo com o próprio Cristo, pois contamos com a interação, a cada louvor, do dom milagroso que, por intermédio do padre, veio e vêm ao mundo para a solução de sofrimentos, doenças e complicações várias dos seus seguidores.

Tais desdobramentos, em torno da eucaristia – o sacrifício simbólico, para os cristãos, do cordeiro pascal - se aproximam de um quadro teórico esboçado por Motta (1995) num estudo comparativo sobre ritual e sacrifício entre as religiões “do corpo e do gesto” (O candomblé da Bahia e o Xangô do Recife), e as religiões “abstratas” (católica e reformada). Segundo esse autor, as primeiras, ao contrário das religiões abstratas, inclinam-se mais para os problemas concretos, como a saúde do corpo, a estabilidade financeira, etc. Junto a isso, Motta afirma que a problemática da eucaristia representa uma “questão básica das ciências sociais da religião, ou mesmo de toda uma filosofia da história, envolvendo o problema da modernidade e da ascensão da racionalidade” (MOTTA, 1995: 38).

Dito isso, Motta, em sua comparação, termina por postular, no estudo citado, a existência de certo deslocamento conceitual em torno da idéia de sacrifício, naquilo que ele denomina de “período pós-eucarístico”. Em suas palavras:

[...] Não esqueçamos que, na concepção católica, a eucaristia constitui verdadeiro sacrifício, que só se distingue de outros sacrifícios por seu caráter incruento e isto

apesar de sua constante referência ao sacrifício sangrento, que representa ou "reapresenta" [o sacrifício da cruz]. Poderíamos talvez falar de um regime eucarístico que teria substituído o regime sacrificial da antiguidade. Mas o Ocidente parece hoje atravessar [um] período tanto **pós-sacrificial** como **pós-eucarístico** (MOTTA, 1995: 38) (Grifos do autor).

Desse modo, poderíamos interpretar pós-eucaristicamente a substituição pela hóstia que faz Jerônimo em sua liturgia? Dado que o frei coloca em movimento recursos que se aproximam do cânon católico, para logo depois abandoná-lo, reinterpretando-o ao sabor das demandas emocionais concretas de sua clientela, acentuando o caráter gratuito da cura e da solução de problemas bem mais próximos ao horizonte de visão do público leigo, a exemplo de temas como: saúde, paz, amor, dinheiro, etc. Estamos aqui, numa região muito distante das filigranas metafísicas das discussões teológicas e das impenetráveis equações filosóficas, bem ao gosto da elite da Igreja.

Não é por outro motivo - senão pelo apelo à união dos seus seguidores em torno de um projeto por autonomia da hierarquia eclesiástica e cuja retórica invoca uma ação direta e sem mediação, alheia ao controle da Igreja sobre a vontade divina – que o frade evoca a figura do “Espírito, que sopra aonde quer” como símbolo máximo de sua proposta crítica e reestruturadora. O apelo imediato de Jerônimo aos poderes do Espírito Santo, seu padrinho divino, reproduz no discurso e na prática ritual do frei uma nova mediação, na qual sobressai a fusão de elementos carismáticos e espiritualistas. Ele incorpora, por assim dizer, um desejo do grupo de fazer dos louvores um novo símbolo de identidade religiosa, tornando-o a *pièce de résistance* da luta do frei e seus seguidores pela liberdade de criar seu próprio sentido, sua própria exegese da vontade e da ação divinas no mundo.

4.3 – Carisma, dom e aliança

“Se Deus é por nós, quem será contra nós...?!”
(Romanos, 8:31)

Para qualquer novo grupo religioso (passada a fase de dissidência e iniciada a etapa de formação) não basta afirmar-se internamente por meio de uma readequação de ritos e mitos aos desejos e necessidades materiais e simbólicas dos seus integrantes. Embora, na maioria das vezes, haja a liderança de um líder carismático - a quem são devotados o reconhecimento, a admiração e a confiança extrema - o que facilita (e muito) a pacificação das tendências internas à desagregação e o controle da emergência de conflitos naturais. Diante de seu grupo, Frei Jerônimo desempenha a contento o papel de grande mediador, quanto mais não seja pelo

sentimento disseminado entre todos de que seria ele o portador de dons divinos que, em última análise, fundamentaria a existência desse grupo de leigos. Não obstante tudo isso, é também igualmente necessário fazer alianças externas do tipo *extra pares*, inda mais quando estamos diante da ação de dissidentes de uma instituição poderosa, como é o caso da Igreja Católica.

Após seu afastamento, Jerônimo, a princípio, prosseguiu dando bênçãos e celebrando seus louvores (pois, desde a suspensão, como sabemos, ele foi proibido de dizer missa em público) nas casas de pessoas que o procuravam cada vez mais, aumentando o número dos seus seguidores. Logo, tornou-se necessário a procura de um espaço mais amplo para atender a todos. Uma parte do grupo conseguiu o apoio de uma escola privada localizada em Piedade (em Jaboatão dos Guararapes, cidade ao sul da capital pernambucana), onde todas as quintas-feiras ocorrem as celebrações. O público que comparece ali é, em sua maioria, de um perfil economicamente diferenciado da clientela olindense.

A aliança entre o colégio e o grupo deu-se por intermédio de uma voluntária que se tornou coordenadora do grupo em Piedade. Esta solicitou ao proprietário da escola um espaço para que fossem realizados os louvores do Frei Jerônimo, ressaltando exatamente os seus talentos para fazer curas milagrosas. O número elevado de pessoas que seguiam o religioso também foi usado como argumento, bem como o acordo razoável de que as despesas proporcionadas pelo evento - energia, água e limpeza do local - seriam compensadas com contribuições pecuniárias dos fiéis. O próprio diretor figura, até hoje, como participante assíduo dos louvores, afirmando ser seu colégio muito abençoado, desde que o frei começou a realizar suas orações por lá, o que contribui para o reforço do carisma do padre. Muitos desses simpatizantes aderiram às equipes de voluntários, ou passaram a contribuir com pequenas doações mensais.



Figura 31: Louvor na quadra do colégio ELO, em Boa Viagem.

Por sua vez, na base original do grupo, em busca de um apoio mais efetivo para sua causa, Jerônimo e alguns fiéis decidiram recorrer à Prefeitura de Olinda, que curiosamente na época era governada por um partido comunista. A prefeita o atendeu, liberando alguns prédios públicos para a realização dos louvores, entre outras doações e recursos. Assim, os louvores do Frei Jerônimo começaram a ser realizados no mercado público Eufrásio Barbosa que, posteriormente, foi fechado para reformas, sendo o culto transferido para o Clube Atlântico, onde é realizado atualmente.

Uma outra forma de mediação externa foi a decisão do grupo de inaugurar um serviço de assistência, cujo público alvo foi um grupo de idosas que passaram a freqüentar os louvores do Clube Atlântico, a quem o frei logo acolheria – ao mesmo tempo - como base de apoio e finalidade para seus projetos assistencialistas. A fim de atender essa nova clientela, o frei mobilizou voluntários para arrecadar mantimentos e remédios e na feitura de grandes caldeirões de sopa, que passou a distribuir, antes das cerimônias religiosas, para as suas “velhinhas”.

Em julho de 2008, fomos informados de que Frei Jerônimo se lançaria candidato à Câmara de Vereadores de Olinda. Interpretamos isso como mais uma forma de mediação orientada ao exterior dos limites do grupo, por intermédio da qual, o frei buscava legitimar-se diante do processo de desinstitucionalização operado num movimento para fora da Igreja. Só que, dessa vez, o frade estava se movendo por um terreno mais arriscado e imprevisível, pois lançava no pano verde as fichas de suas próprias qualidades (reais ou fictícias), avalizadas pela chancela de um novo aliado: um político profissional - como todos os neófitos fazem.

A decisão do frei criou certa polêmica dentro do grupo, na medida em que alguns voluntários e frequentadores lançaram dúvidas sobre o seu acerto. Cedo, alguns fiéis mais perspicazes já faziam previsões sobre o fim do grupo e a perda do dom pelo seu frei:

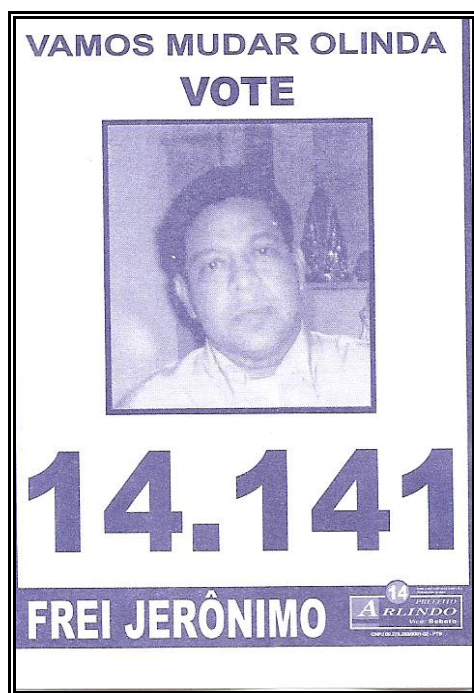
“Se ele perder, vai ser ruim, né? Mas se ele ganhar, vai ser ruim também, pois como ele vai dar conta do louvor e atender esse povo todo? Como vereador ele vai ter outras responsabilidades...” (Informação fornecida por meio de conversa informal).

“Tenho pra mim que o frei pode perder seu dom. Os franciscanos têm esse dom, Frei Jerônimo, frei Damião... Os outros não têm esse dom. Mas quando se mistura com política, não dá certo. Tenho medo que esse grupo se acabe...” (Informação fornecida por meio de conversa informal).

“Eu acho que ele não vai ganhar. Essa candidatura vai acabar com o grupo...” (Informante 19, voluntária. Conversa informal).

Frei Jerônimo  Vereador de Olinda Nº 14.141	<i>Frei Jerônimo convida para o jantar de adesão de lançamento de sua candidatura para vereador de Olinda. Contamos com a sua presença!</i> Data: 05/09/08 Local: Ribeiro Recepções Rua do Bonfim - Praça da Preguiça (ao lado da Focca) Horário: 20:00 hrs Valor: R\$ 30,00 Reais
--	---

Figura 32: Convite para o jantar de adesão da candidatura a vereador de Frei Jerônimo.



Figuras 33, 34, 35 e 36: Propaganda eleitoral da campanha a vereador de Frei Jerônimo em 2008.



O grande problema é que o partido, pelo qual o frei se candidatara, era de oposição à prefeitura de então. O candidato que apoiara - inclusive com declarações veiculadas no guia eleitoral televisivo - era adversário da prefeita. Isso acarretaria uma crise interna e outra externa ao grupo. Externamente, o grupo da prefeita tinha avaliado o ato como uma traição política do frei, na medida em que, todos esses anos, depois do rompimento com a Arquidiocese, a prefeita o apoiara, mesmo atraindo para si as críticas constantes do Arcebispo.

Estudando as mediações políticas construídas por grupos institucionalizados de afro-umbandistas no Uruguai, frente às disputas provocadas pelo proselitismo agressivo da Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd), Alejandro Frigerio (2007), observou nas:

[...] tentativas de mobilização dos umbandistas [...], a passagem de um marco de ação coletiva cultural/religioso a um civil (ou de reivindicação de direitos civis) [...] [que produziu uma] política de fazer alianças transversais que excedam o âmbito religioso [...] [o que foi] paradoxalmente, sucedido de uma série de contratempos que mostram as dificuldades nessa ascensão social, assim como a maneira heterogênea com que as forças do Estado agem e se relacionam com grupos religiosos. [...] [haja vista que] Poucos dias após sua entrada na política, esse grupo de afro-umbandistas teve claras (sic) sinais de que, fora possíveis benefícios, a estratégia já tinha algum ônus. Um assessor de um dos deputados do partido governista [...] [afirmou que o governo iria] “[...] trabalhar para que vocês não tenham sucesso, nem politicamente, nem religiosamente [...]” [...] (FRIGERIO, 2007: passim).

O caso observado na situação resumida acima, *mutatis mutandis*, pode ser comparado com as intenções e os dissabores do GOASFJ em também procurar “desenvolver *marcos interpretativos coletivos* que impulsionem a construção de *identidades coletivas mobilizadas para a ação*”, a qual exija igualmente “mobilizar *recursos econômicos e culturais* no interior e no exterior de sua religião, assim como aproveitar a *estrutura de oportunidade* que lhes apresenta o meio social em que se desenvolvem” (Ibidem: 73).

Externamente, esses *marcos interpretativos* podem ser relacionados à forma como Frei Jerônimo quis ser legitimado por meio de uma carreira política na Câmara de Vereadores, movimentando forças e apoios, também neste caso, contrários ao partido governante da cidade de Olinda – fato que acarreta uma série de conflitos de quem mistura indiferentemente uma

religião de matriz cristã (essencialmente inclusiva) com a política partidária (necessariamente exclusiva).

Internamente, por sua vez, rumores davam conta da preocupação dos fiéis com a exposição do frei a uma campanha eleitoral, que, como se sabe, pode ser qualquer coisa, menos uma aventura isenta. Deserções não tardaram a acontecer. Por exemplo, havia um rapaz, um dos grandes colaboradores do frei, que tinha por tarefa fazer um dos caldeirões de sopa distribuídos às “velhinhas”. Sua sopa era a mais festejada, pois todos diziam ser “a mais gostosa”. Talvez porque, de todos os caldeirões, este era tido como o mais caprichosamente preparado, por – de fato – levar pedaços de carne. Pois bem, após o início da campanha política, esse rapaz estranhamente não foi mais visto nos louvores. Perguntado, um dos adeptos informou que o rapaz, na verdade, tinha um cargo comissionado no município. Os ingredientes da sua sopa eram arrecadados por entre os colegas de repartição. Era boato corrente que o frei havia “traído” a prefeita de Olinda e, como funcionários comissionados, eles não poderiam seguir ajudando o religioso, sem o risco de contrariar a governante.

Entre os membros do grupo, a opinião corrente era de que o frei não precisava se envolver em política para dar continuidade ao seu trabalho social, pois – com todas as dificuldades – ele já o havia desenvolvido durante os últimos 11 anos.

Uma das “velhinhas” mais devotadas ao frei assim se expressou sobre o assunto:

“Ele tem tudo no mundo, Deus mostrou a ele vários caminhos. A gente é a riqueza deles. Se ele tem a gente, ele não precisa da política. Se ele batesse as fotos da gente e saísse mostrando, pedindo, ia conseguir tudo...” (Assistida, 68 anos, 09/09/2008. Informação fornecida por meio de conversa informal)

Quando do rompimento com a Arquidiocese, o frei foi proibido de rezar missas nas igrejas de Olinda e foi acolhido pelos fiéis, que discordaram da autoridade do prelado. Esses também promoveram uma aliança com a prefeita, quando reivindicaram um local para os cultos. No episódio da candidatura, embora ele tenha declarado ter feito uma consulta aos fiéis (o que não comprovei), pareceu-me que, de fato, a decisão de se opor à prefeita nasceu de uma articulação que envolveu umas poucas pessoas – a liderança do grupo -, excluindo a maioria dos voluntários e a opinião das suas “velhinhas”.

Durkheim foi quem primeiro postulou que a religião seja um sucedâneo da sociedade - *Deus sive societas*, na fórmula durkheimiana (PALS, 1996). O culto seria uma forma de atualização dos valores capitais e coletivos, ao mesmo tempo uma celebração do vínculo e da lealdade social e uma rememoração dos valores éticos de cada grupo (DURKHEIM, 2000; PALS, 1996).

Na fala da “Velhinha” (assistida), reproduzida acima, vimos um cintilamento da teoria de Durkheim. O que ela está lembrando claramente é centralidade do grupo para a afirmação/manutenção do sagrado na ação do frei. A taumaturgia de Frei Jerônimo, entendido como ação simbólica, só existiria enquanto produto estruturado por uma coletividade que para ela se volta, como pletora de sentidos e de ações concretas. Excluem-se as partes do processo decisório e veremos advir perigosas conseqüências para a coesão do todo.

Na estrutura do louvor, o ritual de cura presidido pelo frei estrutura-se através do apelo sistemático à reprodução do “milagre de Jupira” (mito de origem, gerador de toda a existência do grupo e do próprio frei), que distingue e reveste a identidade do grupo, tido como conjunto de possíveis candidatos ao “toque do senhor”. Ao ritual de cura, segue-se o de testemunhos de cura, que são a prova mesma da presença divina, introduzida pelo discurso nas mãos e na boca do frei milagreiro. Nesses discursos, de ordinário, ressalta-se o compromisso do fiel, pela valoração positiva da crença, como o sinal diacrítico daquele que foi “tocado”, ou está em vias de ser curado:

“Tem pessoas que não acreditam em milagres. Mas [eles] existem mesmo. É como ele [o frei] fala: “as pessoas só recebem quando estão de coração limpo”. Outras só sabem pedir, não lembram de agradecer. Você pede, pede, mas não está ajudando. Quando você muda o seu coração, e seu modo de pensar em relação aos outros e a você mesmo, começa a se abrir os caminhos. Aí vêm graças e bênçãos. Já recebi várias graças e sei que vou receber muito mais, depende de mim. O Deus é um só, não precisamos trocar de religião. Por que é que as pessoas mudam de religião e conseguem graças que não conseguiam na Igreja Católica, ou em outras religiões? É porque faltou fé, você não conseguiu na sua religião e conseguiu na outra. Porque lá você teve fé e na sua você não deu crédito ou não soube pedir” (Testemunho escrito por uma fiel que se disse curada pelo Frei Jerônimo. O sublinhado está no original).

Essa mesma trama de discursos revela a missão do frei como taumaturgo (fazedor de milagres), o qual lhe valeu um anátema da Arquidiocese, e a posição identitária do grupo

como recebedor de hipotéticas graças. Temos aí uma clara relação de reforço e auto-reforço, que a “velhinha” Felipa perspicazmente detectou quando afirmou: “Nós somos a riqueza dele”, subentendendo esse “nós” como reconhecimento do liame fundamental que define o assentimento (a fé) do grupo de fiéis como “capital simbólico religioso”, disputado (e perdido) pela hierarquia religiosa tradicional, agora barganhado pelo frei, como moeda de troca em acordos políticos partidários.

A partir de uma interpretação mais weberiana, percebemos, portanto, que, sem o assentimento dado pelo grupo, os dons do frei não fariam qualquer sentido, pois são reconhecidos e atribuídos pelos fiéis ao padre. Para Weber a dominação carismática – cujos tipos puros são a liderança do profeta, do herói e do demagogo – tem base numa relação que transforma os liderados em apóstolos, por abraçarem uma fé comum, um testemunho vivo ou rastro de uma origem divina, de um poder sobrenatural e extra-cotidiano, numa palavra: revolucionário, por se opor às regras da dominação tradicional e burocrática (WEBER, 2004).

Para Weber:

[...] A autoridade carismática baseia-se na “crença” no profeta ou no “reconhecimento” que encontram pessoalmente o herói guerreiro, o herói da rua e o demagogo, e com eles cai. E, todavia, sua autoridade não deriva de forma alguma desse reconhecimento por parte dos submetidos, mas ao contrário: a fé e o reconhecimento são considerados um dever, cujo cumprimento aquele que se apóia na legitimidade carismática exige para si, e cuja negligência castiga [...]. (WEBER, 2004: 136).

Numa perspectiva complementar, para além dos elementos de irracionalidade, emocionalismo e de obediência a uma ordem revelada e criada pelo líder carismaticamente qualificado, ressaltados na dominação carismática, a antropóloga Roberta Bivar Carneiro Campos (2005) chama a atenção para um caráter pouco enfatizado pelos estudiosos dos escritos políticos de Weber. Ao estudar o carisma como incorporação da caridade e da penitência, no *ethos* mendicante dos “Ave de Jesus” - grupo milenarista de Juazeiro do Norte (CE) -, Campos reconhece que a exigência coletiva da performance do sofrimento de Jesus, por meio da penitência e da mendicância, como fonte privilegiada do carisma que fornece identidade, coesão moral e densidade social àquele grupo de penitentes por ela pesquisado.

[...] os Ave de Jesus dependem do carisma para o reconhecimento de seu modo de vida e com isso a eles serem ofertadas esmolas. Isso implica que a vida exemplar

precisa ser performada expressivamente, ou melhor, carismaticamente por todos os membros para que aqueles que não pertençam ao grupo ofertem suas doações em comida, roupa e utensílios domésticos. [...] Pode-se entender que para a realidade desses mendicantes o reconhecimento moral do modo de viver depende do cultivo do carisma. Meu argumento então é que carisma, entre os Ave de Jesus, vai além da questão da liderança e da dominação. O carisma nessa comunidade permeia, além do político, outras dimensões da socia(bi)lidade do grupo. O carisma certamente tem papel especial na relação líder e seus seguidores, mas exerce papel fundamental em relações horizontais entre os próprios seguidores, e entre estes e outsiders (moradores e peregrinos de Juazeiro do Norte). [...] A conduta de cada um dos membros dos Ave de Jesus, e não somente a do líder, deve ser exemplar.[...] Quanto mais o modo de ser de um Ave de Jesus aproxima-se da imagem de Jesus, maior é o reconhecimento [pelo líder, pelos companheiros, pelos outsiders] [...] (CAMPOS, 2005: 119 e 120).

Contudo, em relação ao problema da manutenção do carisma, enquanto performance de conduta moral, Campos faz uma ressalva. Para os Ave de Jesus:

[...] a *mimesis* está ao alcance daqueles que se empenham na vida da mendicância. Entende-se, então, que o carisma pode ser adquirido. Em verdade ele deve ser perseguido como um fim. [...] Através dos Ave de Jesus aprendemos que o carisma, além de fonte de liderança, é também fonte de sociabilidade (Ibidem: 120 e 122).

Nesse sentido, poderíamos argumentar que, aquilo que pode ser adquirido (o carisma), por meio da *mimesis* de uma vida exemplar, como a do Cristo, igualmente pode ser perdido pela ausência desse comportamento. Desse modo, ao estendermos o argumento, num paralelo com o *Grupo de Oração Frei Jerônimo*, podemos interpretar a liderança do frei, perante seu grupo, como algo que pode ser questionado, na medida em que pode ser desacreditado, por não corresponder ao comportamento moral que fornece bases seguras para o exercício da liderança carismática do taumaturgo – o portador da cura. Se a liderança carismática, como diz Weber, encontra sua legitimação na fé, que emana do próprio líder carismático – de sua auto-afirmação, como portador do poder sobrenatural e extra-cotidiano –, essa mesma fé demanda, por sua vez, do assentimento dos fiéis, como dever a ser cumprido e zelado, nunca negligenciado.

Assim, se na qualidade de auto-proclamado portador do dom da cura – fruto de sua fidelidade a Deus –, Jerônimo cobra igual obediência dos seus adeptos, sob a ameaça do dom

ser negado ou perdido para sempre, por falta de zelo. Esse mesmo zelo deverá ser cobrado ao taumaturgo, que deve ser mantido sagrado e protegido pelo grupo. O dom da cura, portanto, torna-se um valor em si, incorporado e revestido de caráter sacro. Torna-se mesmo um valor central à existência, constituição e sustentação do carisma do frei, e, por extensão, do grupo. Se o frei perder esse dom - em aventuras não-sacras, isto é, profanas -, perde também seu carisma e põe em perigo a coesão e o futuro da comunidade dos fiéis.

Ocorre que, uma das leituras possíveis dos fiéis sobre a aventura política do frei, pode lançar luz na forma como esse grupo se estrutura em torno da proteção, produção e reprodução do dom, do qual o ex-frade é o fiel repositório, assim legitimando seu carisma. No episódio da “traição política”, percebemos, portanto, duas lógicas em conflito aberto, que não passou despercebido pelos fieis. Uma é a lógica do clientelismo - baseada no populismo típico de nosso jeito de fazer política, no qual a quebra de lealdades e as reviravoltas de apoio, pela troca de favores são comuns (e até esperadas) entre os **políticos profissionais**; e a outra é a lógica do dom, da prestação e da contraprestação, que cria aliança e compromisso (MAUSS, 2003), nesse caso, construído pela parceria histórica com a prefeita de Olinda. Essa lógica - a qual o sacerdote atropela em sua decisão de se aliar à oposição - faz ressaltar a suspeita de traição, haja vista que o frei - do ponto de vista dos fiéis - não correspondeu à contraprestação assumida, quando se aliaram, enquanto grupo, à prefeita.

Jerônimo demonstra alguma ingenuidade ao permitir ser influenciado por um candidato opositor, apostando apenas em seu carisma, ou na leitura que deles fazem os seus adeptos, já que propostas concretas ele não informou nenhuma. O motivo alegado pelo frei para se candidatar é o de conseguir fundos para a construção de uma vaga “Fundação Frei Jerônimo”. Ele se esquece ou ignora que, como diz o adágio popular, “Deus dá, Deus tira”.

Trata-se de uma aposta alta, que remete à briga com o Arcebispo, ocasião na qual, segundo um informante: “Ele foi desobediente, pois comprou uma briga que não podia pagar. Não tinha armas para entrar nessa briga”, nos confidenciou um voluntário. Outra coisa que sobressai aqui é a clara divisão do grupo em dois subgrupos que se opõem quanto ao papel do frei nesse episódio. Um acha que a candidatura seria um “atalho” para a consecução dos projetos do frei. Nesse subgrupo destacam-se os seus líderes “leigos”, como é o caso de um médico que presta assistência às “velhinhas” e de uma das coordenadoras, que apóiam a

candidatura. Do outro lado estão os obedientes, aqueles que não fazem parte da hierarquia do grupo, mas temem as consequências da experiência eleitoral.

4.4 - Desregulamentação e dessecularização religiosas

“Daí a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”
(Mateus, 22:21)

Na perspectiva da discussão teórica sobre os temas da secularização e da dessecularização, na esteira da “desregulamentação do campo religioso”, observamos um acirrado debate em busca de respostas, o qual resultou numa multidão de estudos e na produção de diferentes, mas fecundas categorias de análise para visualizar as grandes tendências em transformação no panorama religioso contemporâneo, a exemplo da emergência das comunidades emocionais (HERVIEU-LEGER, 1997); do enfraquecimento das instituições eclesiais (BECKFORD, 1989); do fortalecimento de uma nova religião do *self* (HEELAS, 1996); do processo de orientalização em curso no Ocidente (CAMPBELL, 1997), etc.

É claro que nem sempre esses autores concordaram entre si, nem suas teorias podem ser diretamente intercambiáveis no espaço da mesma equação para o problema. Contudo, eles tendem a sublinhar a ampliação, cada vez mais perceptível, do voluntarismo, da autonomia e do individualismo dos fiéis – em sintonia com a modernidade –; em detrimento do apelo coletivo das instituições – traço comum das religiões tradicionais. Há, portanto, que se discutir o alcance das teorias que postulam, pela ênfase na desregulamentação institucional, um inevitável e linear processo de dessecularização da religião, em curso inexorável no campo, sobretudo recorrendo ao comportamento demonstrado pelos Novos Movimentos Religiosos.

A guisa de conclusão, resta ver se a busca, pelos fiéis, por uma maior autonomia – o que implica necessariamente um anseio por desregulação religiosa – implicaria também num rompimento absoluto com as instituições. À luz dos últimos desdobramentos que ocorreram no GOASFJ, relatados neste artigo, tendemos a relativizar tal proposição, na medida em que os fatos parecem revelar que – não obstante o desafio desregulamentador lançado pelo frei à Igreja – paradoxalmente, ainda resultam espaços para cultivar reações institucionalizantes por parte dos adeptos, pelo menos entre aqueles que interpretaram negativamente a mediação de

Jerônimo com a política partidária. O caso relatado denota uma incontornável oposição entre os campos da religião e da política.

Vejamos, sobre isso, o seguinte depoimento de uma voluntária:

“Eu sei o que é a política, por que meu filho é assessor de um político. E eu vejo ele fazendo coisas que eu não ensinei ele a fazer. Por exemplo, se ele está em casa e o telefone toca e ele diz que está em reunião, para não atender a pessoa que ligou. Não ensinei ele a mentir. Se Frei Jerônimo entrar para política ele não vai se corromper?”
(Informante 19, 47 anos, 09/09/2008)

Não há dúvida que, retomando mais uma vez ao mestre Weber, todo processo de desregulamentação, levado a efeito por uma ação carismática, tenderá, com o tempo, a se burocratizar, a se racionalizar, pois uma revolução desinstitucionalizante tem seus limites e todo o processo revolucionário, desestabilizador da ordem constituída, acaba, para sobreviver, se institucionalizando em novas bases (MARIZ, 2003: 176). Em outras palavras, parece que o frei apostou numa maior autonomia, enquanto seu grupo se manteve, mesmo que de forma fluida, certa institucionalização, haja vista as suas mediações com a prefeitura e outros espaços institucionais.

O líder carismático afirma o seu caráter especial, como oriundo de uma natureza sobrenatural, contudo a repetição automática de seu poder levaria a um processo de racionalização desse mesmo poder, mediado por discursos de reforço ritualizado, onde a “experiência” da ação do dom, fonte da renovação espiritual, perde proeminência para uma reificação da figura do portador do carisma, dos discursos sobre ele e do culto à sua imagem.

Em outras palavras, a experiência do dom, da eficácia do carisma (que produz, numa comunidade emocional, vínculos, contato, reforço afetivo e sentido existencial a um grupo de fiéis; fenômeno que vai de par com a desinstitucionalização e a desregulação religiosas, e pelo qual o ritual, a vivência, a experiência religiosa causa uma impressão emocional e física nos fiéis) sai de foco para a reemergência da figura do legado religioso, do mediador e agente *vicarius* de Deus, concentrando em si poderes excepcionais, dos quais é dispenseiro. Esse *vicarius* lidera e faz acordos com o mundo em vez de se rebelar contra ele - ou, pelo menos, só se rebela contra uma determinada corrente política, por força dos compromissos de campanha assumidos.

Não obstante essa perspectiva, no grupo Frei Jerônimo, pelo contrário, é o caráter taumatúrgico/mágico original – sustentado pelo assentimento dos adeptos e que remete ao substrato místico da cultura religiosa popular, sobretudo no Nordeste brasileiro –, que se afirma, em detrimento, agora, de uma aposta na opção político-partidária. Essa opção traz um desequilíbrio no sistema de forças que sustentava – pelo dom e o contra-dom – o grupo, na medida em que introduz uma potência estranha e mundana: o poder político institucional, cujo mecanismo exclui, ou pelo menos, não se estrutura com base na ação gratuita da dádiva. Trata-se, aqui, de uma outra lógica de poder.

Em resumo, se é verdade que Frei Jerônimo, expressando seu carisma voluntarista, liderou um grupo de católicos “reencantados” em uma aventura dissidente da ortodoxia da Igreja Católica e, assim, ofereceu-lhe um desafio desinstitucionalizante, por meio da insubmissão à hierarquia eclesiástica tradicional; se é igualmente correto que o ex-frade habilmente construiu uma associação, por meio de homologias simbólicas, entre as demandas individualistas de seus seguidores e uma prédica ritualística, propiciatória de curas divinas e eventos miraculosos – fato que o revestiu de um poder carismático, fundado no assentimento compromissado de seus seguidores e na fé reconhecida em sua taumaturgia; vimos ser também correto, pelos desdobramentos narrados neste texto, que as mesmas engrenagens (desinstitucionalização e ênfase no simbolismo sobrenatural) foram postos em funcionamento – agora por alguns dos seus voluntários – para impedir que o processo de racionalização dessecularizante fosse longe demais, além do limite que colocaria em perigo a identidade e a coesão da comunidade de fiéis, mantida pela circulação do dom sagrado da cura, que deve ser protegido do risco da perda do carisma ao qual está associado, diante da possibilidade de negociá-lo em acordos partidários e misturá-lo ao mundo profano da aventura política.

Afinal, quando “o verdadeiro pastor se preocupa com seu rebanho” – tudo o mais é absolutamente secundário.

Considerações finais

Como visto nesta dissertação, busquei analisar, sob o ponto de vista sócio-antropológico, a formação, estruturação e organização de um grupo de leigos católicos que – sob a liderança de um líder carismático afastado da Igreja, por entrar em conflito com a Arquidiocese de Olinda e Recife - optou pelo caminho da desinstitucionalização da hierarquia católica, pela desregulação de suas práticas litúrgicas e pela autonomização dos seus papéis enquanto agentes de mediação com outras instâncias da sociedade mais ampla.

No estudo que empreendi, terminei em acordo com as idéias de Marcelo Camurça e Cecília Mariz (2006), que argumentam em favor do grande pluralismo e da diversidade religiosos no campo do Catolicismo brasileiro. Tal diversidade pode ser encontrada no Grupo de Oração e Ação Social Frei Jerônimo (GOASFJ), considerando que, mesmo diante do fato de terem optado em seguir um padre afastado pela Igreja, não negam seus integrantes a sua identidade como católicos – até mesmo mais católicos que o Arcebispo, que não soube, não quis, ou não pode conciliar-se com o frei, preferindo o rompimento ao diálogo, tendo por seguimento a posterior demissão deste último de suas atividades eclesiais.

Essa matriz de diversidade também se manifesta na forma como o grupo estudado se reestrutura interna e externamente, após o episódio do afastamento do frade. Nessa perspectiva, vimos como o GOASFJ empreende um ritmo no qual vigora uma calculada ambigüidade, considerando que: ora se afasta de modelos eclesiais do Catolicismo romano; ora deles se aproxima – o suficiente para evitar um rompimento radical com a catolicidade -; ora os reformula de forma criativa para adaptá-los mais condizentemente com suas demandas internas.

Nessa perspectiva, percebi como os seguidores do frade têm por modelo tanto as experiências surgidas no interior da Igreja (tais como os grupos e movimentos de leigos, alguns tão diferentes entre si, como são as CEB's e a Renovação Carismática Católica); como também uma forte influência do Catolicismo tradicional de cunho popular, se consideramos como dessa categoria a ênfase dada pelos fiéis aos poderes miraculosos do frei, com seus rituais de cura, exorcismo e de libertação espiritual.

Vimos também como o frade, respondendo a essas demandas, produz elementos novos de liturgia (embora não em doutrina) decalcados da missa católica, combinando-os com apelos à subjetividade dos seus fiéis, suas emoções e suas preocupações imediatas - como dores concretas e sofrimentos pessoais - se estendendo – no máximo – aos seus familiares. Nesse particular, a ênfase na experiência emocional do “toque do Senhor”, cujo Espírito é corporificado no frade, imanentiza a presença da divindade, tornando-a um agente poderoso que se manifesta no intramundo, ocupando-se com as necessidades mezinhas dos seus seguidores e não com as grandes questões teológicas e filosóficas do Ser.

No tocante à organização do trabalho voluntário, a diversidade postulada aqui se expressa no caráter de desregulação e desinstitucionalização, detectado na relação do grupo com a hierarquia católica, convivendo com um perfil regulamentado e reinstitucionalizado, em atendimento às necessidades de organização, manutenção e perpetuação do GOASFJ. Tal caráter emerge quando os seguidores do frade deliberaram acerca do imperativo de, por um lado, regular as equipes de serviço voluntário, que tem objetivos definidos e clara liderança; e por outro, se relacionar com instâncias externas de poder institucional, com as quais buscam mediação, apoio, afirmação e acordos recíprocos, a exemplo da Prefeitura Municipal de Olinda, de partidos políticos, de jornalistas e empresários.

Voltando ao diapasão tradicional, agora no sentido de anti-progressista ou anti-moderno, observamos como alguns fiéis – sobretudo aqueles de extrato social mais baixo e de pouca instrução – demonstraram resistências e censuras às aventuras político-partidárias de Frei Jerônimo, afirmando (talvez com alguma sabedoria, já que a aventura não resultou satisfatória) que “religião não se mistura com política”; querendo talvez dizer que, já que se tratava de uma disputa eleitoral – o poder autárquico, representado pela figura tradicional do padre, não se coaduna com as regras do jogo democrático, nas quais sobressaem-se aspectos de negociação e barganha; marcha e contra-marcha.

Tal não foi o julgamento de algumas testemunhas de extrato social e escolaridade mais elevados, que constituem, de fato, o subgrupo de voluntários que comandam o GOASFJ. Não ignorei as esperanças que depositaram na saída político-partidária para a questão do desenvolvimento e perpetuação do grupo. Também, não deixei de testemunhar a decepção pela derrota eleitoral, bem como a ira pela suposta “desobediência das velhinhas” que não

votaram no frei, bem como suas conseqüências retaliativas – a ameaça do corte na distribuição “gratuita” de remédios.

Ainda demorando-me nesse viés de observação, percebi igualmente a recorrência de práticas assistencialistas, para a solução e tratamento dos problemas apresentados pela clientela mais humilde dos louvores de Frei Jerônimo. Embora ele apresente vagos planos de constituir certa “Fundação Assistencial Frei Jerônimo”, cujo objetivo seria a educação dos pobres, por meio de escola infantil e cursos profissionalizantes; até o presente momento o grupo tem se contentado em distribuir mantimentos e remédios às “velhinhas do frei”, reproduzindo um círculo bem conhecido de dependência clientelista de inclinação paternalista, bem típicos da história e do *ethos* brasileiro.

Com Danielle Hervieu-Legér, postulamos que alguns aspectos encontrados nas celebrações e louvores empreendidos pelo GOASFJ aproximam-se do modelo das religiões de comunidades emocionais, que apresentam como liderança uma personalidade carismática. O carismático em questão é um frei afastado da Igreja Católica acusado de “curandeirismo” e de fazer “antiliturgia”, na perspectiva da Arquidiocese de Olinda e Recife. O mito fundador do grupo é a cura milagrosa de uma mulher com erisipela. Vimos como o frei retoma esse mito constantemente, agora sob a forma ritual dos louvores, pelos quais o apelo às curas – repetição ritual do “milagre de Jupira” – é um lugar-comum. De par com a possibilidade de repetição desse milagre, há os testemunhos os quais, no plano simbólico, funcionam como mecanismo de reiteração psicológica dos feitos heróicos do frade. Todo o fiel que alcança uma graça se predispõe – se obriga até - a relatar essa mesma benção para a comunidade de fiéis, retroalimentando e pondo em circulação o carisma do frei. Esses dois momentos – os clamores por cura espiritual e os testemunhos - são estruturados em uma intensa e particular tensão emocional, que toma a forma ora de atitudes introspectivas de oração, ora de uma explosão de cânticos e movimentos corporais. Nessa dinâmica, típica dos louvores do Frei Jerônimo, observei como se recobre de relevância tanto a fala do frei, que se dirige diretamente aos fieis, sem mediadores, como o contato físico entre eles – em suma, duas perspectivas do “toque do Senhor” que se distinguem e se complementam, com grande ênfase na expansão e exposição emocionais.

Após essa breve rememoração, para as quais fiz - a luz das teorias aplicadas - o elenco e a reflexão das questões que julguei – frente a uma multidão de outros assuntos importantes -

de maior relevância para meu argumento, no período em que estudei o GOASFJ, resta saber agora como esse grupo se apresenta diante da grande discussão existente sobre o campo religioso contemporâneo, que remete à compreensão dos processos de destradicionalização e desregulação do campo religioso em relação com os fenômenos da secularização e/ou dessecularização da sociedade – observados na perspectiva da realidade sócio-cultural nordestina e brasileira.

A perspectiva teórica mais poderosa, tocante à compreensão do destino, da função e do lugar da religião na modernidade aponta para uma longa estrada que se estende até à boca de um abismo. Os novos profetas de um humanismo laico – a nova religião que emerge triunfante do abismo superado da superstição e do fanatismo –, como que manejando profecias que se auto-realizam, já dão como certo a inutilidade e obsolescência das religiões, suas hierarquias sacerdotais e seus mandamentos irracionais. É tudo uma questão de tempo apenas, em que o processo de secularização religiosa do mundo, levado a efeito pela expansão e popularização das luzes da ciência, liquidaria de uma vez por todas com os misticismos e as ignorâncias dos povos – incluindo-se aí a religião.

Frente ao quadro esboçado por alguns cientistas sociais, que desenha uma curva cada vez mais descendente no percentual daqueles que se auto-identificam como católicos no Brasil (onde até surpreendemos uma certa torcida para que tal fato se torne uma realidade inelutável), poderíamos concluir que o fim da dita supremacia católica (e cristã) seria igualmente uma questão de tempo, e que – não suficiente com isso – igualmente o fim do Catolicismo no Brasil, ou pelo menos o começo do fim. Contudo se interpretarmos os dados frios e duros das estatísticas menos ao pé da “letra que mata”, e mais próximos do “Espírito que vivifica”, observaremos que, se no aspecto quantitativo o Catolicismo está em queda, tal como um anjo em direção ao abismo; no qualitativo eles, os católicos, têm demonstrado mais fôlego para posar de - “Legião: porque somos muitos!”.

A pesquisa demonstrada aqui – e seus resultados – tenta se inserir na discussão dessa segunda perspectiva. Afinal de contas, o que significa ser católico hoje no Brasil? Para os integrantes do GOASFJ ser católico significa partilhar de uma comunidade de fiéis comprometidos, não só com o patrimônio da fé, mas também e firmemente com seus integrantes; que seja liderada por alguém que demonstre conhecer e se interessar por seus problemas miúdos, porém concretos e sofridos; que se expresse numa linguagem franca, sem

latinismos, e que opere uma abertura não burocrática ao Sagrado, sem alijar-se do mundo contudo; que não inspire temor, nem faça perseguições, mas traga confiança, compreensão e acolhimento; que acene com uma esperança sempre nova, diante da presença de um Deus intramundano, o qual garanta, com sua ação miraculosa, a certeza de que, não importa o que aconteça, melhores dias sempre virão.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Fabiane Machado. *Comunidades eclesiais de base na história social da Igreja Cariacica*. Vitória: UFES, 2007. 193 f. Orientador: Valter Pires Pereira (Dissertação de mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo.

BECKFORD, James. *Religion and Advanced Industrial Society*. London-Winchester: Umwin Hyman Ltd, 1989.

BECKHÄUSER Alberto. *Os fundamentos da Sagrada Liturgia*. Petrópolis: Vozes, 2004a. (Coleção Iniciação à Teologia).

_____. “Apresentação”. In: IGREJA CATÓLICA. *Instrução Geral sobre o Missal Romano, pela Congregação do Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos*. Petrópolis: Vozes, 2004b.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Obras escolhidas*. Brasiliense: São Paulo, 1994. pp. 197-221.

BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

_____. “A dessecularização do mundo: uma visão global”. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, 21(1): pp. 9-23, 2001.

BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. 5 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998. (Coleção Primeiros Passos).

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Dermatologia na Atenção Básica*. 1. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. (Série Cadernos de Atenção Básica, n. 9 – DAB).

CAMPBELL, Colin. “A orientalização do ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio”. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 18, n.1, pp. 5-22, ago. 1997.

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. “Para além da dominação: carisma e modo de vida entre os Ave de Jesus”. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, pp. 117-130, jul. 2005.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. “A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE-2000”. In: TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata (orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006. pp. 35-48.

CRUZ, Claudia Maria da Silva; ROGERIO, Janecléia P. “Fé, esperança, cura: práticas do ‘Frei’ Jerônimo”. In: ENCONTRO DE CIENCIAS SOCIAIS NORTE E NORDESTE, 13, 2007, Maceió (AL). *Anais...*, Maceió, UFAL/13º CISO, 2007.

CRUZ, Claudia Maria da Silva; SILVA, João Marcelo. “O verdadeiro pastor se preocupa com seu rebanho e não com o templo de pedra e as leis”. In: CONGRESSO INTERNACIONAL/CICLO DE ESTUDOS SOBRE O IMAGINÁRIO, 15, 2008, Recife (PE). *Anais do XV Congresso Internacional/Ciclo de Estudos Sobre o Imaginário: Imaginário do envolvimento/desenvolvimento*. Recife: Editora Massangana/Fundaj, 2008.

DURKHEIM, Émile. *Formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico da Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FINKLER, Pedro. *O formador e a formação*. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

FRESTON, Paul. “Breve história do pentecostalismo brasileiro”. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FRIGERIO, Alejandro. “Exportando guerras religiosas: as respostas dos umbandistas à Igreja Universal do Reino de Deus na Argentina e no Uruguai”. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (org). *Intolerância religiosa: impactos do Neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 2007. p. 71-118.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Prefácio: Walter Benjamin ou a história aberta”. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Brasiliense: São Paulo, 1994. pp. 7-19.

GONZALEZ, Enric. *El País*, Madrid, 14 mar. 2007. Disponível em: < http://www.montfort.org.br/index.php?secao=veritas&subsecao=igreja&artigo=reacoes_sacramentum&lang=bra >. Acesso em: 10/02/2009, 13h25.

HEELAS, Paul. “A Nova Era no contexto cultural”. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1-2, pp. 15-32, ago. 1996.

HERVIEU – LÉGER, Danièle. “Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião?”. *Religião & Sociedade*, n. 18, pp. 31-47, 1997.

IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica: edição típica Vaticana*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

JORNAL DO COMMERCIO. *Frade ainda faz celebrações, mesmo proibido*. Recife, 12 dez. 2001. Segunda Página, p. 2.

KÜNG, Hans. “Se Obama fosse Papa”. *La Repubblica*, 07 fev. 2009. Disponível em: < <http://www.adital.org.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=37239> >. Acesso em: 10/02/2009, 13h20.

MALLIMACI, Fortunato. “Crise do Catolicismo e crise de um tipo de Catolicismo: pluralismo e diversidade no Catolicismo argentino”. In: CIPRIANI, Roberto; ELETA, Paula;

MARIZ, Cecília Loreto e MACHADO, Maria das Dores Campos. “Mudanças recentes no campo religioso brasileiro”. In: *Antropolítica*, Niterói, n. 5, pp. 21-43. 1998.

MARIZ, Cecília Loreto. “Secularização e dessecularização: comentários a um texto de Peter Berger. In: *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro 21 (1): 25-39, 2001.

_____. “A Renovação Carismática Católica: uma igreja dentro da Igreja?”. *Civitas*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, pp. 169-186, 2003.

_____. “Catolicismo no Brasil contemporâneo: reavivamento e diversidade”. In: TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata (orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006. pp. 53-68.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. “ ‘Bailando com o Senhor’: técnicas corporais de culto e louvor (o êxtase e o transe como técnicas corporais)”. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 10-40. jan.-jun. 2003.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: ____ . *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 185-314.

MONTERO, Paula. *Da doença à desordem: mágica na umbanda*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

MOTTA, Roberto. “Sacrifício, mesa, festa e transe na religião Afro-Brasileira”. In: *Revista Horizontes Antropológicos*. UFRS: Porto Alegre, n. 3, p. 31-38, 1995. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/HorizontesAntropologicos/article/view/3811/3069>> Acesso em: 01/10/2008.

NESTI, Arnaldo. *Identidade e mudança da religiosidade latino-americana*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

PALS, Daniel L. “Society as sacred: Émile Durkheim”. In: *Seven theories of religion*. New York: Oxford University Press, 1996. pp. 88-123.

PIERUCCI, Antônio Flávio. “Cadê a nossa diversidade religiosa? – Comentários ao texto de Marcelo Camurça”. In: TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata (orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.

SANCHIS, Pierre. “Religiões, religião... Alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro”. In: SANCHIS, Pierre (org.). *Fiéis e cidadãos: percursos do sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

SEEWALD, Peter. RATZINGER, Joseph. *O Sal da terra: o Cristianismo e a Igreja Católica no século XXI: um diálogo com Peter Seewald*. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

SERBIN, Kenneth P. *Padres, celibato e conflito social: uma história da Igreja Católica no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *O antropólogo e sua magia: Trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SOUZA, André Ricardo de. “Igreja Católica e Mercados: A ambivalência entre a solidariedade e a competição”. In: *Religião & Sociedade*, v. 27, n. 1, pp. 156-174, jul. 2007.

TAUMATURGIA. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VICTOR, Turner. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

WEBER, Max. A política como vocação. In: _____. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 2002. pp. 55-89.

_____. Os três tipos puros de dominação legítima. In: _____. *Weber: sociologia*. São Paulo: Ática, 2004. p. 128-141.

WESCHENFELDER, Aline. “A cura como pretexto de arrebanhamento”. In: *UNIREvista*, v. 3, n. 1, jul. 2006, pp. 1-9. Disponível em: <http://www.projetoaradix.com.br/arq_artigo/alaic/alaic_2006_13.pdf> Acesso em: 15/02/2009.

Sites visitados: <www.pernambucodeaz.com.br/dh/recife.htm>
 <<http://www.paginaoriental.com/santos/crsfa0410.htm>>
 <<http://www.pernambucodeaz.com.br/dh/projeto.htm>>

RELIGIÃO *Arcebispo determinou o afastamento*

Afastado frade acusado de curandeirismo

O frade franciscano Jerônimo Gomes de Souza, 37 anos de idade e nove de sacerdócio, deixa hoje a Arquidiocese de Olinda e Recife por determinação do arcebispo d. José Cardoso, tido como conservador. O religioso, que desde 95 trabalha na Paróquia de São Pedro Mártir, em Olinda, foi demitido sob acusação de, segundo o frade, praticar uma antiliturgia. "Parece que algumas pessoas me acusaram de fanático e curandeiro", disse. Ele celebrava às quintas-feiras e sábados, na Igreja de São José, a missa da cura dos enfermos. A Arquidiocese não quis se manifestar sobre o assunto.

Sua despedida dos paroquianos será hoje, às 19h30, na Igreja de São José, na Rua do Sol. Frei Jerônimo, natural do Rio Grande do Norte, pertence à Renovação Carismática, tida como a versão católica do pentecostalismo. Os carismáticos acreditam que o cristão pode experimentar a ação do Espírito Santo manifestada em nove dons, dentre eles o do milagre e da cura.

O sacerdote viaja segunda-feira para Israel. "Vou peregrinar em Jerusalém durante um mês", disse ontem, ao final de uma missa. Ele não sabe o que fará quando retornar. "Estou nas mãos de Jesus".

afirmou. Frei Jerônimo contou que foi demitido por meio de uma carta do arcebispo, com quem tentou falar, sem sucesso. Ontem, foi convidado a se encontrar com d. José, o que não foi possível por causa das várias celebrações já marcadas.

O padre, estimado por uma legião de paroquianos, disse que deixa a arquidiocese sem mágoa e com a certeza do dever cumprido. Ele afirmou que é o Espírito Santo que propicia a cura de enfermos

durante a celebração da missa. Segundo alguns fiéis, frei Jerônimo seria responsável "por curas em pessoas com problemas de depressão, dificuldades financeiras, dores e falta de emprego". O frade explicou que, no caso das dificuldades

financeiras, a cura significava "abrir uma luz" para que a pessoa encontrasse uma forma de superar o problema.

REVOLTA - A saída do vigário gerou um clima de revolta entre os paroquianos. O professor Teodomiro Pereira, provedor da Irmandade do Senhor do Bonfim, disse que frei Jerônimo é um "ótimo vigário, uma pessoa querida e estimada por todos".

Frei Jerônimo celebrava às quintas e sábados, na Igreja de São José, a missa da cura dos enfermos. Arcebispo não quis se manifestar sobre o assunto

Recife, sábado, 7 de junho

Curandeiro

Romero Accioly



O arcebispo de Olinda e Recife, dom José Cardoso, decidiu afastar da Igreja o frei Jerônimo Gomes de Souza, 37 anos, acusado de curandeirismo. **Vida Urbana**

Arcebispo afasta padre acusado de realizar sessões de milagres

■ Frei de Olinda teria praticado curandeirismo

Klester Cavalcanti

Aleijados saltando de suas cadeiras de rodas, cegos jubilosos em poder enxergar, surdos ouvindo perfeitamente. Essa imagem emocionante remonta à época de Jesus, mas não agrada à Arquidiocese de Olinda e Recife. Preocupado em evitar manifestações de fanatismo, o arcebispo de Olinda e Recife, dom José Cardoso Sobrinho, resolveu afastar da Igreja o frei Jerônimo Gomes de Souza, 37 anos, acusado de curandeirismo. Entre os supostos milagres, estão casos, como o da menina Bárbara, 9 anos, que era cega e foi curada depois que o frade rezou por ela. "E isso aconteceu no meio da missa, com a igreja lotada", mencionou a dona de casa Luzia Miranda, 55 anos.

"Não sou curandeiro. Apenas sigo o que Jesus Cristo fez e me ordenou que fizesse: curar os doentes que creem no seu poder", defendeu-se o religioso da Ordem dos franciscanos e integrante do Movimento Carismático da Igreja Católica. Há dois anos ele foi encarregado de coordenar as igrejas São Pedro Mártir e São José dos Pescadores, ambas em Olinda. Esclarecendo que não quer atacar seus superiores, frei Jerônimo disse que a decisão do arcebispo não o entristeceu. "Deus sabe o que faz. Tenho certeza de que, no futuro, isso será muito melhor para minha vida cristã", acredita. "Só fiquei um pouco decepcionado, porque dom José Cardoso não procurou conversar comigo. A única atitude dele foi me enviar uma carta, avisando que eu seria excluído", revelou o padre.

Consagrado em 1988, no município de Mossoró, Sertão do Rio Grande do Norte - onde nasceu -, Jerônimo só recebeu o dom de cura que diz ter, há dois anos. Numa noite de sábado, após a missa na igreja São



Frei Jerônimo disse que usa o poder de Jesus Cristo para curar doentes

Pedro Mártir, a dona de casa Jupira Gomes da Silva, 87 anos, pediu para que ele rogasse a Deus pela cura da sua perna, com erisipela. "Disse que rezaria em casa, mas ouvi uma voz, como se fosse Cristo mandando que orasse ali mesmo", lembrou. Frei Jerônimo pediu um copo d'água, espargiu um pouco sobre a perna da enferma, ordenou-lhe que bebesse o restante e decretou: "A senhora está curada, em nome de Jesus". No dia seguinte, Jupira - que padecia da doença há mais de dez anos - apareceu na igreja, literalmente saltitante, para espanto de todos.

Casa cheia - Como geralmente acontece, as curas atraíram mais fiéis às paróquias. "Depois dos milagres, as missas sempre tiveram casa cheia",

disse o vendedor Luiz Carlos Nogueira, 38 anos. Apesar de não fazer parte do grupo dos fiéis mais assíduos, ele atesta o bom trabalho do religioso. "Essa igreja - São Pedro Mártir - nunca foi tão animada como hoje em dia. O povo vai para a missa com alegria e não por obrigação", declarou Luiz Nogueira.

Mas, segundo ele, outros motivos podem ter provocado o afastamento de frei Jerônimo. "O padre é chegado numa cervejinha", revelou. "É claro que ele não bebe como nós pecadores, mas quase todo o dia leva umas duas ou três para casa". Procurado para falar sobre o assunto, o arcebispo dom José Cardoso Sobrinho não foi encontrado pela reportagem do DIÁRIO DE PERNAMBUCO.

Fiéis preparam abaixo-assinado

Duas palavras definem, perfeitamente, a posição dos fiéis das igrejas São Pedro Mártir e São José dos Pescadores: indignação e revolta. Cristão de todas as idades e classes sociais não se conformam com a idéia de o frei Jerônimo Gomes de Souza, 37 anos, ser afastado da Igreja, sob a acusação de curandeirismo. "Estamos nos mobilizando para preparar um abaixo-assinado, solicitando a permanência do padre", adiantou a assistente-técnica da Fundarpe, Ângela Cristina Lins, 41 anos. Em menos de uma hora de abordagem, após a missa da última quinta-feira, ela apurou 168 assinaturas. "Vamos conseguir mais de mil e levaremos o documento ao arcebispo de Olinda e Recife, dom José Cardoso Sobrinho", disse Ângela Lins.

Outra que ainda não aceitou a decisão de dom José Cardoso é a psicóloga Helena Ferreira, 51 anos. "Nunca vi tamanha injustiça. Estou, simplesmente, horrorizada", desabafou a psicóloga. Segundo ela, os ensinamentos de frei Jerônimo fortaleceram a sua fé e de toda a família. "Ele sempre deixou bem claro que os milagres devem ser creditados a Jesus, que o utiliza apenas como instrumento de cura", frisou Helena Ferreira. "Quem resolveu afastá-lo não conhece o que ele já fez pelo povo de Deus".

Entre os fiéis considerados abençoados pelas preces do religioso, a aposentada Lindalva Cavalcante, 46 anos, deve ser lembrada de forma especial. Ela foi uma das últimas pessoas a admitir ter ficado livres de enfermidades pelas orações de frei Jerônimo. "Fiz uma cirurgia de bexiga há três meses e estava sofrendo muito", contou Lindalva. Por causa de uma bactéria que se instalou no seu organismo durante a operação, a cirurgia abriu e ela passou a viver com presença constante da dor. A última missa celebrada por frei Jerônimo de Souza será hoje, às 19h, na igreja São José dos Pescadores, em Olinda.

Recife, 6 de dezembro de 2001 - Quinta-feira

JORNAL DO CO

RELIGIÃO

ARQUIDIOCESE PROÍBE PADRE DE EXERCER FUNÇÃO SACERDOTAL

Padre Jerônimo Gomes de Souza tinha sido afastado da arquidiocese pelo arcebispo de Olinda e Recife em 1977 sob a acusação de praticar uma antiliturgia

NARA LÚCIA

O padre Jerônimo Gomes de Souza, 41 anos de idade e 13 de sacerdócio, está impedido pela Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Olinda e Recife de exercer, em seu território, qualquer função sacerdotal ou religiosa. Está proibido também de exercer "seu suposto dom de curas", conforme nota de sete linhas passada à imprensa, ontem à tarde, da residência do arcebispo Dom José Cardoso.



JC IMAGEM

*Nota à imprensa
foi passada da
residência de Dom
José Cardoso*

Em junho de 1977, ele foi afastado da arquidiocese pelo arcebispo sob a acusação de praticar uma antiliturgia. Na época, frei Jerônimo, como é chamado por ter sido frade franciscano, celebrava

missas de cura dos enfermos na Igreja de São José, no bairro do Carmo, em Olinda. Mesmo afastado da arquidiocese, ele continuou comandando noites de louvor ao Espírito Santo, que tem entre os seus dons o da cura e do

milagre. Os encontros se realizam em residências e espaços alugados.

O sacerdote, ao saber da proibição, também divulgou uma nota, bem mais longa, afirmando que continuará seu trabalho. "Uma vez ordenado sacerdote pela Santa Madre

Igreja Católica Apostólica Romana, o serei para sempre, segundo ordem de Melquisedec, salmo 109, versículo 9", diz.

Mais adiante o padre afirma que "munido do apoio de Deus

e de meu povo, e dos 'supostos dons' que possuo, como diz Dom José em sua nota, assumi a causa dos doentes e pobres, como ele deveria fazer". Em seguida indaga: "Que pastor é esse que só espalha e não acolhe?"

A determinação da Cúria Metropolitana revoltou admiradores do padre. "O sacerdócio é eterno e ninguém pode tirar isso dele, que tem como lema a fé, o amor e o perdão", disse Lizete de Souza Lopes, secretária do sacerdote.

Cecília Cavalcanti, que toda terça-feira participa da noite de louvor no Clube Atlântico, em Olinda, indignou-se. "Não vamos aceitar essa proibição", garantiu. Ela destacou o trabalho realizado pelo padre, que distribui sopa e cestas básicas com os pobres, visita enfermos e todo ano realiza o Natal de 210 idosos carentes.

Divone Leite da Silva, residente no Janga, em Paulista, acha que o sacerdote deve continuar fazendo o seu trabalho e conduzindo as noites de louvor. "Ele vive para a pobreza e para ajudar o próximo."



ARQUIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE
CÚRIA METROPOLITANA
RECIFE - PERNAMBUCO

Ao
Revmo. Fr. Jerônimo Gomes de Souza.

Esta Cúria Metropolitana recebeu, oficialmente, cópia do Rescrito Prot. n. 35118/2000, da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, datado de 19 de maio de 2000 e notificado a Vossa Reverendíssima no dia 18 de julho de 2000, no qual consta sua demissão da Ordem dos Frades Menores, de acordo com os cânones 696-700 do Código de Direito Canônico, demissão confirmada pela Santa Sé.

Em razão deste evento grave que faz cessarem seus votos religiosos e demais vínculos canônicos com o mencionado Instituto Religioso, esta Cúria Metropolitana notifica-lhe que Vossa Reverendíssima está proibido de exercer, no território desta Arquidiocese de Olinda e Recife, qualquer função sacerdotal, clerical, pastoral ou religiosa, como também qualquer ato litúrgico ou paralitúrgico, como celebração da Palavra, orientação de grupos de oração, sessões ou orações de cura ou reuniões religiosas de qualquer tipo ou estilo, com a participação de fiéis, tanto em igrejas, oratórios, capelas ou residências privadas.

Dado e passado na Cúria Metropolitana de Olinda e Recife aos 20 de setembro de 2000.

Mons. Edvaldo Bezerra da Silva
Mons. Edvaldo Bezerra da Silva
Vigário Geral

*Obs: O bispo fez circular
esta carta no jornal e
em todas as paróquias*

PALÁCIO DA VÁRZEA - AVENIDA AFONSO OLINDENSE, 1764 - VÁRZEA - CEP 50.810-000 - RECIFE - PE
C.G.C. (M.F.) Nº 09.756.859/0001-08 - TELEFONE: (081) 271-4270 - FAX: (081) 271-1817



ARQUIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE
CÚRIA METROPOLITANA
RECIFE - PERNAMBUCO

Recife, 15 de setembro de 2000

Da Cúria Metropolitana de Olinda e Recife
Ao Revmo. Sr. Frei Jerônimo Gomes de Sousa

A Cúria Metropolitana de Olinda e Recife, informada da atual situação canônica de V. Revma., pela Província de Santo Antônio do Nordeste do Brasil, convoca-o para um colóquio fraterno com o Sr. Arcebispo, às 09:30h da próxima quarta-feira, 20 do fluente.

Deus guarde V. Revma!

(a) Mons. Edvaldo Bezerra da Silva
Mons. Edvaldo Bezerra da Silva
Vigário Geral *Vig. Geral*

DECRETO

Per le ragioni sopra esposte

e a norma del diritto

dimettiamo dall'Ordine dei Frati Minori

e dichiariamo dimesso a tutti gli effetti

FR. JERONIMO GOMES DE SOUZA,
Membro della Provincia di Santo Antônio di Recife
in Brasile.

A norma del can.700, il medesimo Fr.Jeronimo Gomes De Souza, ha il diritto di ricorrere contro il presente Decreto di dimissione alla Sede Apostolica, con effetto sospensivo, entro dieci giorni dalla ricezione della comunicazione.

Contrariis quibuslibet non obstantibus.

Dato a Roma, dalla Curia Generale dell'Ordine,
il giorno 27 del mese di marzo dell'anno 2000.

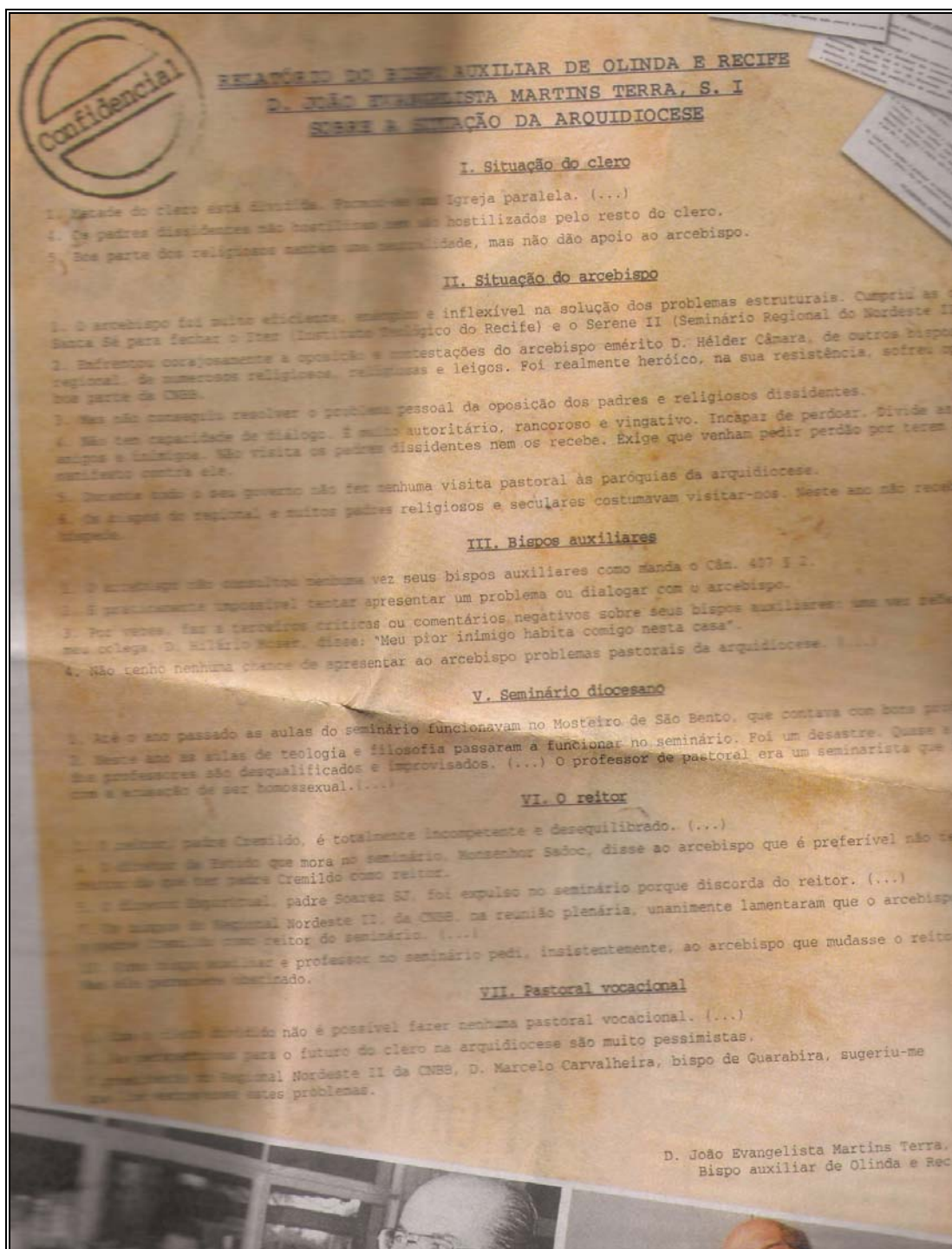


Fr. Giacomo Bini
Fr. Giacomo Bini, ofm
Ministro Generale

Fr. Antonio Riccio
Fr. Antonio Riccio, ofm
Procuratore generale

declaro-me ciente do decreto acima exposto

Fr. Jeronimo Gomes de Souza 18-07-2000
Prot. 089178



Anexo 8: Relatório sobre a situação da Arquidiocese de Olinda e Recife

RELIGIÃO**Frade ainda faz celebrações, mesmo proibido**

Jornal do
Commercio
Recife -
12.12.2001

NARA LÚCIA

Indiferente à proibição, pela Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Olinda e Recife, de exercer qualquer função sacerdotal e “seu suposto dom de curas”, o padre Jerônimo Gomes de Souza comandou ontem mais uma noite de louvor ao Espírito Santo, no Clube Atlântico de Olinda. “Vou continuar o meu trabalho ao lado do povo porque sou um padre independente. Somente o papa pode me impedir de exercer meu sacerdócio”, afirmou.

Frei Jerônimo, como é chamado por ter sido frade franciscano, disse que o arcebispo Dom José Cardoso manda apenas nas igrejas sob sua jurisdição. “Não manda nos colégios particulares, nos clubes e nas casas onde realizo os louvores pela vontade de meu povo.” Em junho de 1997, ele foi afastado da arquidiocese, pelo arcebispo, sob a acusação de praticar uma antiliturgia. Na época, o religioso celebrava missas de cura dos enfermos, na Igreja de São José, em Olinda.

Em apoio ao padre, que tem 41 anos de idade e 13 de sacerdócio, muita gente lotou o Clube Atlântico para participar do louvor. “Se Jesus estivesse aqui, estaria nas favelas, ajudando os mais necessitados. Isso, o verdadeiro cristianismo, é o que frei Jerônimo faz. Distribui medicamentos, cestas básicas, sopa e pão com os pobres e visita enfermos nos hospitais”, disse o engenheiro aposentado Ésio do Rego Barros, residente em Paulista.

O estudante Guilherme Magalhães, que mora em Olinda, afirmou que graças às orações feitas por frei Jerônimo conseguiu ter perspectiva na vida. “Ele me ensinou que tendo fé, tudo se consegue.” Para Fátima Fernandes, do bairro de Campo Grande, o sacerdote está trazendo de volta às igrejas os católicos que se encontravam afastados. “Esse homem é uma bênção de Deus.”

A noite de louvor, com duração de pouco mais de uma hora, começou com frei Jerônimo dizendo que com perdão e fé no coração tudo se resolve, tudo se cura, pela vontade de Jesus e do Espírito Santo. Depois, o padre leu uma passagem do Evangelho sobre o bom pastor que vai atrás de uma ovelha desgarrada. “O verdadeiro pastor se preocupa com seu rebanho e não com o templo de pedra e as leis”, completou.

Na hora das curas e graças, as luzes se apagaram e o sacerdote pediu que Jesus tocasse nas partes enfermas das pessoas. “Jesus cura porque a gente crê”, ensinou. Com velas acesas, os presentes, silenciosamente, pediram que suas graças fossem alcançadas. Depois, frei Jerônimo aspergiu água benta e abençoou muita gente. O louvor terminou com os testemunhos de curas, que as pessoas disseram ter obtido com a ajuda das orações do padre.

Hino do Grupo de Louvores de Frei Jerônimo

Letra e melodia: Diva Veloso

Arranjo musical: Elton Filipe

Refrão: Frei Jerônimo
 mensageiro
 da fé, da paz
 e do amor
 vai louvando
 vai levando
 seu rebanho
 ao Cristo Redentor

Pela fé o milagre acontece
vem chegando do Senhor Jesus
que de bênçãos a todos enobrece
nos enchendo da Divina Luz

Quem vem a este grupo de louvor
sente logo sua vida transformar
a alma fica plena de Amor
e o espírito de luz a transbordar

É uma festa de fraternidade
de alegria e muita união
transmitindo a real felicidade
que plenifica a alma do cristão!